

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

**UMA INVESTIGAÇÃO ETNOMATEMÁTICA SOBRE OS
TRABALHOS DOS JESUÍTAS NOS SETE POVOS DAS
MISSÕES/RS NOS SÉCULOS XVII E XVIII**

Marcos Lübeck

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Scandiuzzi

**Dissertação de Mestrado elaborada
junto ao Programa de Pós-
Graduação em Educação
Matemática - Área de Concentração
em Ensino e Aprendizagem da
Matemática e seus Fundamentos
Filosófico-Científicos, para obtenção
do Título de Mestre em Educação
Matemática.**

Rio Claro (SP)

2005

510.07 Lübeck, Marcos

L928i Uma investigação etnomatemática sobre os trabalhos dos
jesuítas nos Sete Povos das Missões/RS nos séculos XVII e
XVIII / Marcos Lübeck. – Rio Claro : [s.n.], 2005
xv, 150 f. : il., figs., tabs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Pedro Paulo Scandiuzzi

1. Matemática – Estudo e ensino. 2. Educação matemática.
3. Historiografia. 4. Tics de matema. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI – Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Pedro Paulo Scandiuzzi

Prof. Dr. Sergio Roberto Nobre

Prof. Dr. Luís Miguel Nunes Carolino

Marcos Lübeck

Rio Claro, 08 de dezembro de 2005.

Resultado: _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais, Artur e Lucia, que cada dia me mostram que a fé, a humildade, o respeito, a honestidade, a solidariedade, o trabalho, a educação, a dedicação, a persistência, a vontade, a amizade e o amor formam a essência que constitui uma vida de realização plena.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Patrão do Universo e da minha existência, pelas graças e pela vida que tenho e levo.

Às minhas famílias, tanto a de nascimento quanto a de matrimônio, ambas moram em meu coração e fazem parte de mim, saibam que as guardo com muito afeto e sei que pouco seria se não as tivesse sempre e incondicionalmente do meu lado com tanto bem, apego e afeição. Foi com vocês que eu aprendi o sentido da felicidade.

Aos meus amigos, verdadeiros irmãos de sangue e/ou de vivência, vocês são o que há de melhor na vida de um ser humano. A nossa amizade terna e valorosa me faz tê-los sempre como modelos. Faltam-me palavras para expressar o quanto lhes quero bem, porém reafirmo-lhes, os meus sentimentos de lealdade.

Ao meu orientador e amigo, pela sua dignidade e ética, pelo seu profissionalismo e competência, pelo seu humanitarismo e valor enquanto pessoa e educador, sempre me mostrando como ser uma pessoa melhor e mais virtuosa, teu exemplo seguirá comigo por onde quer que eu esteja. A você Pedro Paulo, meu respeito, minha amizade, gratidão e admiração.

Aos meus professores, mestres que muito de si deixaram para que eu pudesse sempre melhorar, que eu transcenda e possa fazer o mesmo com os outros quando chegar à vez.

Aos meus colegas, cuja convivência valeu a pena pela sociabilidade, onde aprendi muito com a diversidade de cada um.

Aos servidores técnicos e/ou administrativos, cuja participação na minha jornada acadêmica é muito valorosa e sei que sem vocês não poderia ter concluído esta etapa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e a Universidade Estadual Paulista, pelo suporte que disponibilizaram para eu ampliar meus horizontes e desenvolver o meu trabalho, o qual se engrandece levando o nome desta Instituição.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico – CNPq – Brasil, pelo apoio financeiro.

A todas as outras pessoas, que de um modo ou de outro participaram para a realização deste trabalho, meu reconhecimento.

À minha amada Kelly, a dona dos meus melhores sentimentos, do meu amor e carinho, você é o que eu tenho de melhor e mais puro no coração. Obrigado por estar comigo, me apoiar, incentivar e amar, nunca titubeando ao dar o teu melhor para o nosso bem estar. Por tudo, meus sinceros agradecimentos.

*Se os homens da guerra mateassem ao pé do fogo,
deixariam o ódio para trás antes de lavar a erva e o
mundo ficaria em paz.*

Autor Desconhecido.

SUMÁRIO

Índice.	i
Índice de Tabelas.	iii
Índice de Ilustrações.	iv
Resumo.	vi
Abstract.	vii
Resumen.	viii
I – Introdução.	1
II – A Investigação Etnomatemática.	9
III – A Contextualização.	25
IV – As <i>Ticas</i> de <i>Matema</i> .	97
V – Considerações Finais.	128
VI – Referências.	132
VII – Anexos.	143

ÍNDICE

I – Introdução.	1
1.1. Prólogo.	2
1.2. – Estrutura da Dissertação.	7
II – A Investigação Etnomatemática.	9
2.1. – O <i>Etno</i> .	10
2.2. – A Pesquisa Etnomatemática.	12
III – A Contextualização.	25
3.1. – O Tema.	26
3.2. – O Espaço e o Tempo.	31
3.2.1. – Portugal e Espanha.	31
3.2.2. – A vinda para a América.	35
3.2.3. – A Conquista.	39
3.2.4. – A Companhia de Jesus.	41
3.2.5. – As Reduções.	47
3.2.6. – Os Sete Povos das Missões.	61
3.3. – Os Personagens.	68
3.3.1. – Memorial sobre o Padre Antônio Sepp, SJ.	68
3.3.1.1. – Suas Obras.	75
3.3.2. – Memorial sobre o Padre Boaventura Suárez, SJ.	84
3.3.2.1. – Suas Obras.	90
IV – As <i>Ticas de Matema</i> .	97
4.1. – As Matemáticas nos Trabalhos dos Jesuítas.	98
4.2. – Como estas Matemáticas se articulam nestes Trabalhos.	102
4.3. – A influência e ligação destas Matemáticas com o social e o cultural.	112
4.3.1. – A relevância destas Matemáticas.	123
V – Considerações Finais.	128
5.1. – Epílogo.	129

VI – Referências.	132
VII – Anexo A.	143
Anexo B.	145
Anexo C.	147
Anexo D.	148
Anexo E.	149
Anexo F.	150

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Coordenadas e distâncias dos Sete Povos das Missões.	64
Tabela 2: Cronologia da vida do Padre Antônio Sepp.	69
Tabela 3: Cronologia da vida do Padre Boaventura Suárez.	85

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Vista lateral dos remanescentes da Redução de São Miguel das Missões/RS. Construção setecentista Jesuítico-Guarani.	2
Ilustração 2: Umbu sobre escombros em São Miguel das Missões/RS.	3
Ilustração 3: Ruínas de São Miguel das Missões/RS, declaradas Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO em 06/12/1983. Sítio aberto para visitação.	5
Ilustração 4: Mapa da Europa no ano de 1500.	32
Ilustração 5: Gravura ilustrando Loyola e seus confrades recebendo a bênção do Papa.	42
Ilustração 6: Mapa do Brasil apresentando as linhas limítrofes dos Tratados de Tordesilhas, Madri e Santo Ildefonso.	48
Ilustração 7: Mapa para as minas de Potosí na Bolívia.	49
Ilustração 8: Mapa do Itatim, Tape e Guairá.	52
Ilustração 9: Mapa da localização dos Trinta Povos Jesuítico-Guarani.	53
Ilustração 10: Planta da Redução Jesuítica de São Miguel indicando edifícios, praça, logradouros, igreja, quinta e cemitério.	58
Ilustração 11: Mapa das Missões. Os Sete Povos das Missões estão representados no canto inferior direito da figura.	63
Ilustração 12: Gravura que satiriza o desamparo dos Jesuítas ao serem expulsos.	67
Ilustração 13: Páginas de rosto das primeiras edições das obras do Padre Antônio Sepp em Alemão e Latim.	83
Ilustração 14: Páginas de rosto das primeiras edições do <i>Lunário</i> do Padre Boaventura Suárez.	95
Ilustração 15: Páginas internas do <i>Lunário</i> do Padre Suárez, do ano de 1752.	96
Ilustração 16: Monumento em homenagem à siderurgia do Padre Antônio Sepp em São João Batista/RS.	105
Ilustração 17: Sino de igreja fundido nas reduções missioneiras. Museu de São Miguel das Missões/RS.	106
Ilustração 18: Relógio de Sol em mármore branco do Colégio Jesuítico de Santa Fé/Argentina.	109
Ilustração 19: Planta estilizada da Redução de São João Batista/RS datando o século XVIII.	113

Ilustração 20: Estátua estilo Barroco Missioneiro. Museu de São Miguel das Missões/RS.	115
Ilustração 21: Relógio de Sol em pedra grés. São Miguel das Missões/RS.	117
Ilustração 22: Pia Batismal em pedra grés. São Miguel das Missões/RS.	121
Ilustração 23: Ferramentas missioneiras: enxadão, picão e cunha, todas de ferro.	125
Ilustração 24: Cruz Missioneira no sítio de São Miguel das Missões/RS. Elemento-símbolo da região das missões no Rio Grande do Sul.	130
Ilustração 25: Crianças Guarani vendendo artesanato no sítio das Ruínas de São Miguel das Missões/RS como forma de sustento para a família.	131

RESUMO

Uma Investigação Etnomatemática Sobre os Trabalhos dos Jesuítas nos Sete Povos das Missões do Rio Grande do Sul nos Séculos XVII e XVIII é um estudo que traz entendimentos sobre a presença das *ticas* de *matema* nas atividades dos Jesuítas neste local e período. Com base numa pesquisa bibliográfica, busca-se olhar que trabalhos eram realizados, como as *ticas* de *matema* se articulavam nestes, de que maneira elas estavam ligadas com o sociocultural e qual a sua relevância. É um exame histórico envolvendo o Programa Etnomatemática, que explora aspectos sociais/culturais relacionados com a díade Jesuíta-Guarani, visando recolher nos temas da vida cotidiana fatos para explicar o ser/saber/fazer/conviver humano, efetivando e reconhecendo por uma Historiografia Holística na Educação Matemática a Transculturalidade e a Transdisciplinaridade. Este entendimento evidencia os distintos pensamentos matemáticos das diferentes culturas e suas dinâmicas. A percepção do ser/saber/fazer/conviver no ambiente das Missões denota: o *matema*, que indica o potencial do ser humano ao longo da sua presença neste espaço, sua ânsia de sobreviver e transcender, entender, explicar, conhecer, criar e inovar; as *ticas*, que são distintos artifícios, artes ou técnicas, habilidades desenvolvidas na cultura dentro das características próprias do grupo; o *etno*, que são os Jesuítas Missioneiros.

Palavras-Chave: *Ticas* de *Matema*. Jesuítas nos Sete Povos das Missões. Etnomatemática. Educação Matemática. Historiografia.

ABSTRACT

An Ethnomathematics Investigation about the Works of the Jesuits in the Seven People of the Missions of Rio Grande do Sul in the Centuries XVII and XVIII is a study search to understandings on the presence of the *tics* of *mathema* in the activities of the Jesuits at that place and period. With base in a bibliographical research, it is looked for to see that works were accomplished, how the *tics* of *mathema* pronounced in these, that it sorts things out they were linked with the socio-cultural and which its relevance. It is a historical exam involving the Ethnomathematics Program, that explores social/cultural aspects related with the pair Jesuit-Guarani, seeking to collect in the themes of the life daily facts to explain the being/to know/to do/to live together human, executing and recognizing for a Holistic Historiography in the Mathematical Education the Transculturalities and the Transdisciplinarity. This understanding evidences the different mathematical thoughts of the different cultures and their dynamics. The perception of the being/to know/to do/to live together in the environment of the Missions denote: the *mathema*, that indicates the human being's potential along his presence in this space, his anguish of to survive and to transcend, to understand, to explain, to know, to create and to innovate; the *tics*, that are different artifices, arts or techniques, abilities developed in the culture inside of the own characteristics of the group; the *ethno*, that are the Missionaries Jesuits.

Key-Words: *Tics* of *Mathema*. Jesuits in the Seven People of the Missions. Ethnomathematics. Mathematical Education. Historiography.

RESUMEN

Una Investigación Etnomatemática sobre los Trabajos del los Jesuitas en los Siete Pueblos de las Misiones del Rio Grande do Sul en los Siglos XVII y XVIII es un estudio que trae comprensiones de la presencia de las *ticas* de *matema* en las actividades de los Jesuitas en este lugar y período. Con base en una investigación bibliográfica, se busca mirar que trabajos eran realizados, cómo las *ticas* de *matema* se articulaban en éstos, de que manera ellas estaban relacionadas con el socio-cultural y cuál su relevancia. Es un examen histórico que envuelve el Programa Etnomatemático, que explora aspectos del social/cultural relacionado con el par Jesuita-Guaraní, visando recoger en los temas de la vida cotidiana los hechos para explicar el ser/saber/hacer/convivir humano, realizando y reconociendo por una Historiografía Holística en la Educación Matemática la Transculturalidad y la Transdisciplinaridad. Esta comprensión evidencia los distintos pensamientos matemáticos de las diferentes culturas y sus dinámicas. La percepción del ser/saber/hacer/convivir en el ambiente de las Misiones denota: el *matema*, que indica el potencial del ser humano a lo largo de su presencia en este espacio, su ansia de sobrevivir y trascender, entender, explicar, saber, crear e innovar; las *ticas*, que son diferentes artificios, artes o técnicas, habilidades desarrolladas en la cultura dentro de las características propias del grupo; el *etno*, que son los Jesuitas Misioneros.

Palabras-clave: *Ticas* de *Matema*. Jesuitas en los Siete Pueblos de las Misiones. Etnomatemática. Educación Matemática. Historiografía.

I

Introdução

*A mata acena pelas janelas sem vidraças
e trepadeiras enroscam-se pelos degraus da escada...
Silêncio profundo reina no ambiente, sossego tal
que os próprios furtivos passos me assustam
pelo eco que baixinho reflete das paredes.*

(...)

1.1 Prólogo

Ao passo em que se adentra em apreciação sobre personalidades e/ou eventos, devem ser averiguados seus antepassados, suas ciências, suas trajetórias, seus surgimentos, suas imagens e suas organizações. Concomitantemente, deve-se procurar conhecer como viveram bem-aventurados e/ou padeceram seus atores, buscando nas lições do passado modos de ação, representações inspiradoras, ou então, motivos de consolo em seus pesares a serem aproveitados na criação de um futuro melhor, tornando-o de acesso universal, respeitando a singularidade e a alteridade.

É um desígnio poder moldar uma idéia geral de suas histórias, suas condições sociais, culturais, políticas, enfim, dos ambientes em que os seres humanos atuaram com coragem na solidariedade e na cooperação, pontuando traços de interesse, engrandecendo o cenário com o mais belo dos elementos: o homem.

Consiste em uma necessidade conhecer e entender a origem da sociedade em que se vive hoje, seu passado, suas esperanças, suas aspirações e sua índole, para que todas as forças de que ela dispõe possam se unir num mesmo objetivo de progresso e bem estar. Para tanto, compiladas devem estar suas memórias.

Entretanto, para registrar em opúsculos carece-se de motivações especiais, podendo estas terem laços íntimos com a terra, a cultura ou a história. Esta expedição nasce de um todo, deriva da terra, da cultura, da história, e acima de tudo, vem de um forte apelo à emoção e à sensibilidade que há nos resquícios da experiência social e política havida nas plagas demarcadas pela díade Jesuítico-Guarani.

Quer-se seguir de tais princípios para retratar um dos temas de mais agrado, paixão e apreço de confeccionares sobre o Rio Grande do Sul, matéria polêmica e controvertida, que se projeta na clara essência dentro do passado Sul-Rio-Grandense.

Dar-se ao deleite de mostrar um dos mais formidáveis



Ilustração 1: Vista lateral dos remanescentes da Redução de São Miguel das Missões/RS. Construção setecentista Jesuítico-Guarani.

capítulos e ocasião iminente do passado cultural sulino, que se enraíza na exuberância da pura riqueza da tradição, trata-se de um privilégio.

É, pois, no legado missioneiro que se embriaga o fato antropológico da própria formação do gaúcho brasileiro. O enredo que emana desse precioso veio, o folclore e a reminiscência Rio-Grandense, germina em sua maioria da região das Missões Jesuíticas Guarani e de modo fecundo inspira desde simples curiosos até os mais experimentados na arte de investigar.

Do prelúdio de reinterpretar aspectos sobre os Sete Povos das Missões, retomando o íntimo do pensamento e o amor à querência, fazendo isto com uma profissão de fé, de integral e existencial memória de criança à maioridade daquele recanto místico, ao qual quem de lá é, podendo ainda chamá-lo de lar, dá-se destarte este fito.

Os olhares podem ser testemunhas do que resta daquele imenso palco do qual engendrou Sete Reduções Nativistas, fundadas sob o bordão dos Jesuítas, revelando a grandeza das obras da Igreja nas selvas da América Meridional, dando precedentes à origem do Rio Grande do Sul. Este convívio arraiga sentimentos de que aquelas pampas, no desposar aos que as vêem, estariam às coxilhas nuas e incompletas se lá não estivessem as “Ruínas”. É senti-las como permanentes e indissociáveis daquelas paisagens.

Não raro é o senso de contemplação, admiração e orgulho. Porém, tal sensação dista muitas vezes da satisfação com deferência às informações sobre a história dos Sete Povos que vão além do visível e do superficial, fazendo com que se conduza e deseje apreciar com profundidade toda uma história que está encravada sob aqueles alicerces. Então, liberto pela vontade de conhecê-la e responder as dúvidas e indagações que atordoam o intelecto, o impulso de saber que esta experiência notável, singular na historicidade da humanidade, mostra ao mundo que, enquanto o continente americano era considerado selvagem, nas pradarias orientais do rio Uruguai aflorava nos séculos XVII e XVIII uma experiência construída por um conhecimento fundado.

Os monumentos de grandeza particular que remanescem, testemunhos de um labor colossal e organizado, além das formas estéticas são depoentes mudos, escanelados esqueléticos que parcialmente em



Ilustração 2: Umbu sobre escombros em São Miguel das Missões/RS.

pé, sustentam paredes de edifícios, desmoronados ou demolidos, com suas pedras dispersas ao chão, onde a vegetação que num ato de carinho e consolo, da mesma forma de quando foram talhadas pelos homens nativos de séculos atrás, as abraçam e protegem, ficando a impressão de se tratar de algo que a existência terrena por si só não conseguiria explicar.

Pois, conforme as leituras dos fatos, as informações crescem como também o número de questionamentos. Daí a compreensão que a paz e quietude que hoje pairam sobre as pedras nestes sítios, estão longe de andar cingidos com os relatos dos historiadores. Das labaredas de outrora que consumiram as vilas indígenas restam tições em braseiros ainda capazes de encandear.

Disso nota-se que, no atual e dinâmico espaço e tempo, no qual segue a humanidade seu curso, muitas são as causas que intervêm nos fenômenos. Sobre isso se conjectura ora a favor, ora contra, justificando-as e/ou aceitando-as como situações de boa ou má sorte. Ao longo da história, a narração dos lances não foge a este estado. Seria lícito dizer então que certos acontecimentos receberam ao longo dos tempos certos privilégios em detrimento de outros, conforme a vontade de quem os abordou.

Nesta rotina de qualificação, ganham importância alguns fatos, outros são esquecidos aqui e ali, pois são poucos os que se sentem motivados a estudá-los. Passando um tempo, a memória despenha-se, iniciando o fim, o aniquilamento histórico que termina num vazio de um espaço e tempo qualquer. Este fim, um óbito perpétuo, que aqui e agora, se almeja evitar.

O desafio está, contudo, na possibilidade de restaurar ou conhecer a verdade dos eventos. Esta empreitada é tortuosa e a enormidade dos obstáculos se torna desafiadora, pois ao sucumbirem às reduções e estilhaçadas sua gente, inicia-se o problema do relato histórico, o qual é comum em locais de embates entre culturas distintas, ficando a verdade a ser construída sobre vistas nos sujeitos e nos objetos.

A narrativa que se faz aqui neste trabalho quer escapar dos moldes das escritas tradicionais, das que são representadas pelas potências que tomaram posse da América Latina, pois atenta para aspectos culturais que comumente passam despercebidos e que agora se quer emergir e fazer observar. É um modo de ver a história, caracterizado pela Etnomatemática, tratando-se de circunscrever as matemáticas dos Jesuítas destas paragens.

Das Repúblicas Platinas, palco da maioria dos eventos, estas pouco tem se dedicado ao compromisso com os fatos sobre as missões, ocorrendo o mesmo com o Brasil, estando todos satisfeitos com suas “Ruínas”, quase nada investindo na reconstituição ou conservação deste patrimônio cultural, porém cantam e contam uma história particular das

que lhes competem, coroando-as com os cores de seus pavilhões, e sempre que possível, tornam-nas rentáveis com a exploração turística.

Nisso todos perdem principalmente a Ordem dos Jesuítas e o povo Guarani, pois estes são os únicos envolvidos diretamente nos acontecimentos. No caso dos Jesuítas, deve-se a estes os principais e os mais detalhados relatos daquela época sobre

a vida, a cultura e o cotidiano junto aos povos conquistados e é indispensável este acervo para recriar o que foi a conduta estruturada nesse passado.

Compete a Companhia de Jesus, portanto, um duplo papel que, por um lado, tenta inibir que a história seja retalhada, por outro, é ela que sopra o ar na brasa que arde na luta em prevalecer a sua verdade como a história dos acontecimentos. Esta premissa é importante, visto que na historiografia da região do rio da Prata, dos assuntos da época colonial, a maioria passa por autores Jesuítas.

Das bibliografias que abundam bibliotecas, seus autores em geral passam a repisar os passos de escritores anteriores, retornando às obras de literatos Jesuítas, sem com isso chegar às suas pesquisas em uma reconstituição com maiores avanços. Para além dos seus conteúdos, uma obra transparece fendas e confins estranhos e de silêncios que merecem ser conhecidos e ouvidos. Esses brancos esquecidos traçam em negativo a silhueta do hipotético exposto em preto dos livros - são as entre linhas que merecem ser cotejadas.

Não é possível ter acesso direto ao passado, onde apenas pode-se explicá-lo de modo indireto pela documentação material e escrita que se perpetuou para ora ser averiguada. Disso, de um lado, a compreensão se amplia à medida que se investiga e chega-se até fontes novas, de outro, essa apreensão acontece quando se é capaz de realizar novas análises e sugerir novas explicações e interpretações teóricas. Eis que a Etnomatemática surge como uma modalidade ou linha de pesquisa que contempla tais escopos, pois faz uso de procedimentos sintéticos.

Pela falibilidade humana, descobre-se que os meios materiais pouco ajudam no desdobramento entre o fictício e o real, entre a verdade e o equívoco. Assim mesmo, não se



Ilustração 3: Ruínas de São Miguel das Missões/RS, declaradas Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO em 06/12/1983. Sítio aberto para visitação.

deixa de aguçar o desafio de iluminar o assunto, instituído um dos mais interessantes tópicos da História Universal, e sobre este mirar novas luzes.

Respectivamente às leituras, uma grande inquietação se apodera do espírito de quem as lê, pois a energia do leitor é oriunda das substâncias dos livros por ele tragados. Portanto, quanto mais leitura sobre estas Missões, menor se sente o leigo, pela grandiosidade da temática e a complexidade dos documentos, mesmo que simultaneamente se sinta forte pela sua construção científica.

Entretanto, pela amplitude do tema e fragilidade de suas qualificações, estas impossibilitam nesta brochura propor algo muito além de uma exposição escrita sobre Jesuítas. Mas satisfeito estará o intento se este resultado trouxer um pouco de fulgor para todos aqueles que se interessam de uma forma ou de outra, no passado deste pedaço do Rio Grande do Sul e, para quem não conhece eis a oportunidade de viajar a um passado cujo futuro se traduziu numa tentativa abortada de forma trágica.

Assim, dos pontos de interesse, aptidões, gostos e sonhos para esta autoria, ao munir-se de algumas referências, a insegurança se encontrou por vezes em aspectos teológicos, morais e rituais, donde brotam histórias sobre e de Jesuítas. A ênfase nos personagens ora oriundos da literatura faz diminuir a distância entre a coletividade, que não resiste à fascinação quanto à investigação sobre os protagonistas em xeque.

Contudo, algum leitor talvez pense que a invocação de membros de uma ordem religiosa catolicista deveria ser pautada em referências propriamente católicas. Porém, se opta por considerar os Jesuítas menos como instrumentos de uma vontade divina, as quais pretendiam servir, e mais como testemunhas oculares que foram de uma obra humana.

Os vestígios destes depoentes depreendem que a história dos Jesuítas, constituída e engajada nos seus séculos, é relativa e contextual. Igualmente, por tênue que seja a luz, algum resquício insipiente sempre consiste em um princípio de fecundidade. Assim, as lutas pela qual a razão e a fé – entendendo por fé a apreensão de uma crença – triunfaram sobre as reminiscências e as credices diferem em países e tempos distintos, alcançando na maioria dos casos, a vitória oficial, mas não necessariamente a final.

Ademais, quanto menos imediato seja o êxito das ações, mais ampla será sua persistência quando chegar por suas próprias convicções das consciências, a reinar sobre a extensão global. A luz da estrela mais longínqua tarda milhares de anos para ser perceptível para os habitantes deste planeta, porém uma vez que chega a ele, é também a que mais dura.

É esperado com isso, transparecer que a escolha de tal objeto foi por que há consideração de que os herdeiros e membros da Companhia de Jesus foram pioneiros de uma

aventura humana no ventre de um mundo incorporado como um todo, e qual das cruzadas cristãs, representaram cavaleiros fiéis a sua mensagem. Como mutantes numa vida dinâmica, de busca e exaltação da glória de Deus por meio do esplendor do homem.

Aos que crêem que o ser humano é primordialmente o que realiza, de modo algum devem menosprezar a conduta baseada na ação do sustentáculo da vida. Vida esta cheia de crenças, ofícios, comportamentos, práticas, rotinas, linguagens, ritos, mitos, costumes e usos multiculturais. Vida de infinita pluralidade e infinita diversidade entre pessoas e comunidades humanas. Logo, nessa vida, o acesso à verdade está sujeito ao encontro com o outro.

Portanto, a quem se ocupa de causas históricas, uma elementar honestidade mental determina que o personagem histórico seja situado no seu papel exato e apropriado, desnudo de fantasias e mistérios encarados na sua expressão legítima, analisada face dos motivos determinantes das suas atitudes e de seus atos. Preconizar aos outros e deslocar ao seu gozo os termos em questão, é preconceber o seu ponto de vista, transpondo os modos e meios de um plano para outro, ocultando o sol com um crivo.

Se for pensado que a história é, basicamente, uma história da existência humana, o objetivo mais importante ao estudá-la é entendê-la e se fazer entender. Esse processo requer, dentre outras coisas, um esforço de imaginação, porque inconscientemente tende-se a identificar as circunstâncias atuais com as de tempos passados. É impossível ter sucesso nisto se não for assumido de algum modo o contexto vital que se descreve.

Assim, são nos pequenos temas da vida cotidiana que se encontram os insuperáveis agentes provocadores da imaginação, suscitados pela Etnomatemática, e que ajudam a reconstruir circunstâncias históricas, provendo deste modo, melhores entendimentos.

1.2 Estrutura da Dissertação

Incontestavelmente a história é feita com documentos escritos. Caso estes não existam, a história também deve ser retratada, porém, o historiador deve buscar outros elementos para preencher estes espaços, como paisagens, costumes, formas míticas, materiais fósseis, artefatos, minerais e metais, dentre outros. Assim, tudo aquilo que é e descende do homem pode explicar o ser/saber/fazer/conviver humano.

Para entender um pouco e parte de uma história é que esta dissertação foi redigida. As motivações concernentes foram apresentadas no prólogo deste capítulo, o primeiro de um

total de cinco capítulos, que será fechado com a descrição da estrutura geral da monografia em questão.

No capítulo segundo se empreende uma discussão feita sobre a investigação, dentro da linha de pesquisa chamada de Etnomatemática, apontando suas relações com as demais áreas do conhecimento. Neste estágio, num primeiro momento se define o grupo social a ser inquirido, passando posteriormente à discussão propriamente dita dos métodos utilizados. É traçada uma transitividade entre História, Antropologia, Etnografia, Etnologia e Etnomatemática, buscando as propriedades destas relações quando se faz uma pesquisa documental sobre fontes escritas.

Para uma contextualização ampla, o terceiro capítulo abrange uma descrição sobre o tema, apresentando as questões geradoras da pesquisa, os objetivos e as justificativas, bem como traça uma exposição sobre os espaços envolvidos e o tempo em que os fatos se sucederam. Faz-se constar as nações envolvidas, os principais episódios e os locais abarcados. Ademais, é circunscrito neste tópico a apresentação dos personagens centrais deste exame, assim como das suas obras.

O capítulo quarto, que trata especificamente do objeto investigado, versa sobre sua exposição e apresenta também as respostas para as questões suscitadas anteriormente, com base no material levantado e escrutinado, via um exame atento e cotejado, de modo que se pode perceber o papel social e cultural e a relevância do tema pesquisado, dentro dos espaços e tempos respectivos.

Findando, o quinto e último capítulo traz em seu conteúdo um epílogo que dá os indicativos sobre os resultados desta investigação, deixando os indícios para o seguimento deste trabalho. É uma sinopse que afunila as considerações finais da presente dissertação.

Completando ainda, têm-se as referências bibliográficas, anexos, fotos, enfim uma série de elementos que procuram ajudar o leitor a compreender e expandir o seu universo de conhecimentos. Se for conseguido acrescentar um pouco que seja a este universo intelectual, o esforço desta autoria terá valido a pena.

II

A Investigação Etnomatemática

*Volvo os olhos em torno, como se eu devera descobrir
petrificada a prece dos fiéis, a ladainha do antístite
como se o incenso que daqui em elegantes volutas ascendia
se encravasse alhures na abóbada
e tudo se dissolve por uma palavra mágica.*

(...)

2.1 O *Etno*

O estudo da evolução do ser humano sob os aspectos mais gerais leva a uma visão do homem como ser que se destacou do conjunto da natureza, que soube modelar-se a si mesmo, sendo capaz de criar técnicas e artes, sociedades e culturas. Para uma compreensão do valor de personalidades, das relações culturais, sociais, ecológicas, históricas e os efeitos condicionantes ligados com as vicissitudes do tempo e do espaço, desenvolve-se um estudo holístico sobre o homem.

Assim, percebe-se que as atividades humanas dilatam-se no confronto continuado com o mundo e, as interpretações e as relações que derivam desse embate orientam o comportamento do homem e formam a sua cultura.

Nesse trâmite, o ser humano na sua realidade individual e pessoal, num ambiente natural e cósmico vive e atua, se relaciona e convive, temporal e espacialmente e, continuamente amplia suas atividades; é aí que se encontra o *etno* – uma comunidade, grupo ou povo, entendido como uma associação estruturada de indivíduos com características próprias.

A associação dos homens acontece com base em princípios diversos, através dos quais, em todo caso, se efetua a interação dos indivíduos. O processo dessa interação tende a consolidar-se e a transformar-se em sistema. Neste ponto, a associação dos indivíduos singulares adquiriu uma realidade própria, autônoma, tornou-se, de certa forma, “sistema social”, ou seja, um tipo orgânico e integrado de associação, quer trate de parentesco, comunidade, igreja, estado e permanece ainda quando se consideram os seus membros singulares. Por outras palavras, ultrapassa o limite do simples indivíduo. (BERNARDI, B., 1997, p. 60-61).

Nestes termos, grupos sociais e culturais que se identificam não são formados por indivíduos colocados justapostos ao acaso, mas são ordenados por um complexo coordenado de fatores (hereditários, sociais, religiosos, etc.) para a obtenção de fins específicos. Estes grupos apresentam-se em vários níveis de formação, de diferentes graus e extensões distintas e diversas. A comunidade é um grupo cultural, assim como a família, o parentesco, o povo, a nação, o clero, enfim todos formam grupos culturais.

Eis que os Jesuítas que estavam nas Missões também formam um grupo sócio-cultural. Eles se identificavam por características em comum. Esse processo de identificação é igualmente um processo de distinção, pois se coligam elementos com um grupo para distinguirem-se de todos os outros que não seja o seu grupo, no caso, de padres pertencentes a esta congregação religiosa que obravam no espaço e momento respectivos, abarcados neste

trabalho. Estes Jesuítas possuíam valores característicos cuja eficácia coesiva e padrões sociais os tornam uma comunidade com uma cultura distinta.

A relação entre comunidade e cultura torna-se evidente quando se considera que cada indivíduo e cada comunidade apresentam sua forma particular de cultura, sua identidade e estrutura, que permite distingui-los dos outros sujeitos. Assim sendo, os Jesuítas dos Sete Povos das Missões são o *etno* desta investigação. Possuidores e frutos de uma cultura que é dinâmica, como toda cultura, com a necessidade de conservação e renovação do conhecimento através do ciclo vital e da diversidade das circunstâncias do lugar e do tempo.

Por outro lado, relativo ao ambivalente caráter da conservação e renovação,

cada forma particular de cultura tem a sua dinâmica interna e cada comunidade que a gera e possui caracteriza-se e distingue-se por força dos seus fenômenos. A caracterização interna da cultura leva os membros duma comunidade a reconhecerem-se entre si, quase a identificarem-se, mas distingue-os até no que respeita às outras comunidades e às outras culturas. Esta distinção não é de isolamento, mas de relação. Assim, nascem as *relações culturais*. O fenômeno é radical e aplica-se a todos os tipos de comunidade: desde a família nuclear nas suas relações com outros núcleos análogos até à sociedade estatal. As relações culturais abrangem todo o campo das manifestações culturais. (BERNARDI, B., 1997, p. 66).

Para este estudo, voltou-se o olhar para as manifestações concernentes as matemáticas praticadas pelos Jesuítas missioneiros, estas enquanto manifestações culturais, pois interessa à Etnomatemática as matemáticas dos diferentes grupos de interesse, categorias, povos e nações “[...] tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos” (D’AMBROSIO, 2002, p. 9), visto que diferentes grupos sócio-culturais praticam suas próprias matemáticas e possuem diferentes formas de conhecimentos.

Por isso, “*etno* se refere a grupos culturalmente identificáveis e inclui memória cultural, códigos, símbolos, mitos e até maneiras específicas de raciocinar e inferir.” (SCANDIUZZI, 2000, p. 49).

Convém salientar ainda que o conceito de *etno* vai além do relacionado com etnia, abarcando todos os elementos e traços culturais de grupos característicos, compreendendo culturas e suas diversidades. Pode ser listada assim a reminiscência cultural, crenças, linguagens, signos, modos exclusivos de explicar e conhecer, dentre outros, e, se tratando das diferentes manifestações matemáticas, a Etnomatemática,

no seu programa de pesquisa nos impulsiona ao respeito à diferença, à solidariedade com esses povos diferentes e a cooperação para que cada um na sua diferença continue a construir um mundo mais justo, melhor e digno

para todos. Na arte ou técnica de relacionar, compreender, classificar, ordenar, medir, comparar de cada povo, a construção do conhecimento vai se ampliando à medida que o tempo avança. (SCANDIUZZI, 2004b, p. 167).

Assim, quer-se mostrar uma ciência do outro para contribuir na elaboração de uma nova história da matemática, inclusiva e abrangente, em que a diferença seja tratada como fator positivo para uma valorização da identidade e da alteridade dos indivíduos para a Educação Matemática. Portanto, compreender o ser/saber/fazer/conviver torna-se crucial no trato com a diversidade cultural.

Ademais, isto não ocorre por conta própria carecendo-se de pesquisas que desmistifiquem sujeitos, envolvendo estudos antropológicos e históricos, que apresentem caracterizações etnográficas e etnológicas atribuindo, assim, novas alternativas para a compreensão dos conhecimentos matemáticos.

2.2 A Pesquisa Etnomatemática

Desde os primórdios da humanidade, o homem teve a preocupação de tentar explicar a natureza e as forças que interagem com ela. Eis que a verdade das suas explicações se pautou em motivações humanas, religiosas e filosóficas, especialmente, orientando assim para inquietações em relação ao universo cósmico.

Iniciam-se deste modo, linhas de pensamento que propõem encontrar um conhecimento não mais nas causas absolutas ou na natureza das coisas e sim procuram entender as relações entre elas, bem como as explicações dos acontecimentos, mediante a atividade científica, por exemplo.

Dir-se-ia então que a finalidade da atividade científica é a obtenção de uma verdade, por intermédio da comprovação de hipóteses que, por sua vez, são elos entre a observação da realidade e a teoria que explica a realidade. O método representa um conjunto de atividades que permitem alcançar os objetivos pré-supostos, traçando caminhos a serem seguidos, independente de conceituações.

A função da conceituação é refletir, através de conceitos precisos, aquilo que ocorre no mundo dos fenômenos existenciais; a conceituação consiste em ajustar o termo mais adequado, capaz de exprimir, através do seu significado, o que realmente se oferece na realidade, e não que a realidade existencial tenha que se ajustar ao conceito. (MARCONI; LAKATOS, 2000, p. 114).

No âmbito desta investigação, a questão metodológica é importante quando se analisa o quadro de referência. Este pode ser compreendido como uma totalidade que abrange

dada teoria e a metodologia específica dessa teoria. Considera-se como teoria toda generalização estabelecida com o rigor necessário para que possa servir de base segura à interpretação da realidade. A metodologia abrange métodos de abordagem e de procedimentos e técnicas. Assim, a teoria, o método de abordagem e os métodos de procedimento, juntamente com as técnicas específicas de coleta de dados, formam o quadro de referência.

Esta pesquisa se orientou e se fundamentou pela pesquisa bibliográfica e/ou documental, que foi desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos de diversos autores sobre o tema assuntado. A junção desse material deu-se pelas inúmeras incursões às bibliotecas do Brasil e do exterior, donde foi adquirida a bibliografia necessária à confecção da presente dissertação. Chama-se aqui atenção especial para as pesquisas de arquivo que são tão necessárias nesta modalidade de busca.

Desta forma, tomou-se como viés para este exame, mesmo operando eventualmente em consonância com algumas características referentes a outros paradigmas, os que enfatizam a interpretação e a escrita como elementos centrais da investigação, ou seja, onde o material escrito – textos, manuscritos, artigos e livros – são os objetos centrais de estudo.

Nota-se que uma investigação deste tipo agrupa diversas estratégias investigativas que partilham determinadas características. Estas se caracterizam pelos dados, ricos em pormenores descritivos, onde se almeja através das etapas da pesquisa, atingir a compreensão de um fato via a tentativa de interpretá-lo em toda sua complexidade e em seu contexto. Esse modo de pesquisar domina grande parte das pesquisas no campo da Educação e da Educação Matemática.

Convém ainda ressaltar que pesquisas elaboradas a partir de documentos são importantes, pois, se por um lado respondem a um problema, por outro, proporcionam uma melhor visão desse problema. É uma forma eficaz de explorar, descrever, explicar e comprovar inquietações.

Graças a isso, as bibliografias são algumas das mais importantes e ricas fontes de dados que subsistiram ao longo do tempo. No entanto, a qualidade das fontes pode prejudicar a pesquisa se os dados coletados forem equivocados. Mas, para reduzir esta possibilidade convém o pesquisador assegurar-se das condições em que os dados foram obtidos, analisando em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente. É com esta perspectiva que se almejou agir.

Os procedimentos e instrumentos de coleta de dados são restritos ao se tratar de uma pesquisa de cunho histórico. Dentre toda a diversidade de documentos a respeito do tema, a análise destes se constituiu a única fonte de dados. Para tanto, foi imprescindível que fossem conhecidas algumas características destas fontes.

Nesta investigação tiveram prioridade livros, materiais bibliográficos, documentos em geral que retrataram a problemática proposta pela região de inquérito. Foram buscadas obras originais, porém houve dificuldade no seu alcance, visto que estas estão esparsas em arquivos pelo mundo, sendo que a maioria possui acesso restrito, não sendo possível aferir nenhum documento inédito.

Por isso, foi dada preferência às republicações ou reedições, ou ainda, a cópias dignas de confiança, obras de pesquisadores respeitáveis e idôneos, com a finalidade de mais próximo estar da veracidade dos fatos e/ou conceitos, para que se pudesse elaborar uma dissertação que reflita credibilidade e retrate uma verdade histórica.

A interpretação e análise dos dados foram desenvolvidas durante a investigação, através de teorizações progressivas em um processo interativo com a coleta de dados, permitindo que emergissem dimensões, relações e significações.

Com base nos procedimentos utilizados, considerando as bibliografias estudadas, o tipo de delineamento que melhor atendeu os objetivos da investigação transitou entre a pesquisa de caráter etnográfico, etnológico, antropológico e histórico em Etnomatemática.

Para compreender melhor essas assertivas, propõe-se de início isolar conceitualmente para depois relacionar todos os processos. Essa pesquisa tem o interesse em construir, do ponto de vista da Etnomatemática, formas e explicações que reduzam às propriedades dos modelos convencionais, os quais dependem de níveis estratégicos diferentes. Assim, se espera derrubar as barreiras entre disciplinas vizinhas e promover entre elas uma adequada colaboração.

Contudo, pesquisar é uma atividade apaixonante, nem sempre ela é de realização tranqüila, calma. Ela se torna uma atividade cada vez mais apaixonante à medida que nos impulsiona para o novo e para o pensar diferente. É bom pesquisar o exótico, é fascinante concluir pesquisa no ordinário. (SCANDIUZZI, 2004c, p. 122).

A concepção de metodologias próprias para a Etnomatemática mostra que não se pode impor um caráter catequético e rígido para a pesquisa e que um caminho se faz ao ser percorrido, de tal modo que,

Etnomatemática é um programa que visa explicar os processos de geração, organização e transmissão de conhecimento em diversos sistemas culturais e

as forças interativas que agem nos e entre os três processos. Portanto, o enfoque é fundamentalmente holístico.

Na metodologia adotada, se bem que repousemos sobre muita informação de natureza etnográfica, a análise histórica é fundamental. (D'AMBROSIO, 1990, p. 17).

Deste modo, o caráter histórico preenche os vazios dos fatos e acontecimentos, apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos.

No nosso contexto holístico, o enfoque à história consistirá essencialmente de uma análise crítica da geração e produção de conhecimento, da sua institucionalização e da sua transmissão. Dessa maneira, estaremos abordando o processo psicoemocional de geração de conhecimento (criatividade), e o processo intelectual de sua produção, os mecanismos sociais de institucionalização do conhecimento (academia) e da sua transmissão (educação). (D'AMBROSIO, 1990, p. 9).

Ao se fazer essa análise, se escreve uma história, isto quer dizer que essa escrita da história é o estudo da escrita como uma prática histórica. Deste modo, entende-se por historiografia essa prática, que tem a tarefa de articular o real e o discurso, estabelecendo uma relação com o outro em um tempo determinado.

Recapitular e compreender um passado e, ao mesmo tempo fixar pela escrita um saber, faz a historiografia especial para a Etnomatemática,

pois ela tem esta particularidade de apreender a invenção escrituraria na sua redação com os elementos que ela recebe, de operar onde o dado deve ser transformado em construído, de construir as representações com os materiais passados, de se situar, enfim, nesta fronteira do presente onde simultaneamente é preciso fazer da tradição um passado (excluí-la) sem perder nada dela (explorá-la por intermédio de métodos novos). (CERTEAU, 2002, p. 18).

E,

toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que é circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições ligadas a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostos, se organizam. (CERTEAU, 2002, p. 66-67).

Nesta empresa científica, é preferível utilizar a recolha do pólen onde melhor parece, fazendo o mel a partir de todas as tradições úteis ou acessíveis para uma iniciação no campo da Etnomatemática, uma vez que ela procura recompor um todo pelos seus elementos componentes. Daí tem-se que “a Etnomatemática não tem por hábito seguir o método analítico, mas sim o método sintético, dando ênfase à totalidade, ao holismo globalista,

visando a participação com inclusão do sujeito.” (SCANDIUZZI, 2000, p. 49). É, pois, que neste âmbito surge a etnografia e/ou etnologia.

Existem certos usos que tendem a reservar o termo etnografia à descrição e o termo etnologia à síntese comparativa do estudo das sociedades e de suas culturas. Neste sentido,

a etnografia consiste na observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade [...], visando à reconstituição, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles; ao passo que a etnologia utiliza de modo comparativo os documentos apresentados pelo etnógrafo. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 14).

A etnografia representa o estudo descritivo de um ou de vários aspectos sociais e/ou culturais de um povo ou grupo, enquanto que a etnologia significa o estudo histórico dos povos e suas culturas. É uma tentativa de descrição da cultura e de suas peculiaridades.

Segundo Baldus (1937, p. 18), “a etnografia descreve o povo e tem seu objeto, por assim dizer, na configuração exterior da cultura”, enquanto que “a etnologia procura compreender o povo na sua essência e conhecê-lo nas particularidades funcionais de sua cultura.” (Idem). E ainda, a etnografia tem por condição a estabilidade e a etnologia a dinâmica. Destes diferentes modos de ver, resulta o fato de o etnógrafo encontrar os seus informes de preferência na cultura material e o etnólogo os seus na cultura espiritual.

Assim, “o etnólogo será sempre etnógrafo; e o etnógrafo não poderia, sem conhecimento etnológico, fazer trabalho útil”, pois “o etnógrafo recolhe os fatos, o etnólogo elabora-os.” (BALDUS, 1937, p. 19). Nos dias atuais, a etnologia e a etnografia são realizadas pelo mesmo profissional e não mais são separadas, tidas ainda como sinônimas.

Com estas definições, a etnografia e a etnologia são tomadas num mesmo sentido, correspondendo à etnologia ao que se entende por antropologia social e/ou cultural. Assim, é acordado que etnografia corresponde aos primeiros estágios de uma pesquisa, a saber, observação, descrição, trabalho de campo, etc.. É um estudo descritivo cuja inerência é factível a qualquer estudo de antropologia. Já etnologia, representa um primeiro passo em direção à síntese. Esta síntese pode operar em três direções, segundo Lévi-Strauss (1996, p. 395), a geográfica, a histórica e a sistemática. “Em todos os casos, a etnologia compreende a etnografia como seu passo preliminar, e constitui seu prolongamento” (Idem), correspondendo respectivamente a duas etapas da mesma pesquisa.

Por isso,

em toda parte onde encontramos os termos antropologia social ou cultural, eles estão ligados a uma segunda etapa da síntese, tomando por base as conclusões da etnografia e da etnologia [...]. Pode-se, pois, dizer, neste

sentido, que existe entre a antropologia e a etnologia a mesma relação que se definiu acima entre esta última e a etnografia. Etnografia, etnologia e antropologia não constituem três disciplinas diferentes, ou três concepções diferentes dos mesmos estudos. São, de fato, três etapas ou três momentos de uma mesma pesquisa, e a preferência por este ou aquele destes termos exprime somente uma atenção predominante voltada para um tipo de pesquisa, que não poderia nunca ser exclusivo dos dois outros. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 396).

Deste modo, compreende-se que elas só podem ser ciências auxiliares uma da outra, onde seus fins são diversos, e se ocupam do homem e de sua produção para melhor compreender o quadro multicolor da humanidade.

Esclarecendo o que é antropologia, conforme a Enciclopédia Mirador Internacional (1975, p. 639), tem-se que:

Em sentido amplo, é entendida como a ciência que se propõe estudar o homem, em sua totalidade física e sócio-cultural. Situa-se, assim conceituada, como a mais inclusiva das ciências voltadas para o conhecimento da espécie humana, uma vez que engloba extenso universo de especulação: desde aspectos físicos, até a gama de componentes sócio-culturais, como a linguagem, a expressão estética, a organização econômica, social e política, o sistema de crenças; em suma, a trama complexa das relações sociais estabelecidas no interior de dada sociedade, segundo um código de normas e valores denominados cultura.

Antropologia é, então, um ramo do saber que tem por objeto o homem. Há, porém, uma vasta gama de ciências que estudam o homem sob variados aspectos e que requerem pelos seus objetivos e métodos, uma nítida individualidade.

Por outro lado,

a antropologia cultural é o ramo da antropologia que se dedica ao estudo da cultura humana. Assim, os antropólogos culturais estudam os processos desenvolvidos pelo homem para modificar o meio natural e, ainda, o modo pelo qual em cada sociedade todo um corpo de costumes é desenvolvido, conservado e transmitido, de geração em geração. (Ibidem, p. 642).

Confundindo-se a etnologia e/ou etnografia com a antropologia cultural (e/ou social), numa concepção ampla seria, visto que o homem é uma síntese do corpo e da alma, não se considerando plausível a inteira separação dos dois domínios, a renúncia às pesquisas sobre as irrecusáveis relações entre eles, por mais difícil que sejam estas pesquisas, por mais obscuras e intrincadas que sejam essas relações.

Nestes termos, a antropologia consistiria, assim como a etnologia, no estudo dos grupos sócio-culturais simultaneamente nos aspectos materiais e imateriais da cultura, pois a “antropologia cultural, ou etnologia, visa o estudo da cultura toda (material e não material).” (DICIONÁRIO de sociologia, 1967, p. 25).

É preciso mencionar que a antropologia social ou cultural desenvolveu um conjunto de técnicas de pesquisa que prima pelo informante e a sua teoria está constantemente sendo esticada e adaptada para novos casos e realidades pelo pesquisador, uma vez que certos conceitos e teorias acabam, pela profundidade de alguns estudos, por revelarem-se insuficientes.

No tempo atual, o termo etnografia é amplamente usado nas obras antropológicas com referência aos estudos descritivos das sociedades humanas. Porém, até os estudos descritivos implicam certa generalização, fazendo com que se empreguem estruturas teóricas de cunho antropológico no campo da etnografia.

Destarte, a antropologia começa a adquirir objetivos no sentido de ser um tipo de pesquisa histórica, como também a etnologia, uma vez que estudam a história das culturas. Assim se define a “etnologia como a ciência dos povos e sua cultura e a história de sua vida como grupos” (SILVA, 1987, p. 439) e, simplesmente se equipara a etnologia à antropologia.

Por outro lado,

as leis que regem o desenvolvimento cultural deixaram de ser investigadas segundo uma linha determinista de progresso, e antes como expressão da livre escolha do homem e como resultado de relações culturais complexas determinadas pelos movimentos ou pelas migrações dos povos. A controvérsia sobre a antropologia como ciência natural foi debatida contra os evolucionistas e a nova interpretação é feita no sentido moral e histórico. A antropologia é história e não evolução. (BERNARDI, B. 1997, p. 183).

Daí consagra-se as relações entre as ciências etnológicas e etnográficas e as históricas. Ambas primeiras se pautam na coleta, organização e construção de documentos, porém seu drama é tal que,

ou nossas ciências se vinculam à dimensão diacrônica dos fenômenos, isto é, à sua ordem no tempo, e se tornam incapazes de traçar-lhes a história; ou procuram trabalhar à maneira do historiador, e a dimensão do tempo lhes escapa. Pretender reconstruir um passado do qual se é impotente para atingir a história, ou querer fazer a história de um presente sem passado, drama da etnologia num caso, da etnografia no outro [...]. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 15).

Os campos se entrelaçam e seu objeto continua sendo o estudo das civilizações. Além disso, a história é a ciência dos homens e tem por objeto os homens no tempo e precisa ligar constantemente os estudos do passado com os do presente. “São os homens que a história quer capturar” (BLOCH, 2001, p. 54), pois ela é a ciência das sociedades humanas. Por outro lado, “a história é o privilégio (tantara) que é necessário recordar para não esquecer-se a si próprio. Ela situa o povo no centro dele mesmo, estendendo-o de um passado a um futuro.” (CERTEAU, 2002, p.16).

Em suma, a história é a ciência do homem, o qual não pode esquecer. É uma ciência do passado e do presente, responsável pelo conhecimento das dinâmicas das sociedades humanas, do seu reajustamento a novas condições de existência; é uma explicação daquilo que se passou ou se passa com seu objeto.

Não há dúvida, no entanto, que a “etnografia pertence às ciências históricas, porque os materiais que ela recolhe representam documentos históricos.” (BALDUS, 1937, p. 19). Por outro lado, “em sentido muito mais profundo, a etnologia também é ciência histórica, pois necessita documentos históricos e deles se vale para poder realizar o seu trabalho.” (Idem).

Neste sentido, “para o historiador, assim como para o etnólogo, o objetivo é fazer funcionar um conjunto cultural, fazer com que apareçam suas leis, ouvir seus silêncios, estruturar uma paisagem que não poderia ser um simples reflexo, sob pena de nada ser.” (CERTEAU, 1995, p. 79-80). Todavia também, “toda antropologia articula cultura e natureza segundo uma ordem que é aquela, majoritária e estática, do olhar e do saber.” (Ibidem, p. 82).

Dessa teia, não é difícil ver a transitividade entre etnografia, etnologia, antropologia e história. Outrossim, a Etnomatemática ao fazer uso no seu campo científico de métodos etnológicos e históricos garante à suas pesquisas as noções que organizam a etnologia e a história (segundo CERTEAU, 2002, p. 211), a saber, a oralidade, a espacialidade, a alteridade e a inconsciência no primeiro caso e, a escrita, a temporalidade, a identidade e a consciência no segundo caso.

Não é surpreendente que o problema aberto pela irrupção do outro nos procedimentos científicos apareça, igualmente, nos seus *objetos*. A pesquisa não se põe mais, apenas, em busca das compreensões que tiveram êxito. Retorna aos objetos que não compreende mais. Procura medir aquilo que perde, fortalecendo suas exigências e seus métodos [...]. A ciência histórica vê crescer, com seu progresso, as regiões silenciosas do que não atinge. É, também, o momento em que outras ciências fazem a dedução dos prejuízos que tem origem nos seus sucessos. (CERTEAU, 2002, p. 50).

Estudar os processos conscientes e inconscientes e experiências concretas é tarefa do historiador, do etnógrafo, enfim, do pesquisador que tenta entender como as coisas são e como elas chegaram a ser como são. Esse conhecimento resulta numa historiografia de cada grupo que é apresentada, analisada e explicada pelo etnógrafo/etnólogo/historiador/antropólogo.

O paralelismo metodológico que se pretende traçar entre etnografia e história, para se oporem, é ilusório. O etnógrafo é alguém que recolhe os fatos, e que os apresenta (se é um bom etnógrafo) em conformidade com exigências que são as mesmas que as do historiador. É papel do historiador utilizar estes trabalhos, quando observações distribuídas num período de

tempo suficiente lho permitem; é papel do etnólogo, quando observações do mesmo tipo, referentes a um número suficiente de regiões diferentes, lho possibilitam isto. Em todos os casos, o etnógrafo estabelece documentos que podem servir ao historiador [...]. Então, o debate se reduz às relações entre história e etnologia no sentido estrito. Propomo-nos mostrar que a diferença fundamental entre ambas não é nem de objeto, nem de objetivo, nem de método; mas que tendo o mesmo objeto, que é a vida social; o mesmo objetivo, que é uma compreensão melhor do homem; e um método onde varia apenas a dosagem dos processos de pesquisa, elas se distinguem, sobretudo pela escolha de perspectiva complementar. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 33-34).

Isto mostra que estes procedimentos são indissociáveis e que seus interesses abrangem o escrito e o não anotado. “Somente quando abordarem, em conformidade, o estudo das sociedades contemporâneas, é que poderão apreciar plenamente os resultados e sua colaboração, e se convencer de que, aí como alhures, elas nada podem uma sem a outra.” (Ibidem, p. 41).

O que faz justificar a etnografia, a etnologia, a história e a antropologia como sinônimas principalmente nos estudos bibliográficos – considerando que as bibliografias são e representam um produto cultural e social – é o fato de serem efetuados pela mesma pessoa, ou seja, o pesquisador desempenha todos os papéis ao tomar um objeto de estudo num material documental, podendo assim, reconstruir um passado do qual se é impotente para atingir a história e fazer uma história no presente, independente da excessiva axiomática dos termos, por meio de uma historiografia holística.

Eis que esta consagração da Etnomatemática como especialização de estudo representa o reconhecimento do valor fundamental da história como possibilidade de conhecimento, pois ela abre novos caminhos à pesquisa antropológica, como o registro das tradições orais e as pesquisas de arquivo. Das últimas, as informações que se podem esperar são variadas, tendo destaque especial a descrição das formas culturais e sociais vistas pelos seus relatores, as quais fixam um presente etnográfico diverso e servem como ponto de partida para o estudo da dinâmica das eventuais transformações culturais com relação a outros momentos.

Assim, como a etnografia designa o estudo das sociedades outras e é o estudo dos traços e produtos sociais e culturais, ela igualmente propicia uma reflexão ligada a uma interrogação sobre o devir e valor da civilização e ainda analisa mais completamente possível os grupos e suas produções. Por isso, falar-se-á doravante em função deste termo, de tal modo que, “para unidades maiores, se trabalha com os contextos sociais que afetam no cotidiano, que o determinam ou o explicam, e dos quais se tem referência; ou se trabalha no cotidiano

pela memória ou tradição oral ou documentada¹.” (ROCKWELL, 1987, p. 27, tradução desta autoria).

A investigação etnográfica não é possível senão a partir do momento em que se percebe a própria civilização como particular, isto é, a partir do momento em que se cessa de considerar o outro como bárbaro, selvagem ou exótico no sentido pejorativo. É o reverso da identificação normal à sociedade de pertença que o pesquisador deve assumir, valorizando além da própria, a cultura alheia. O etnógrafo deve ser alguém que recolhe fatos, e que os apresente em conformidade com as características que são comuns na Etnomatemática, ou seja, deve ter cuidado no passar do concreto ao abstrato, na abordagem a distintas formas de conhecer o ser/saber/fazer/conviver, que é a essência metodológica deste programa.

O encontro com o outro, presencial ou historicamente é um fim do trabalho etnográfico, e se dá por “conhecer o desconhecido, documentar o não documentado, escutar e ver ao ‘outro’²” (ROCKWELL, 1987, p. 8, tradução desta autoria). Isto é obtido pela exploração enriquecedora da troca, uma estratégia usada na interação cultural. Para tanto, o pesquisador deve conseguir purificar seu espírito, mantendo-se o mais neutro possível.

Ao debruçar-se sobre os registros que esboçam características culturais, sociais e organizacionais de um grupo, o pesquisador deve ater-se aos mínimos detalhes do texto, descrevendo-os com uma apuração minuciosa e extrema, pois ele é o instrumento principal na coleta e na análise de dados. É característica da etnografia a preocupação com o significado, sendo necessário a apreensão e o retrato do que o texto de fato diz. O etnógrafo precisa dialogar com o autor da escritura estudada na tentativa dessa apreensibilidade.

A associação, a inter-relação e a criatividade sobre conhecimentos presentes na escrita podem ajudar no processo complexo de organização dos códigos ou símbolos que constituem um documento, e a etnografia é capaz de fazê-lo, pois um diferencial desta, em relação a outros modos de estudo, reside na escolha de perspectiva, isto é, a etnografia organiza seus dados em relação às expressões e condições do inconsciente da vida social descrita, além das referidas conscientemente.

Uma ação assim desencadeada suscita a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento acerca de um contexto e, a interação entre o trabalho conceptual e o descritivo tem como consequência a facilitação do desenvolvimento reflexivo

¹ Hacia unidades mayores, se trabaja con los contextos sociales que inciden en lo cotidiano, que lo determinan o lo explican, y de los cuales se tiene referencia; o se trabaja en lo cotidiano por la memoria o tradición oral o documenta.

² Conocer lo desconocido, documentar lo no documentado, escuchar y ver al ‘otro’.

sobre os objetos de estudo que vão sendo evidenciados. É construir conhecimento novo de algo que não se conhece ainda.

Isto significa, evidentemente, permanecer no campo da narração. Prender-se também ao que o escrito diz da palavra. Mesmo que sejam o produto de pesquisas, de observações e de práticas estes textos permanecem relatos que um meio se conta [...]. As experiências novas de uma sociedade não desvelam sua “verdade” através de uma transparência destes textos: são aí transformadas segundo as leis de uma representação científica própria da época. Desta maneira os textos revelam uma “ciência dos sonhos”; formam “discursos sobre o outro”, a propósito dos quais se pode perguntar o que se conta *aí*, nesta região literária sempre decalada com relação ao que se produz de diferente. (CERTEAU, 2002, p. 213).

Na etnografia, nunca o pesquisador termina uma experiência pensando como no início dela, e não se trata tanto de descomprovar ou subestimar a concepção original, como de complementar, matizar, enriquecer, abrir, dar conteúdo às idéias iniciais. Neste sentido, a pesquisa etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não sua testagem, o que para a Etnomatemática é muito natural, pois o que se quer não é a validação por meio de testes aplicados com parâmetros externos, mas sim a valorização de uma cultura e seus aspectos pela sua importância.

Considerando agora os produtos de uma cultura, estes têm atrás deles uma história. Então, considera-se que a tarefa primeira do etnógrafo seja desemaranhar esta história. Nestes termos, acredita-se que é necessário determinar o que aconteceu antes de proceder com a tarefa de tentar descobrir como aconteceu e de formular as leis que determinaram o curso que a atividade social do homem seguiu, ou seja, em que situação determinada obra foi historicamente constituída, sob vistas das influências sofridas espacial e temporalmente.

Uma proposta metodológica adequada para esse enfoque à história, é o reconhecimento e análise interpretativa de textos, de obras e monumentos, de signos e símbolos. Essa análise é muitas vezes denominada hermenêutica. Essa análise não pode ser feita sem dar ouvidos a informantes e aos que chamamos os “sábios” das várias tradições que fundamentam o conhecimento e comportamento remanescente e ainda presente das culturas que chamei, acima, de “vencidas”. É essencial a identificação, nessas culturas, de conhecimento e comportamento individualmente gerados e socialmente construídos, tentando identificar os interesses dos agentes. Obviamente, a grande armadilha que se apresenta ao pesquisar é tentar enquadrar sua metodologia e mesmo seus resultados em categorias que são intrínsecas ao conhecimento e comportamento do vencedor. (D’AMBROSIO, 2004a, p. 139).

Disso, acentuando novamente que a etnografia está sendo considerada no estudo sobre material literário, quanto ao objeto e o referencial empírico numa pesquisa dessa

natureza, “o objeto de estudo não é ‘a coisa real’, e sim o produto do processo de construção. É uma ‘ficção’, no sentido de algo que se fabrica, para dar conta de certos aspectos da realidade³” (ROCKWELL, 1987, p. 26, tradução desta autoria), no caso a reconstrução histórica, com o referencial empírico que é a base documental que subsidia a investigação.

Para amparar o processo de análise estruturada por uma pesquisa com uso de etnografia, considerando a descrição como sua característica distinta frente a outras formas de investigação, é preciso encontrar uma constituição de tese que parta de determinada concepção teórica do objeto de estudo e chegue a algo que possa ser socializado sem perda de generalidade.

A análise de aspectos de uma cultura, através de bibliografias, permite formulações de esquemas nos quais os fatos passam a ser ajustados de modo que possam atestar a concordância uns dos outros, bem como explicar novos fatos quando eles chegam ao conhecimento de quem está executando a prática da pesquisa. É um traçado teórico e prático, abordando temas de estudo que apreciam as colaborações do etnógrafo para se fazerem entender, visto que habitualmente certas entrelinhas não constam em outras orientações de organização e escrutínio.

Em muitos estudos, estes novos fatos são descobertos através da experiência real com os indivíduos, porém na etnografia nos termos deste ensaio, eles devem ser encontrados pela exploração, não somente no material das culturas ainda existentes em forma viva, mas também no das culturas submersas nas eras passadas. Essa idéia afluída tem sua função imperativa de exercitar a análise, a saber, sobre as culturas e civilizações, a fim que sejam reconhecidas. Precisa-se ir às profundezas dos modos de pensar de diferentes povos, para entender seus modos de ver, viver e transcender às faces do universo.

Assim,

[...] entender o outro na sua diferença faz parte da nossa opção. Sempre queremos que o outro mude. Sempre achamos que nós é que somos corretos e nossa cultura é a que tem valores mais adequados para a vida humana. Isso traz a dificuldade em mostrar a ciência do outro para os pares. Primeiramente é difícil para nós aceitarmos o outro como produtor de conhecimento, imaginem depois mostrar para os nossos pares! Nossa audácia é contribuir na construção de uma nova história da matemática! (SCANDIUZZI, 2004c, p. 125).

Para alcançar este objetivo, é necessário crer que o fim último de todos os estudos da humanidade está na procura de explicações em termos de idéias, crenças, sentimentos e

³ El objeto de estudio no es ‘la cosa real’, sino el producto del proceso de construcción. Es una ‘ficción’, en el sentido de algo que se fabrica, para dar cuenta de ciertos aspectos de la realidad.

tendências instintivas, através das quais a conduta do homem, individual ou coletivo, é determinada. Nesta conduta, a capacidade de registros literários deve ser sempre feita em linhas amplas para não falhar no trato das relações pessoais que dão a Etnomatemática tanto de seu interesse e charme.

Dessa forma, “por meio dos dados etnográficos, realizados pelos etnomatemáticos, muitas formas de pensamento e formas culturais poderão contribuir para o diálogo das diferenças.” (SCANDIUZZI, 2004b, p. 168).

Assumindo essa postura, intentou-se fazer um estudo detalhado das bibliografias que dizem respeito ao tema, estando atento aos mínimos detalhes dos textos, às entrelinhas destes, procurando fazer uma descrição minuciosa dos registros, dando um enfoque apurado ao assunto, “pois o Programa Etnomatemática, pela sua dinâmica, não pode avançar se tiver que se submeter às gaiolas epistemológicas que subordinam o conhecimento moderno.” (D’AMBROSIO, 2004a, p. 140).

III

A Contextualização

*Morto, tudo morto. Pára! Eis um movimento,
como se leve sussurro fora de ornatos.
Foi um passarinho que beberricou na pia de água benta
que o céu constantemente enche,
refrigério para aquele que tal aqui procura.
(...)*

3.1 O Tema

As características humanas que não são inatas e que se criam, preservam ou aprimoram, através da comunicação e cooperação entre indivíduos na vida coletiva, relacionadas à produção e transmissão de conhecimentos, à criação e desenvolvimento intelectual e prático, fazem com que o sujeito, dentro de um grupo cultural, se afirme juntamente com o todo, no decorrer da vida cotidiana.

Nesses termos, cultura designa, dentre outras coisas, traços ou patrimônios do homem frente à imagem, percepção e compreensão de mundo próprio a seu meio e/ou época. Inclui comportamentos compartilhados e compatibilizados, ideologias, mitos, crenças, ritos e instituições que compõe representações de referência e cuja estrutura caracteriza uma sociedade como distinta de outra. É um sistema de práticas, de condutas, de conhecimentos, de linguagens acordados dentro de um espaço social, onde é processado de tal modo, que o indivíduo por meio de sua atividade espiritual e material, simultaneamente, modifica a natureza e institui a si mesmo como sujeito social e político da história. Assim,

cultura [...] é a expressão harmônica total do sentir, pensar, querer, poder, agir e reagir de uma unidade social, expressão essa que nasce de uma combinação de fatores hereditários, físicos e psíquicos, com fatores coletivos morais, e que, unida ao equipamento civilizador (instrumentos, armas, etc.), dá à unidade social a capacidade e a independência necessárias à luta material e espiritual pela vida. (BALDUS, 1937, p. 17).

Deste modo, um grupo cultural se sita como uma unidade social (sociedade e/ou comunidade) com uma cultura aceita, acordada e patenteada.

A compreensão de aspectos culturais de um grupo acontece mais intensamente quando os limites do cotidiano, espacial e temporal, são rompidos e os fatos históricos passam a ser conhecidos pelos cidadãos que compõem a sociedade.

Dentro desta perspectiva, estudiosos tem realizado essa transição nas suas pesquisas sobre as atividades dos membros da Companhia de Jesus. Os confeccionares que debruçam suas lentes sobre este tema, tentam, crê-se, fornecer ao leitor notas com intuito de desvelar as minutas referentes a essa matéria.

Para tanto, através de seus personagens, obras e atos, que enfeixam inúmeros dados, preenchem brochuras, regressando assim a ampolheta do tempo, remontando, mesmo que parcialmente, o que se passou em outros períodos.

Por este viés também aqui se quer costear, apreciando os antecedentes históricos que dizem respeito às colônias jesuíticas estabelecidas a noroeste do que seriam os primórdios

da Província de São Pedro, atual Rio Grande do Sul, onde componentes da Companhia de Jesus, Inacianos¹ de subordinação à coroa espanhola, fundaram povoações denominadas de Sete Povos das Missões, durante os séculos XVII e XVIII.

Assim, delineou-se esta busca pelos caminhos que levam aos períodos citados, onde Jesuítas e parcialidades da etnia Guarani² viveram suas “aventuras missioneiras”, de modo que se pôde proceder em investigação sobre as matemáticas³ desenvolvidas naqueles tempos, conforme os remanescentes das escritas daquela época, procurando entender suas relações com as demais ciências, sua significância para a época e meio ao qual estava disposto, seu papel social e sua relevância cultural.

A saga Jesuítico-Guarani tem sido retratada por inúmeros autores e esses retratos têm convergência em muitos aspectos que se referem em especial à história, aos alicerces indígenas, aos valores do Guarani e do Jesuíta, as artes, enfim, a herança das missões da época projetadas no presente. Dessa maneira oferecem sua parcela de contribuição para o entendimento histórico-cultural-social-econômico-político aos povos contemporâneos.

Desse estabelecimento é importante a relação do par Jesuíta-Guarani, opulenta de acontecimentos que oscilam entre a ficção e a realidade. Contudo, almeja-se clamar a atenção para as matemáticas desenvolvidas naqueles tempos, cujo patrimônio social e cultural é legado de herança e que, por alguma força, quem as (d)escreveu, com sua tamanha riqueza disposta, foi deserdado da testamental posteridade.

Referir-se-á, portanto, ao que transborda os limites fronteiriços dos antigos pagos Sul-Rio-Grandenses do Brasil colonial, onde momentos marcantes inundam a história, e que por vezes, estes encharcaram os terrenos sulinos, ora com glórias, ora com sangue, fazendo com que se apanhem fatos relacionados e pertinentes ao tema.

¹ Esta denominação é devida ao fundador dessa Companhia, Padre Inácio de Loyola.

² Indivíduo dos Guarani, povo indígena formado por diversos subgrupos, da família lingüística tupi-guarani, do tronco tupi, que habita o Brasil (MS, SP, RJ, PR, ES, SC e RS), o qual representa um dos maiores grupos, além de Paraguai, Bolívia e Argentina. “Os Guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grandes grupos: os Nandéva [...], os Mbüá e os Kayová. [...] Quanto às designações correntes, para as inúmeras hordas encontradas na bibliografia, a confusão é tal que toda tentativa de estabelecer ordem é condenada, desde logo, a resultados insatisfatórios. Em que se pese a ligeiras variações entre as numerosas aldeias, a divisão em três subgrupos se justifica por diferenças, sobretudo lingüísticas, mas também por peculiaridades na cultura material e não-material.” (SCHADEN, 1974, p. 2).

³ O termo “matemáticas” aparece como o conjunto de conhecimentos matemáticos, as “ticas” de “matema”. “Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos materiais e intelectuais [que chamo **ticas**] para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer [que chamo **matema**] como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais [que chamo **etnos**].” (D’AMBROSIO, 2002, p. 60).

Assim sendo, volta-se o olhar aos trabalhos de dois religiosos Jesuítas, o Padre Antônio Sepp e o Padre Boaventura Suárez, buscando as especificidades relativas ao tópico que agora é inquirido, justificando esta escolha pelo fato de o primeiro ser o fundador de uma missão e catequizador e o segundo, também missionário, ter tido destaque como pesquisador na época. Ambos se sobressaem na temática.

Dentro do conjunto de trabalhos literários que envolvem o assunto, poucas obras se referem às ciências e as matemáticas especificamente, ficando assim a cargo das entrelinhas a exposição de aspectos pertinentes para essa pesquisa⁴.

Um outro ponto relevante, diz respeito à parcialidade que muitos autores têm para com os atores históricos, o que deturpa os pressupostos culturais a serem estudados. Dessa forma, se pretendeu fazer um balanço da literatura, acrescentando interpretações elaboradas sobre o estudo dos fatos, atentando que numa civilização, a sua diversidade está onipresente nas sociedades atuais, tão irredutível como outrora.

A atividade de reflexão sobre estes fatos, realizado pela Etnomatemática, esta enquanto programa de pesquisa⁵ é necessário, tanto para a análise das sociedades de hoje como para as do passado, pois manifesta o temor de ver a multiplicidade cintilante das civilizações fundidas em uma pálida monotonia, característica do Etnocentrismo⁶ que, sistematicamente, traz em sua companhia experiências de etnocídio e/ou genocídio⁷.

O trabalho tomando por esta via de soslaio garante ser profícuo, haja vista que dentro da Educação Matemática, a linha de pesquisa que primeiramente tomou a cultura como objeto de investigação fora a Etnomatemática. Assim, a “Etnomatemática [...] é a primeira linha da educação matemática que lida com a realidade voltada à cultura dos sujeitos da pesquisa.” (SCANDIUZZI, 2004c, p. 123).

Ao se tocar nos povos “conquistados”, adentrando além do manancial histórico que foca o contato e não a particularidade existente nota-se que estes grupos foram um veio de expansão de um modo de vida que se centrava na Europa e que se impunha às colônias, exaltando o Eurocentrismo em todos os encontros culturais. Por isso,

⁴ O projeto desta pesquisa encontra-se publicado na íntegra em LÜBECK (2004b).

⁵ D’Ambrosio (2002, p. 17) afirma que “o grande motivador do programa de pesquisa que denomino Etnomatemática é procurar entender o saber/fazer matemático ao longo da história da humanidade, contextualizado em diferentes grupos de interesse, comunidades, povos e nações”. Querer-se acrescentar ainda o ser e o conviver. Então, aqui é procurado entender o ser/saber/fazer/conviver do grupo etno em questão.

⁶ “Denomina-se Etnocentrismo a vocação para julgar as diferenças a partir de sua própria cultura.” (CLASTRES, 1982, p. 55).

⁷ “Se o termo genocídio remete à idéia de ‘raça’ e ao desejo de extermínio de uma minoria racial, o termo etnocídio acena não para a destruição física dos homens, mas para a destruição de sua cultura. [...] Em suma, o genocídio assassina os povos em seu corpo e o etnocídio os mata em seu espírito.” (CLASTRES, 1982, p. 53-54).

é típico nestes atinamentos com o outro, a descrença na cultura alheia e a imposição cultural do dominante, cujas conseqüências podem provocar encaminhamentos que por vezes flagelam o oprimido, onde no geral a força deixa a história mal contada. (LÜBECK, 2005, p. 6).

Esse embate, no caso brasileiro, apresentou transformações profundas em diversos aspectos culturais e também ficou refletido em várias áreas do conhecimento que, porém, são pouco notadas por estudiosos, inclusive no quesito das matemáticas. Por isso da importância de uma historiografia sobre as matemáticas no Brasil que enfoque as peculiaridades de todo o processo, desde antes da colonização européia.

Tais atitudes sugerem estudos que esclareçam certas histórias acerca de sujeitos ou grupos que diferem entre si, sócio e culturalmente, em que a intolerância entre estas diferenças é no geral pretexto para geração de conflitos. Contudo, podemos considerar ainda que nem todas as ações do homem estejam impregnadas de lutas e demonstrações de poder.

Dessa região de inquérito, surge a problemática que deu guia a esta investigação que é, a saber, *Como as matemáticas aparecem nos trabalhos científicos dos Jesuítas nos Sete Povos das Missões durante os séculos XVII e XVIII?*

De modo a operacionalizar a inquirição, ajustou-se à formulação de questões auxiliares, dentre elas, *Que trabalhos científicos eram realizados? Como as matemáticas se articulam nesses trabalhos? De que maneira as matemáticas estavam ligadas com o social e o cultural e qual sua relevância?*

Dos objetivos, o geral desta pesquisa foi investigar, descrever, interpretar e compreender como as matemáticas se fizeram presentes nas atividades dos Jesuítas, buscando identificar as relações com o contexto onde estavam inseridas, a implicação cultural e social destas relações e a relevância disso para época até os dias de hoje.

Os objetivos específicos refletem a intenção de identificar e descrever trabalhos realizados pelos Jesuítas; distinguir e entender o papel das matemáticas perante o processo que se instaurava na época naquele local e sua influência sobre as práticas científicas; discriminar e retratar o legado que hoje pode ser considerado por historiadores das matemáticas, etnomatemáticos, dentre outros pesquisadores, no tocante as matemáticas e áreas afins e, direcionar e dar encaminhamentos de como considerações feitas acerca das matemáticas pode influenciar no processo de concepção e sociabilização desta ciência para a Educação Matemática.

Este estudo almeja trazer entendimentos sobre a participação das matemáticas nas atividades jesuíticas desenvolvidas nos Sete Povos das Missões no período que lá estiveram parcialidades guaraníicas e missionários da Companhia de Jesus “gozando” da vida em

comunidade. Além deste fator, em particular, ressalta-se a importância de um estudo específico que envolva estas matemáticas com o Programa Etnomatemática, esperando-se assim que o presente estudo preencha uma lacuna existente na literatura referente ao tema.

Da mesma maneira, esperou-se explorar aspectos sociais e culturais pertinentes nas relações entre os indivíduos, onde o encontro de culturas distintas provocou mudanças significativas na história, e que tem interligações com as ciências e as matemáticas, oferecendo um conjunto de informações contextualizadas sobre esta realidade.

No momento em que se incorpora a postura da Educação Matemática e a missão de educador, se é colocado na busca de lições do passado, personalidades, conhecimentos, trajetórias e organizações. Ao mesmo tempo procura-se não esquecer que as gerações que estão por chegar viverão num ambiente multicultural e que as matemáticas têm papel crucial para a construção de uma nova sociedade. Por esta abertura, se mergulha nas raízes da história, efetivando e reconhecendo pela Etnomatemática na Educação Matemática a transculturalidade e a transdisciplinaridade, o que também justifica este trabalho.

Ademais, é uma forma de extrapolação que visa ir além dos limites do presente, adentrando no passado, buscando nesse processo melhor entender os fatos historicamente gerados, revivendo-os em memória para compreender o tempo atual e quem sabe planejar para um futuro não totalmente imprevisível, com consciências vivas à diversidade da experiência e à transformação.

Além do que foi exposto, é conveniente ser mencionada a relevância deste estudo para diferenciação e compreensão da identidade dos atores investigados e de seus trabalhos. As releituras destes aspectos requerem o favorecimento de uma programação e realização de práticas educativas livres de ingenuidades ou triunfalismos.

É uma tentativa de resgate social e cultural em prol da formação humana, em que as conquistas serão alcançadas com o combate a “ignorâncias”, que se pautam na falta de informação e entendimento das legítimas causas sociais e culturais que embasam os fatos históricos.

Assim, esta pesquisa intenta emergir e dar um novo enfoque aos trabalhos dos Jesuítas, através de um olhar crítico de quem pesquisa, oportunizando interpretações que enfeixem significativos dados históricos, bem como dar ênfase às atividades matemáticas que os Jesuítas daquele tempo desempenhavam, descrevendo e valorizando-os como personalidades que tiveram um papel fundamental na constituição histórica do Brasil.

Como motivação, tem-se a preocupação profissional que é refletir sobre as matemáticas, em seus aspectos mais amplos, como culturais, educacionais, históricos e

filosóficos, de modo a entendê-las e sociabilizá-las. Não obstante a isto está a visão sobre o conhecimento, sua geração e subordinação a um contexto natural, social e cultural. Isto remete a estudos de grupos, que em sua história, desenvolveram instrumentos para explicar, conhecer e entender, em resposta a necessidades de sobrevivência e/ou de transcendência em seu ambiente.

Enquanto preocupação pessoal, o aprofundamento neste assunto foi determinado pelas circunstâncias da vida, onde o cenário e a história circundam esta autoria desde a infância. Delineando-se os impulsos individuais e profissionais, estes desembocam no presente esboço, e que encontrou no campo da Educação Matemática solo fértil para seu desenvolvimento.

3.2 O Espaço e o Tempo

Para uma descrição do episódio, que é objetivado aqui, necessita-se ressaltar que este teve sua gênese no além-mar, na Europa em países de línguas neolatinas, desenvolveu-se na América Meridional, tendo o seu endosso póstumo em seus locais de origem. Nenhuma idéia do todo poderá ser cabal se não abranger o dilatado período de tempo e será deficiente se levar em conta somente a ocasião de tempo em que ocorreu. Do mesmo feitio, deve-se considerar o espaço – lugar e ambiente – destes antecedentes.

Uma releitura, mesmo com brevidade dos principais acontecimentos que antecederam e marcaram, ou ainda, conduziram a seqüência histórica do alvorecer europeu no *Novo Mundo*, dão apoio a este conto e propõe algumas condicionantes, as quais prestam embasamento ao cenário que se tenta descrever. Estas variáveis servem como ferramentas na compreensão da peça.

Dos personagens, sem açodar no assunto principal, remete-se anteriormente a uma apreciação do enredo, de modo à re-montar o panorama da época, evitando o afogadilho de ir aos argumentos sem que se tenha passado pelos fatos.

Idos, portanto, aos tempos em que o universo se torna imenso e o homem primordial, à metade do segundo milênio; a terra se expande, a história tenciona-se para se largar ao futuro.

3.2.1 Portugal e Espanha

Na Europa, o século XV caracterizou-se como uma primavera para os ocidentais, pois desabrochava um renascimento de valores individuais, apartando-se do feudalismo⁸ segregado e cerceador. São os lusco-fuscos da Idade Média se apagando, dando lugar a ideais quinhentistas.

Esse século significou esperança em uma vida melhor, cuja contribuição principal foi prestada pelo desenvolvimento das trocas comerciais, especialmente compartilhada na Ibéria, por meio da persistente ação contra a ocupação islâmica e judaica. Esta esperança estava umbilicalmente ligada a um sentimento patriótico e possuía na fé cristã o seu fundamental impulsionador para a germinação de um sentimento de expectativa para grandes realizações, como a unificação política.

A península era dividida em cinco estados, a saber, Navarra, Portugal, Castela, Aragão e Granada, e a reunificação ocorrera sem muitas delongas, exceto com o Estado Luso, liderada pelo casal que foi considerado pela Igreja como os Reis Católicos⁹, recebendo este título das mãos do Papa Inocêncio VIII, em reconhecimento pelos seus feitos em prol da cristandade.



Ilustração 4: Mapa da Europa no ano de 1500.

Sobre os que negociavam pairava conceitos pouco honrosos, os quais se acentuavam sobre aqueles que obtinham lucros com o dinheiro. Tais atividades centravam-se quase sempre nas mãos dos judeus e dos mouros que, por sua crença religiosa, não eram bem vistos, apontados como inescrupulosos nas suas atividades.

Nesta península, os povos mantinham uma estrutura conservadora e bem tradicionalista, enquanto que em outros povos da Europa, a brisa da Renascença¹⁰ agitava as

⁸ Regime resultante de um enfraquecimento do poder central, e que une estreitamente autoridade e propriedade da terra, estabelecendo entre vassalos e suseranos uma relação de dependência.

⁹ D. Fernando, Rei de Castela, que era filho de D. João II, Rei de Aragão e, Dona Isabel, Rainha herdeira de Castela, que era irmã do Rei D. Henrique IV de Castela.

¹⁰ Movimento artístico e científico dos séculos XV e XVI, que pretendia ser um retorno à Antiguidade Clássica.

idéias revolucionárias de liberdade e independência da consciência humana e do progresso das nações e, a procura da verdade na fé cristã, que se pautava nas leituras de livros clássicos.

Por sua vez, o mercantilismo¹¹ emergia como uma importante e dinâmica geração, que fazia circular riquezas, as quais sustentavam muita gente. Os Reis Católicos não estiveram apartados destas renovações. Eles apoiavam o desenvolvimento do comércio e indústria, procurando quebrar o conservadorismo e o desprezo com que algumas classes tratavam estas novas ordens econômicas e trabalhistas, firmando-se assim um forte operador na consolidação do poder régio. Com um ato político e religioso, após a guerra de reconquista, os Reis Católicos expulsaram em 1492 das terras espanholas os judeus e os mouros que não quiseram se converter ao cristianismo.

O ato de impor batismo ou expulsão no pretexto de unificar religião e sociedade, na realidade, dividiu os espanhóis em duas castas, a dos “puros” e “impuros”, distinguidas pelo *Estatuto da pureza do sangue*¹², decreto que impunha a diferenciação, isolamento e eliminação dos falsos conversos, num clima de permanente suspeita. Pouco a pouco a atmosfera de suspeita encobre a Espanha e os reinos das Índias provocando uma psicose coletiva entre perseguidores e perseguidos, convertendo a convivência numa caça permanente ao semita.

Com os aplausos da Igreja, esta postura representava os séculos XV e XVI, onde Rei e Espanha eram um o reflexo do outro, com um passado glorioso marcado por muitos empenhos e sacrifícios, um presente excelente e um futuro esperançoso. O ardor religioso adicionado ao sentimento nacionalista fazia dos Reis, predestinados para grandes empreendimentos.

Consolida-se assim o poder régio, que intervém no incremento ao mercado, sustentando o mercantilismo segundo a teoria que a potência de uma nação é medida pela riqueza de seu comércio. Surge então o espírito de empresa voltado para o progresso econômico e que se torna parceira dos Reis.

A veemência religiosa foi usada, também, para consolidar o absolutismo¹³ e aproximar a Igreja do Estado. Esta união entre o Estado Espanhol e a Igreja era tão intensa que levava ao fanatismo religioso, considerando inimigo todo aquele que não fosse católico,

¹¹ Tendência para subordinar tudo ao comércio, ao interesse, ao lucro, ao ganho. Enfatizava a importância do comércio exterior para a economia de uma Nação, e que defendia a ação do Estado em favor da expansão e monopólio do comércio.

¹² Transferia-se o debate do campo religioso para o campo racial, provocando uma estratégia de “purificação”.

¹³ Sistema de governo onde o governante se investe de poderes absolutos e sem limites, exercendo a dominação.

oportunizando assim a criação do Santo Ofício ou Inquisição¹⁴ em 1481, para punir os suspeitos de heresia, a fim de manter e preservar a pureza da “Santa Fé e da Boa Moral”.

Era esse o ácido que corroía a Espanha no século do ouro, conjuntamente com todas as sociedades que pretendiam fundamentar a ordem na discriminação de grupos e na desigualdade de essências.

Os reinos da Espanha sobreviviam graças ao trabalho das populações rurais, semi-escravas, diga-se de passagem, dedicados a produção agropecuária, enquanto que as elites viviam na missão da reconquista. Não eram reinos ricos, assim como também não eram seus soberanos, e o tesouro real não era muito significativo.

A Coroa estava associada aos empreendimentos marítimos, concedendo títulos e poderes para seus representantes. Estas organizações faziam de cada empresa um negócio singular, em que todos estavam solidários, tanto nos lucros como nos azares das expedições, fazendo deste apoio mútuo, fator fundamental no êxito das iniciativas da época.

Esta monarquia de modo eminente católica e impiedosa na religião, recebeu de diversos Papas o direito ao Régio Patronato nas terras do *Novo Mundo*, tornando-se o Rei representante e controlador geral da Igreja, cabendo ao Papa apenas referendar o que a Coroa havia aprovado.

Quanto a Portugal, um Estado pequeno e encravado quase que dentro de outro, com uma pequena população e com um solo pobre e pedregoso, consegue manter-se por séculos na costa da península. O segredo de Portugal talvez tenha residido no seu povo, meio acomodado, todavia trabalhador, limitado nas ambições e conformado com as dificuldades em tirar da terra e do mar os seus sustentos, consolados pela sua ardente fé cristã.

Para Portugal, navegar foi preciso, haja vista a necessidade de desenvolver o comércio marítimo, e deste modo, assegurar a sua independência. Isso criou uma situação que impeliu para o surgimento de uma nova classe que exalou dinamicidade e liberalismo, os burgueses¹⁵, que julgavam as lidas comerciais e econômicas como as propulsoras do progresso.

Inicia-se assim uma nova soberania, contrariando Castela, e com apoio da classe emergente, se instala uma nova dinastia, que visa romper com o feudalismo. Com uma paz relativa nas mãos e uma eminente escassez de recursos, partem para as conquistas da

¹⁴ Antigo tribunal eclesiástico instituído com o fim de investigar e punir crimes contra a fé católica. Constituída um verdadeiro sistema imperial de informações, investigações e julgamento, com uma bem montada rede de tribunais nas principais cidades do reino que empreendia severas perseguições aos suspeitos de heresia.

¹⁵ Classe social que surge na Europa em fins da Idade Média, com o desenvolvimento econômico e o aparecimento das cidades, e que vai, gradativamente, infiltrando-se na aristocracia, e passa a dominar a vida política, social e econômica.

navegação em direção ao sul. Desta empreitada, são montados observatórios astronômicos e bases de preparo de nautas, contratando para tal vários especialistas de diversas nacionalidades.

Em Portugal houve uma ação do Estado para desenvolver a atividade náutica e cometer expedições, usando financiamentos da Coroa. Por outro lado, acontece em 1503 a instalação da “Casa de la Contratación” em Sevilha, pela Coroa Espanhola, que tinha a atribuição de organizar e controlar todos os serviços marítimos com o *Novo Continente*.

Dá-se então o início das conquistas, com a colonização de novas terras, o cultivo da cana-de-açúcar, o tráfego negreiro, a cata ao ouro, a busca por especiarias e a procura de um caminho pelo mar ao Oriente. Esta prioridade de chegar às Índias era acompanhada também pelo tormento de não se dispor de conhecimentos geográficos e náuticos, bem como de pessoal qualificado para tal façanha.

Apesar dos percalços, as expedições se sucedem, acumulando êxitos e desastres, porém eram impelidas pelos lucros que delas eram obtidos. Por este esforço empreendedor, é concedido a Portugal, pelo Papa Nicolau V, a posse de todas as terras descobertas ao longo da costa da África.

Este desenvolvimento comercial marítimo pouco alterou os conceitos e costumes das classes dominantes em Portugal, as quais insistiam em manter grandes latifúndios com a nobreza, onde a maior parte dos portugueses, agricultores, vivia na miséria. Portugal e Espanha eram de certa forma, avessos às atividades utilitárias, valorizando apenas afazeres militares e administrativos.

Enfim, Portugal e Espanha mantinham uma formação e estruturação de sociedade muito semelhante. Enquanto a sorção de mercadorias era ampla e mantinha os ânimos elevados, estas posturas sociais não eram percebidas e/ou consideradas relevantes, permanecendo estes países eminentemente agropastoris, no meio de uma ascendente fartura que era dependente das colônias conquistadas, onde os produtos manufaturados consistiam em ser oriundos, na sua maioria, destas paragens.

3.2.2 A vinda para a América

As nações ibéricas tinham na navegação a convicção de grandes realizações, principalmente a descoberta de uma rota que os levasse às Índias. A partir daí, dá-se início também disputas territoriais entre os Reinos Portugueses e Espanhóis, as quais serviam de trampolim para novas expedições em busca especialmente de escravos, especiarias e ouro.

É iniciada, portanto, uma corrida para conquistas de novas terras, como as do litoral Africano. Este foi um período muito precioso para as captações e avanços comerciais, além destes que eram muito rendosos, foi uma ocasião de excelência para a formação de bons navegadores que, com as experiências, tomavam prova no domínio dos ventos, das correntes marítimas e das dificuldades de orientação. Deste esforço eram formados nautas aguerridos que viam no poente o sonho da aventura, da conquista e da riqueza.

Porém, como por detrás havia uma disputa e o segredo das expedições era crucial para que uma potência não se antecipasse a outra em seus objetivos. Estes sigilos e os seus desenganos que por vezes eram soltos para despistar qualquer tomada de certeza das reais pretensões das rivais Espanha e Portugal, foram muito significativo para a chegada na América e tomada deste continente por estas forças navais.

Ao se fazer zarpar uma frota, geralmente eram divulgados destinos outros daqueles que realmente representavam, ficando apenas as reais intenções da viagem no conhecimento de alguns poucos tripulantes e dos financiadores. Este foi o caso da frota comandada por Pedro Álvares Cabral, cuja missão oficial era instalar feitorias portuguesas na Índia, ficando encoberto a verdadeira finalidade que era a de tomar posse oficialmente do Brasil, donde esta finalidade segunda foi tão bem ocultada, que ainda hoje muitas pessoas acreditam na ingênua causalidade.

Das viagens emanavam dados para a composição de mapas e cartas náuticas, conhecimentos e informações que preenchiam materiais cosmográficos, que ao final, além de serem obras carregadas de imaginário e sentido artístico, traziam conhecimentos estranhos e por vezes exagerados e curiosos, entretanto estes eram ardentemente disputados por altos preços.

Cristóvão Colombo, navegador genovês que trabalhava em Portugal, é o primeiro que se encontra com o novo continente, mais tarde chamado de América, pelo menos é o que traz a história oficial. As aspirações deste piloto eram de chegar às Índias pelo sol poente, cujas extremidades oriental e ocidental do globo habitado se achavam separadas por um mar não muito extenso, conforme orientação dos mapas de Ptolomeu e Toscanelli.

A proposta de Colombo é protelada quando este a faz ao Rei Português, impelindo-o à Castela, onde o mesmo ocorre. Após anos de espera, Colombo consegue a concordância da Rainha, visto que a euforia é geral pela vitória desta sobre os mouros. Ressalta-se que França e Inglaterra convidaram Colombo para apresentar seu projeto, o que mudaria completamente a história se assim o tivesse sido. Sem entrar nos pormenores desta

história, dá-se o desvendar do Continente Americano pelo genovês para a Europa, perturbando ainda mais a rivalidade entre Portugal e Espanha.

Se Colombo não encontrasse nada condenaria a sua expedição a um fracasso e tudo continuaria como antes, mas como teve sucesso, marcado no ano de 1492, houve uma profunda alteração no jogo de poderes, mesmo não sendo o tão esperado caminho às Índias Orientais, e sim, ilhas da costa da América Central.

A notícia da existência de *novas terras* correu como um rastilho de pólvora após a volta da sua expedição, pois o impossível parecia ter se tornado palpável. Mesmo Colombo pensando que fossem as ilhas da Ásia as que haviam encontrado, alguns contemporâneos seus preferiram chamá-las de Índias Ocidentais, afim de não ocorrer um erro, pelas crenças das dimensões que a esfera terrestre possuía, contrariando as hipóteses do audacioso Almirante Genovês.

Com as boas novas, Colombo leva consigo alguns nativos, que ele chamou de índios porque os considerava habitantes das Índias, por isso é comum o desígnio ainda hoje das diversas etnias deste continente apenas pelo chamamento de índios, outro equívoco histórico, onde o correto é chama-los pelo nome de sua etnia, por exemplo Guarani.

Acompanhava o regresso de Colombo à Espanha o protesto da Coroa Portuguesa que julgava as terras descobertas dentro de sua jurisdição pelo Tratado de Alcaçovas¹⁶. Indo esta disputa ao papado, onde o ganho de causa foi em prol de Castela no ano de 1493, começa então o ideal português decidir por uma guerra nos mares e regiões desvendadas.

Para evitar conflitos, Espanha propõe negociações com Portugal para dividirem as terras além do mar-oceano, donde resulta no ano de 1494 o Tratado assinado em Tordesilhas, que levou este mesmo nome. Ambas as Coroas decidiram perante a Igreja que as terras por ventura existentes ficariam divididas entre as duas potências ibéricas.

Como faziam uma divisão do que de fato não conheciam, pois os conhecimentos geográficos eram muito precários, o melhor era não clarear muito e manter a impressão de uma linha meridiana demarcatória que deveria passar a 370 léguas a poente das ilhas de Cabo Verde. O que fosse encontrado ao levante desta linha seria Português, tanto ao norte como ao sul, e para o poente desta linha pertenceria à Espanha.

Este tratado sofreu diversas críticas, dentre elas a sua imprecisão nas medidas, não especificando o comprimento da légua (se era 15; 17,5; 20 e 26,5 léguas por grau da linha do

¹⁶ Este Tratado definia direitos exclusivos aos portugueses das terras que ficassem ao sul do paralelo do cabo Bojador na África e que reconhecia a soberania de Castela sobre o arquipélago das Canárias e de todas as terras que ficassem ao norte daquelas ilhas.

equador), não havia processo razoável para determinação das longitudes, o tempo era medido por ampulhetas nos barcos ou por velas marcadas e as distâncias percorridas estavam sujeitas a influências das correntes dos mares, das ondas e ventos. Foi um verdadeiro passo no escuro.

Porém, o que importava mesmo era mostrar para as outras nações o direito sobre as *novas terras*, e como estas não se manifestaram, o Papa Júlio II consagrou o tratado na bula *Es quae pro bono pacis*, dada assim a sua proteção religiosa. Talvez o acatamento mostre apenas uma indiferença por este tipo de acordo, pois esses contratos podiam ser rompidos facilmente e a qualquer momento.

Estava então selado por este tratado o fado das terras desconhecidas e dos milhões de seus habitantes que nada tinham a ver com as pendências dos dois Coroados. No porvir dos séculos a seguir a região sul do Continente Americano sofreria constantemente com os vestígios deste tratado como um castigo degenerado pela desavença e competitividade de grupos proferidos cristãos.

O tratado serviu às Cortes como uma ampla banda demarcatória que orientava a exploração e que poderia ter sido clareada à luz de conhecimentos técnicos no decorrer do tempo, mas fora deixado para as nações instaladas nos locais traçarem os rumos definitivos das fronteiras.

Enquanto isso, em 1497, Vasco da Gama alcança as Índias para o Rei Português, garantindo um caminho marítimo para o comércio de especiarias, contornando a África. Espanha reconhece e toma posse nas colônias americanas e ainda persegue o sonho de Colombo em direção ao poente, almejando as Índias.

Então, D. Manuel, Rei de Portugal, quer assegurar a sua propriedade e posse nas terras das Índias Ocidentais, bem como manter o domínio do comércio das Índias Orientais. Para tanto, resolve fincar feitorias a fim de garantir a rota comercial e, simultaneamente, encontrar a terra do *Novo Mundo*, fazendo um levante de uma esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, acompanhada de cosmógrafos ilustres como Duarte Pacheco Pereira e Bartolomeu Dias.

Usando um artifício geométrico¹⁷, os nautas navegam pelo atlântico e encontram a tão desejada terra portuguesa, hoje Brasil. É curioso e importante ressaltar que na carta de

¹⁷ Teoria do cosmógrafo espanhol Jayme Ferrer, de determinar a longitude pela latitude.

“Consistia num artifício geométrico em que o barco que navegava em direção de rumo 45° na direção E-O, avançaria igualmente tanto em longitude como em latitude percorrendo a hipotenusa do triângulo. Como a determinação da latitude era possível, nesse caso, ficaria se conhecendo a longitude que era de igual valor. [...] O estudo da rota da frota [de Cabral] mostra que ela passa pelas Canárias e depois pelas ilhas do Cabo Verde, provavelmente a ilha de Santo Antão e desce pelo meridiano desta ilha até a linha do Equador, quando flete

Pero Vaz de Caminha, o escrivão da frota, este fale no achamento da terra e nunca em descobrimento¹⁸ e não deixa de assinalar a missão cristã que o Reinado deverá assumir na nova colônia, afirmando que o melhor proveito que dela se pode tirar, parece ser salvar a gente que nela vive.

De repente as fronteiras somem, são levadas pelos ventos, os mesmos que impulsionam as caravelas para o ocidente, para o sul e para o oriente. Não é suficiente que Cristóvão Colombo, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães dilatam o espaço aberto aos terrestres, revelando-lhes Nicolau Copérnico¹⁹ que não passam de passageiros de uma nau, colocando o homem a contemplar de modo novo o próprio homem, seu lugar no universo e sua relação com Deus.

3.2.3 A Conquista

A mentalidade eurocêntrica vigente considerou a todos os habitantes do *Novo Mundo* etnicamente inferiores, o mesmo que os demais aborígenes de outros continentes que não o seu próprio. É relevante a advertência que desde a colonização, não houve nenhum respeito a qualquer tipo de soberania encontrada nas regiões evidenciadas. Os naturais eram ignorados como detentores de culturas e eram desconsiderados como povos.

Tanto no Brasil, como no Paraguai, Caribe, Peru ou México, enfim, o tratamento que as populações locais recebiam era a da pura e simples invasão, como se aqueles primitivos fizessem parte da natureza, tais como os outros animais. Não havendo outra razão que justificasse tal procedimento, além da conquista, do saque e do roubo, nunca foram reconhecidos os verdadeiros donos destas terras.

Sem dúvida, a conquista espanhola teve características especiais, tentando justificar seus direitos sobre os outros povos pela necessidade de propagar entre eles a fé cristã. Para dar um desígnio altivo e abonar de honra os conquistadores, serviu a religião católica, que incitava os Estados que professavam a incumbência de difundir a religião, convertendo os gentios e combatendo os infiéis e idólatras. Nada sob o ponto de vista moral, ético, legal ou religioso acudia os povos nativos.

para o rumo S-O, em 45° com a linha do paralelo, permanecendo fielmente neste rumo até encontrar a costa baiana, em 21 de abril [de 1500], rumo por sinal, contrário à direção da África.” (MALLMANN, 1986, p. 42).

¹⁸ A carta começa assim: “Senhor, posto que o Capitão-mor desta Vossa frota e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar nisso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que - para o bem contar e falar - o saiba pior que todos fazer!”. (CAMINHA, 1963, p. 27).

¹⁹ O sistema cosmológico heliocêntrico que foi criado por Nicolau Copérnico (1473-1543), e segundo o qual os planetas giravam em torno do Sol em movimentos circulares, oposto ao geocêntrico de Ptolomeu.

Contudo, as explorações geográficas dos Reinos de Espanha e Portugal haviam coincidido com a busca de uma sociedade melhor por parte dos humanistas cristãos, que saudavam os valores de justiça e liberdade em verdade nunca alcançados, porém sempre sonhados pelos espíritos mais generosos.

E, assim que a notícia de que os habitantes da *Nova Terra* andavam nus sem malícia alguma e que pareciam fazer pouco caso com a propriedade privada, pois tudo era pensado para e no coletivo, iluminou-se a idéia de alguns fundarem ali uma sociedade perfeita, *por uma terra sem males*. Era também tentadora a fantasia de organizar no *Novo Mundo* uma nova cristandade onde todos tivessem suas coisas em comum.

O mais importante destas idéias foi a revelação do ser humano enquanto ente criado a imagem e semelhança de seu Criador e, em consequência, a igualdade, a liberdade de espírito e a justiça a que todos os homens são dignos. Mal se compadecia este ideário com as duras realidades da conquista, pouco aptas para a valorização do distinto.

Assim, nos anos que se seguem do “descobrimento” e povoação do *Novo Mundo*, vão estar presentes as atitudes seguintes, a saber, uma pregação da superioridade étnico-cultural e religiosa do europeu, sustentada pela maioria, contraposta a de alguns pensadores que intentaram uma aproximação racional e afetiva para com o Outro.

Desde o começo da colonização, abre-se a discussão acerca dos ameríndios serem totalmente humanos, se teriam uma alma imortal e se eram, por conseguinte, capazes de ser evangelizados. Havia interesses econômicos em jogo, pois se eram humanos, não poderiam ser escravizados, deixando de servir aos colonos para servir a Igreja. Em 1537, o Papa Paulo III declarou na Bula *Sublimis Deus* não só a humanidade de todos os indígenas americanos, como também a proibição da sua escravização.

Não poderia o Papa ter agido de outro modo, já que nos princípios evangélicos está implícita a igualdade universal e a compreensão face ao outro e ao distinto, preconizada pelos humanistas. Os autóctones eram então declarados homens racionais, livres por natureza, senhores de suas ações e capazes da fé e da salvação, podendo gozar de suas liberdades e de suas propriedades, bem como ficava categoricamente proibida a sua escravização em toda a cristandade. Obviamente, as atitudes não respeitaram este ato na íntegra.

Por outro lado, a Reforma Luterana²⁰ provocou uma reação no catolicismo espanhol fazendo-o mais fechado e tradicionalista. O ideário de defesa de uma pátria livre de contaminações heréticas chega à Espanha nos fins do século XVI, fazendo com que esta se

²⁰ Esta reforma particionou a Igreja Católica no início do século XVI, dando origem ao Luteranismo, doutrina religiosa de Martinho Lutero (1483-1546), teólogo e reformador alemão.

fechasse em si mesma e passasse a repelir do seu plano resquícios culturais de fora que poderiam recordar para os índios suas religiões, qualificadas como superstições e idolatrias. A fatal consequência desta ação foi a destruição de culturas e obras, perdidas para sempre.

Em meados do século XVI a Europa se abria para os novos rumos das ciências, das geografias e dos pensamentos humanistas, porém paralelamente, se encerra em uma intolerância, cria dos nacionalismos, das monarquias absolutas e do fanatismo religioso. Neste panorama, de incompreensão das culturas não européias, se levantam as vozes de alguns indivíduos, geralmente do clero regular, que sustentavam um pensamento aberto e coerente no intuito de conhecer ao Outro.

Estes constituem uma brilhante exceção caracterizada por uma sã curiosidade frente aos usos e costumes desconhecidos e pelo intento de compreensão dos mundos distintos. Esta será uma atitude de missionários Dominicanos nas Antilhas na América Central, Franciscanos no México, Jesuítas no Sul da América e em regiões da América do Norte. Atitude que se torna valiosa se for localizada no contexto histórico que foi crescendo em intolerância e fanatismo, culminado com guerras a seguir.

Neste ínterim, a Espanha alarga seu território com as terras do além-mar e, para tanto, se utiliza da mesma estrutura administrativa e organizacional franqueada da península, acrescida do comprometimento com o cristianismo para a pacificação dos nativos. Essa conquista poderia ser induzida por uma submissão pacífica ou por uma “guerra justa”, caso houvesse resistência.

3.2.4 A Companhia de Jesus

No fim da quarta década do século XVI, a situação do Papa Paulo III estava um tanto calamitosa na Europa, visto que o protestantismo havia sacudido sua autoridade, o antigo Império Mouro mostrava sinais de convulsão com o islamismo e se não bastasse, o Renascimento das artes e letras dava luz como consequência, ao espírito de exame e a dúvida filosófica, carecendo o chefe espiritual católico de uma instituição que defendesse seu prestígio.

Eis que alguns peregrinos extenuados por uma longa viagem a pé através da Europa, se apresentam ao Papa com o objetivo de fazer admitir pela Santa Sede uma ideiação de sociedade religiosa. O Pontífice submeteu a questão a uma assembléia de Cardeais, a qual rechaçou a idéia. Porém, o Soberano necessitava de uma Companhia de pretorianos atrevidos

que defendessem sua ameaçada autoridade. Pois, pediu o Papa a revisão do plano rebatido, com o desígnio de conferir a solicitada autorização.

Em 1540, o Papa Paulo III logra em Roma a bula *Regimini Militantis Ecclesiae* promulgando esta nova Companhia que fora solicitada por meio dum plano para uma nova ordem religiosa, encabeçada por Inácio de Loyola (1491-1556), seu fundador e mais uma meia dúzia de colaboradores – Pedro Lefèvre, Francisco Xavier, Diego Lainez, Afonso Salmeron, Simão Rodrigues de Azevedo e Nicolau de Bobadilla – cuja designação fora a Sociedade de Jesus, num movimento religioso de Contra-Reforma promovido pelo catolicismo.



Ilustração 5: Gravura ilustrando Loyola e seus confrades recebendo a bênção do Papa.

Companhia de Jesus, nome dado à ordem religiosa, de clérigos regulares, comumente chamados de Jesuítas, derivado da palavra Jesus, tem no título o caráter militar que o seu instituidor imprimiu à criação.

Pode-se afirmar que a gênese deste estabelecimento respeita três fases. Com efeito, quando Loyola em 1534 organiza-se em Paris num grupo de estudantes tentando criar uma confraria para o trabalho missionário na Terra Santa que, pelo impedimento de viagens para o Oriente em razão de guerras, o plano frustrou-se. Quiçá esta nova ordem não teria adquirido a sua significância histórica se esse objetivo primeiro se concretizasse. Consta que Loyola já havia estado lá anteriormente, porém numa penosa peregrinação, levado pelo espírito dos Cavaleiros das antigas Cruzadas²¹.

No ano de 1537, em Roma, aparece uma segunda idéia, a de substituir o projeto frustrado, formulando um novo programa que incorpora à atividade missionária a ação pedagógica, concomitantemente com a pregação e o serviço ao papado. Eis que mais tarde se acentuou um último aspecto, assumindo o caráter de arma do catolicismo contra o protestantismo.

A história da instituição na sua forma definitiva pode ser dividida em dois períodos, sendo que o primeiro (1540-1773) compreende mais de dois séculos que vão desde

²¹ Expedição militar de caráter religioso que se fazia na Idade Média contra hereges ou infiéis.

a promulgação até a abolição da Ordem no tempo do Papa Clemente XIV, e o segundo que vai desde o seu restabelecimento pelo Papa Pio VII (1814) até os dias atuais.

Tanto a organização como os princípios direcionais das atividades da Companhia de Jesus estão estabelecidos no *Institutum Societatis Iesu*, código cujos elementos principais são as *Constituiciones*, compiladas pelo fundador da Ordem, e as explicações pertinentes a estes trabalhos, editadas pela mais alta hierarquia dela, possuem a mesma força legal que as *Constituiciones*. O *Institutum* contém, dentre outras coisas, certas indicações práticas, regras, decretos e cartas, instruções a respeito dos cargos na Ordem, um programa de estudos e os *Exercitia Spirtualia*²² do instituidor. Desde o ano de 1600, quando se deu o término da maior parte do planejamento desta organização, os regulamentos não sofreram modificações significativas.

A obediência foi exaltada na Companhia mais que em qualquer outra instituição religiosa e o método característico de fomentar o espírito da Ordem era o de um intensivo treino mental, físico e religioso, estabelecido pelos *Exercitia*. Esse treino manifestava um conhecimento detalhado das relações recíprocas entre os estados psíquicos e fisiológicos, não se omitindo pormenor algum dos que pudesse estimular a imaginação do aspirante até o momento dos ensinamentos da Igreja e da Ordem abrolharem coligados com a verdade divina.

Poucas instituições representam o seu fundador como os Jesuítas representam Loyola. Este fora Cavaleiro armado, e como combatente, estampou esta aparência à “milícia” que se formava. Lesionado em batalha em 1521 no cerco a Pamplona pelos franceses, fica capengante e entrega-se a atividade de leitura sobre a vida de Cristo e outras histórias da religião, preparando-se assim para combater noutra frente, tornando-se soldado da fé cristã e da Igreja Católica Romana, provocando seu ânimo de lutar pelo que chamava de Reino de Cristo.

Lança-se ao apostolado, conhecendo as ciências eclesiásticas através das Universidades de Barcelona, Alcalá, Salamanca e Paris. Em 1534 os sete companheiros fazem os votos de pobreza, castidade, obediência e dedicação à causa da religião católica, tanto na Europa como nas terras dos novos continentes.

Com um hábito roto e num estilo que parece ter sido assimilado do cerne do cristianismo das cruzadas e das macerações convulsivas, o peregrino claudicante Loyola e

²² Os exercícios espirituais consistiam em separar-se por uns dias da vida ordinária para meditar em silêncio. A oração e a contemplação sob a direção de um sacerdote sobre as grandes verdades e sobre o tipo de vida que se quer levar de acordo com a própria vocação e crenças. Implica na tomada de consciência sobre a vida e a acionar de cada um, uma auto-interrogação sincera acerca dos próprios objetivos no mundo e uma busca de melhores métodos de logr-los, através do ensino do Evangelho.

seus companheiros lançam-se numa viagem de encontro com uma humanidade sem exclusão nem maldição, com um mundo amplo e ilimitado, de incidência com o que se considerará a obra prima do Criador, o homem verdadeiramente visto como criatura divina.

Loyola era, acredita-se, um crente de fé sem limites e que confiava as suas decisões a uma lógica fria e calculista, tendo como premissa, que Deus sempre aprovaria todo trabalho piedoso e verdadeiramente útil. Defensor do livre arbítrio, da escolha entre o bem e o mal e do mérito das obras humanas em prol da Divindade.

Essa criação fora inédita dentro da Igreja, onde a ação superava a contemplação e onde se instituía o serviço ativo, dedicado à honra do Criador. Seguindo a filosofia aristotélica, foi adotado como preceito, ser mais importante que o ato em si a razão que levou a pessoa a praticá-lo. É a tomada de decisão que conduz para a salvação ou ao tormento eterno.

Observou o Padre Inácio que a negligência e o descaso consumiam as paróquias e os católicos e, que o modo de obter soluções para os problemas sociais da época estava com os detentores do poder nos palácios e castelos e não em logradouros e ruelas.

Por isso, a moral casuísta dos Jesuítas impeliu a generalização drástica de que os fins justificam os meios, tornando amplo e perigoso o processo quando feito para gloriar Cristo, eliminando qualquer freio legal ou ético. Para a Companhia os sentimentos e as qualidades humanas valiam tanto quanto a possibilidade de serem utilizadas pela Igreja.

Com o pretexto de pregar a religião católica em regiões de infiéis, educar a juventude e a confissão em nome da direção espiritual e, conforme a escritura de São Marcos da Bíblia Cristã, foram eles, os membros dessa nova Sociedade, por toda parte do mundo, pregando o evangelho à toda pessoa, sob a divisa que sustentava *‘A maior glória de Deus*. Pelas condições da época, eram os Jesuítas de fato os únicos a quem se poderia confiar semelhante tentativa, se fosse almejada esperança de êxito. Não obstante a isso, esta idéia também dava guia à empresa dos descobrimentos, mediados pelas grandes navegações, alicerçando os tronos europeus sobre novos continentes, e assim contribuindo para uma maior magnificência do homem.

Vivendo na época da Reforma Protestante, que minara o conceito da Igreja Católica, e sendo muito viva a influência da Renascença na vida seiscentista, pensou o patriarca desta Ordem que um dos meios de combater ambas as ameaças ao catolicismo seria a fundação de colégios que, a par de uma ótima instrução literária e científica, ministrariam ensino religioso.

Neste patamar, abrem-se as portas para onde os Jesuítas se dirigiam inclusive as do Poder. Na medida em que a luta natural com o protestantismo ficava transparente, também as atividades da Ordem se multiplicavam, pois os padres da Companhia iam conquistando a confiança dos príncipes, donde se tornavam confessores dos monarcas, uns verdadeiros representantes de Estado.

Pelo regime político da época, a forma mais fácil de assegurar a submissão à Igreja era atuar por meio da influência dos Reis e dos poderosos. Por isso, essa Sociedade educava seus adeptos no sentido de adquirirem a destreza de procedimento de um cortesão, a habilidade de um diplomata e um profundo conhecimento das ciências e da natureza, fazendo acolá, o Jesuíta se distinguir dos membros das outras ordens religiosas.

Em muitas cidades floresceram colégios da Companhia e o plano de ensino dos Jesuítas foi sistematizado pelo Padre Geral Cláudio Aquaviva na *Ratio Studiorum*²³ entre os anos de 1585-1599. O elemento fundamental do sistema era a instrução religiosa, mas dava-se muita importância ao estudo meramente formal dos autores antigos. Para as matemáticas, prescrevia às classes elementares e cursos secundários, por exemplo, estudos das quatro operações, de geometria euclidiana, de aritmética, da esfera, conforme o grau da classe e futura profissão do aluno. Ademais, ler, escrever, contar e saber o catecismo eram metas destes estados eclesiásticos.

Em conformidade com o aspecto anti-especulativo e tradicionalista do espírito do formador Jesuíta, tudo o que fosse novo era repellido, mesmo que fosse a assuntos fora da religião. Diz o regulamento que os professores que tiverem alguma inclinação ao novo ou terem uma inteligência demasiadamente livre, esses devem ser impedidos de ensinar. Mas, isso foi amenizado com o tempo.

Durante o primeiro século após ser instituída, a Companhia de Jesus tornava-se uma corporação sem precedentes. Além de suas academias, universidades e colégios de instrução secundária, orfanatos e escolas técnicas, os Jesuítas ocuparam cátedras nas mais antigas instituições docentes. Fundaram também grande número de seminários que recambiavam para as igrejas da Europa um clero propriamente instruído. Nas cortes católicas alcançaram grande domínio como confessores dos Reis e dos Príncipes e como influenciadores dos conselheiros leigos dos soberanos. Neste ritmo, não demorou muito para restabelecerem o poder para o catolicismo.

²³ A *Ratio Studiorum* é um código, um programa que se ocupa do conteúdo de ensino ministrado nos colégios e universidades dos Jesuítas e que impõe métodos e regras a serem observadas pelos responsáveis e pelos professores destas instituições.

A esse respeito, afirma-se que,

os membros da Companhia de Jesus devem ser contados entre os maiores professores e missionários que o mundo conheceu. Impediram a ruína da Igreja Romana. Em todo o mundo católico soergueram a educação para um nível mais alto; por toda parte alevantaram a inteligência, aguçaram a consciência dos católicos; estimularam a Europa protestante a que com eles competisse nas medidas educacionais. A Igreja Romana Católica vigorosa e lutadora, que hoje conhecemos, é, em grande parte, fruto da atividade jesuítica. (WELLS apud HARNISCH, 1980, p. 18).

Para intensificar a influência católica no ritual eclesiástico, os Jesuítas usaram meios que lhes era facultado pela arte barroca, a saber, nas magníficas igrejas, nos ornatos, nas estátuas de santos, nas músicas impressionantes e representações teatrais espetaculosas. Os Jesuítas defenderam também a Igreja com um amplo e concreto arsenal de literatura apologética e anti-protestante. A sua Teologia procede da escolástica do século XIII, e mostra até os dias atuais defensores do Tomismo²⁴.

Criou-se um pragmatismo adaptável às circunstâncias, aparentemente moderno e de ligação estreita com o mundo material, porém sujeito a uma estrutura pouco flexível e que trazia no âmago características do feudalismo e a imagem de uma civilização filtrada pela Teologia Católica. Uma legião de homens fortes, instruídos, desnudos de qualquer egoísmo, paixão ou interesse próprio, que libertavam todas as suas energias da inteligência e da vontade para a grande missão, baseados numa fé que beirava o fanatismo, dedicados a uma causa que se identificava como serviço para a maior glória de Deus.

Os membros da Companhia de Jesus rapidamente espalharam-se, exercendo suas atividades na Europa toda, indo para as distantes terras do Oriente e para a recém alcançada América. Somando uma resistência sobre-humana, conseguiram gerar e progredir num empreendimento que nem os mais otimistas da época poderiam esperar.

Indubitavelmente, para o Brasil não foi diferente. Após a chegada do europeu, na primeira metade do século XVI, no ano de 1549 já pisam estas bandas Jesuítas, flutuando a bandeira da Companhia, fundindo-se assim na formação brasileira, correspondendo esta, a primeira iniciativa missionária jesuítica no *Novo Mundo* das Américas, sob chefia do Padre Manuel da Nóbrega.

É salutar a verificação que da mesma forma, em colônias espanholas, este fato se fez de suma no ano de 1567, donde primeiramente entram na Flórida e, um ano depois,

²⁴ Doutrina de São Tomás de Aquino (1225-1274), teólogo italiano, adotada oficialmente pela Igreja Católica, e que se caracteriza, sobretudo, pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo.

aportam na costa do Peru, tendo como o primeiro Provincial o Padre Jerônimo Ruiz Del Portillo, fazendo da evangelização o seu principal objetivo.

Por esta postura,

aos olhos de hoje, diríamos que os jesuítas, em especial na América Setentrional espanhola, adotaram uma ética simplificada, onde o equilíbrio lógico era encontrado somente nos extremos antagônicos do SIM e do NÃO. O SIM era encontrado em todos os atos e ações que estavam de acordo com a política de Loyola e que assumia uma áurea mística, através do conceito de que “o Senhor agia pelas suas mãos no meio das tribos selvagens”. O NÃO eram os espanhóis encomendeiros, os bandeirantes, mamelucos e por generalização os portugueses e os índios que defendiam os seus costumes “selvagens”, os quais eram considerados como obra do Demônio. Assim, transferiam os possíveis conflitos de consciência para um plano religioso, onde Deus representava o Bem e o Demônio, o Mal. Nesta posição de exaltação religiosa, aqueles homens dedicavam-se totalmente para o alcance dos fins ambicionados, utilizando os meios que lhes pareciam mais eficientes. (MALLMANN, 1986, p. 91).

Os Jesuítas em seus trabalhos apostólicos não utilizavam de muitas restrições aos recursos usados na conquista dos indígenas. Os silvícolas eram persuadidos com presentes, com canto e música, eram embriagados com belas descrições do paraíso e amedrontados com terríveis descrições do inferno, atemorizados e intimidados com o perigo do espanhol explorador, dos malfeitores mamelucos portugueses. Assim, o benevolente e curioso indígena é envolvido na teia dos aldeamentos cristãos.

3.2.5 As Reduções

Com um entusiasmo próprio de toda nova ordem religiosa, os Jesuítas, assim como os Franciscanos, os Dominicanos, os Agostinianos e os Mercedários, viam nas Américas uma verdadeira *terra prometida*, um lugar onde poderiam aplicar ideais utópicos de um governo teocêntrico e teocrático, com uma sociedade igualitária no meio dos homens, e estes, convivendo em seu estado natural, subsistindo da exploração da terra, exaltando o seu Criador.

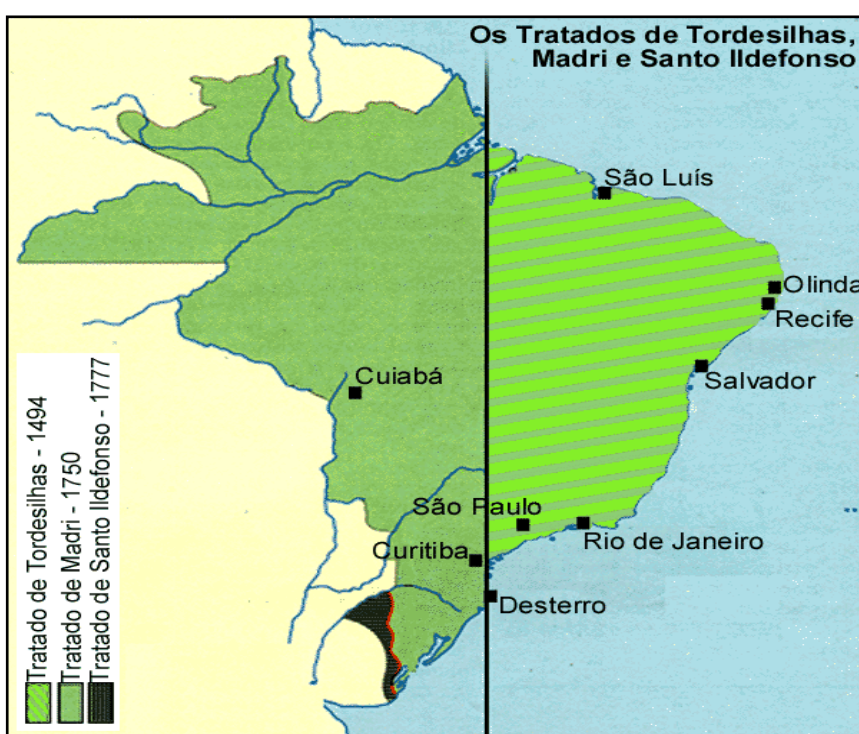
De 1558 em diante se exige pelas *Leyes de Indias*²⁵ a “Conquista Espiritual”, que se insere no contexto colonial como um modo de domínio territorial e sobre os nativos, tendo no natural do *Novo Mundo*, seu principal alvo e envolvia diferentes ordens religiosas. Os Jesuítas foram os primeiros a se lançar em grande intensidade nessa conquista, iniciando-a na

²⁵ “[...] Havia um código de leis, “as Leyes de Indias”, compreendendo numerosas cédulas reais e ordenanças, que imprimiam forma e caráter especial a todas as obras que tinham que empreender-se nas colônias espanholas, não excluindo mesmo a conversão dos índios à fé católica.” (TESCHAUER, 1921, vol. 1, p. 138). Estas leis eram criadas pelo Conselho de Indias, formado por homens ligados a monarquia espanhola.

Província do Paraguai²⁶, tendo a Companhia de Jesus chegado a estas paragens nos primeiros anos de 1600, vindos desde o Peru e Chile. Porém, já no início do século XVI havia missionários arrebanhando conversos a fé cristã em todo o continente.

Para um maior entendimento, é necessário verificar alguns antecedentes da epopéia jesuítica nas plagas paraguaias. O estabelecimento de *pueblos*, também chamados de *doutrinas*, *missões*, *reduções*²⁷, foram algumas das estratégias elaboradas para incorporar as múltiplas tradições étnicas que existiam ao longo do Império Colonial Espanhol as suas possessões. As reduções consistiam em congregar os autóctones em povoados, como processo considerado imprescindível para sua civilização.

Na época, para efeitos dos Jesuítas, todos pertenciam para a Província do Paraguai. Tudo estava oficialmente em terras espanholas, inclusive o território que hoje forma os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Amazonas, Acre, Rondônia, Goiás, Mato



Grosso, Mato Grosso do Sul, dentre outras

Ilustração 6: Mapa do Brasil apresentando as linhas limítrofes dos Tratados de Tordesilhas, Madri e Santo Ildefonso.

comarcas. Esta configuração se dava pelo Tratado de Tordesilhas (1494) o qual estipulava ao Brasil uma faixa de terras contra o Atlântico, longa e estreita, sem muitas expectativas de futuro.

²⁶ “O atual Paraguai não deve ser confundido com o que os jesuítas chamavam de ‘província’ do Paraguai, ou Paraquaria. Sabe-se que a Companhia de Jesus é dividida em províncias, elas próprias reagrupadas em ‘assistências’ [...]. A província do Paraguai, fundada em 1604 como conseqüência da cisão da província do Peru, compreendia mais ou menos os territórios atuais da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, do Rio Grande do Sul (Brasil), da Bolívia oriental e inicialmente do Chile. A maioria das obras consagradas aos jesuítas do Paraguai diz respeito unicamente às missões guaranis, situadas na atual república do Paraguai, mas também na província argentina de Misiones e nos territórios hoje ligados ao Brasil.” (HAUBERT, 1990, p. 301).

²⁷ “A palavra ‘reduzir’ era empregada no sentido de ‘purificar’, ‘limpar’ [...]. Assim o local onde ficavam os índios ‘reduzidos’, ou seja, ‘limpos’ pelo batismo era chamado de ‘redução’.” (MALLMANN, 1986, p. 123).

O alargamento territorial brasileiro foi procedido, em parte pela ação das bandeiras²⁸ que, em muitos casos, não precisavam lutar contra os espanhóis para dilatar os limites confusos, pois Portugal caíra nas mãos dos Reis de Espanha (1580-1640). Mesmo que o objetivo principal dos bandeirantes não fosse ampliar fronteiras, e sim arrebanhar escravos para São Paulo e Rio de Janeiro e, também encontrar as fabulosas minas de ouro e pedras preciosas, ao libertar-se do domínio espanhol, as terras ocupadas por Portugal passaram a integrar-se aos limites brasileiros.

A colonização espanhola e portuguesa pouco diferiu uma da outra, tendo ambas seguido políticas de exploração um pouco diferentes no decorrer do processo. A Espanha se preocupou mais com a definição do seu torrão ocupado, “[...] tanto que no final do período colonial, século XVIII, havia implantado vinte e três universidades em suas possessões, ao passo que no Brasil, somente em 1827 foi criada a primeira faculdade [...]” (SIMON, 1987, p.10). A universidade como tal constata-se no Brasil somente a partir da quarta década do século XX.

No entanto, tudo se inicia em meados de 1600. As terras banhadas pelos rios da Bacia Platina foram a sede duma série de experimentos reducionais. Os colonizadores preocupados com o avanço das bandeiras em direção ao sul e noroeste, buscando as minas de Potosí (hoje na Bolívia), buscaram nos Jesuítas uma maneira de obstruir o caminho dos bandeirantes, pela atividade



Ilustração 7: Rota para as minas de Potosí, na Bolívia.

evangelizadora e “civilizatória” dos povos indígenas da região.

A situação era muito favorecida pela política de povoamento do Paraguai que visava, por um lado, pacificar as tribos que habitavam o lugar e, por outro, estabelecer núcleos de povoados para colaborar com a guarnição daqueles confins. Infere-se que as características destes povoados traziam junto a si a pregação do evangelho e a salvação da alma, bem como a ideologia colonialista de posse de terras e comércio de riquezas.

É fato historicamente comprovado que desde o início da obra da conquista da América, andam de mãos dadas o mais ardente amor a Deus e a Pátria, com a mais sórdida

²⁸ Expedição armada que partia, em geral, da capitania de São Vicente e de São Paulo para desbravar os sertões nos fins do século XVI a começos do século XVIII com o objetivo de capturar o gentio e descobrir minas.

cobiça e egoísmo, a mais sublimada santidade com as mais desenfreadas e funestas explorações.

Assim, por mais de cento e cinquenta anos, a contar de 1609 até 1767, houve neste continente uma obra singular e admirável, um sistema social completamente diverso de qualquer outro assinalado pela história da humanidade, que fora chamada de Estado Teocrático Jesuítico-Guarani, um baluarte das províncias espanholas. Eis o que diz o autor da *História da Companhia de Jesus no Brasil* sobre isso:

Nas missões do Paraguai nunca houve *República*, nem *Estado* nem *Teocracia*, no sentido autônomo da palavra, isto é, *Independente*. O título de *Conquista Espiritual*, dada pelo Padre Ruiz de Montoya, no século XVII, ao seu livro, indica a natureza *religiosa* das Missões e a catequese ou conquista dos Índios para a *Religião Cristã*. *República*, *Estado*, *Teocracia*, são noções *políticas*. Aqui houve apenas a organização da catequese, adaptada às condições sociais e mentais dos Índios e do isolamento da selva, numa experiência particular de *comunidade*, na verdade surpreendente para o tempo, tudo, porém enquadrado dentro do regime *político* da Monarquia Espanhola.” (LEITE, 1945, vol. 6, p. 556).

No princípio do século XVII a Companhia de Jesus recebe a concessão para iniciar a evangelização da etnia Guarani das regiões de sua subordinação, despontando ao sul e a leste de Assunção. Os trabalhos iniciais consistiam em os missionários saírem em meio às matas ao encontro dos nativos com o objetivo de estabelecer contato. Desses contatos resultaram as primeiras evangelizações e também se começa a conhecer a cultura do Guarani, como a língua, o que na seqüência, facilitará novos encontros.

Foram muitas as resistências encontradas, porém, a cristandade tinha a incumbência de missionar, pregar a palavra de Deus aos locais mais custosos e converter o gentio. É um momento de impacto, de violência, pois intenta alterar uma estrutura vigente e deformá-la num estereotipo comum. Com a estréia da catequese e da vivência dos padres junto às parcialidades étnicas, nascem os aldeamentos, exatamente pelo pouco resultado dos batismos em massa, dos nomadismos de tribos, da escassez de pregadores e da dificuldade de acesso a muitos sítios.

Quando da implantação dos aldeamentos, surgem várias alterações nas políticas de conversão. “[...] Passa-se a fixar os indígenas em um mesmo local: todos são ‘índios’, independentes de suas etnias e tradições culturais. A aldeia não é mais apenas um espaço indígena, é agora um espaço criado pela cultura cristã. [...]” (NEUMANN, 1996, p. 49). Deste modo, a redução foi uma implantação física da “Conquista Espiritual”, que era um projeto pedagógico amplo e completo.

As reduções foram um modo de empreendimento dum projeto global de catequese espanhola que tinha nas *Leyes de Indias* e nas leis da Igreja seu suporte legal. Visava separar e “proteger” o nativo do bandeirante mameluco, dos espanhóis escravocratas e das *encomiendas*²⁹, que não passava de uma forma oficializada de escravidão. Em permuta de proteção contra a intempestiva requisição de indígenas para o trabalho de servidão, “os selvagens recebiam o preparo espiritual e social para o futuro ingresso no mundo civilizado”. Desta forma, serviam a Deus e ao Rei, a quem pagavam tributo, como vassalos que deviam ser, e de quem recebiam proteção temporal.

Porém, a criação das reduções, vistas como refúgios para os indígenas, nutriam também um descontentamento dos povoadores espanhóis com relação aos Jesuítas, os quais simplesmente estavam arrebanhando a mão-de-obra indispensável para suas atividades, gerando um estado de tensão entre colonizadores e religiosos. Ao Guarani, se era colocado diante da cruz ou da enxada, diante da opção do encomendeiro ou da redução, ele escolhia o que parecia melhor. Naturalmente que ele preferiria mesmo era permanecer em seu “hábitat”, apartado de toda e qualquer cultura diferente da sua. Daí a origem do impasse, pois passava o indígena a constituir um bem, uma propriedade, uma peça de valor econômico da América Meridional.

Entre os missionários e os grupos étnicos era relevante a troca de presentes entre as lideranças, como anzóis, miudezas e coisas vistosas, principalmente ferramentas, como a cunha de ferro que, valendo menos de dois pesos, era dada aos nativos para estes roçar o mato e fazerem suas chácaras, ficando estes seguros pelos grilhões da doutrina cristã, a qual arrebanhava uma alma por objeto, uma cunha de ferro. Observa-se a penúria e a aceitação dos gentios ao cristianismo como uma simples troca de favores. Aos neófitos que se deixaram levar pelas astúcias de amizade com os cristãos, logo viram roubados seus bens – materiais e imateriais – e sua liberdade. Seu corpo fora ameaçado pelas epidemias e sua alma pelo contágio dos exemplos europeus.

Sobre o Guarani, estes tiravam sua subsistência majoritariamente de sua agricultura incipiente, o que fazia com que eles permanecessem até cinco anos num mesmo local. Esta situação de semi-nômades os deixava em uma posição vulnerável aos ataques dos mais fortes, em especial daqueles que os caçavam como animais nas matas.

²⁹ “[...] O regime da *encomienda*, ou ‘usufruto’, que, ao institucionalizar o regime feudal, tenta evitar seus abusos. Um grupo de índios é confiado pelo rei a um colono e a seus descendentes pelo prazo de duas ou três gerações, com o intuito de que eles o protejam e o instruem nos preceitos da fé católica. Em contrapartida, o *encomendeiro* recebe em bens ou dias de trabalho o tributo que os índios vassalos devem normalmente ao rei da Espanha.” (HAUBERT, 1990, p. 35).



Ilustração 9: Mapa da localização dos Trinta Povos Jesuítico-Guarani.

Quer pela ação predadora dos bandeirantes, quer pelas condições adversas dos locais escolhidos, às vezes muito próximos de tribos inimigas, grande parte não logrou o pleno êxito de desenvolvimento e o esplendor que outras alcançaram. As que floresceram, estas representaram uma experiência de civilização sem igual em todas as relações que houve entre indígenas e conquistadores.

Por isso,

todos os grandes cérebros afirmam, unanimemente, o alto conceito que dele merecem os serviços prestados pelos jesuítas à sociedade, nas suas missões em terras sul-americanas. Os poetas alemães Wieland e Herder, ambos protestantes, o maçom Lessing (autor de “Natan, o sábio” e o mais esclarecido dos espíritos alemães), os enciclopedistas franceses Diderot e D’Alambert, e até o escarnecedor-mor Voltaire, estes e inúmeros outros usaram palavras de suprema admiração para as reduções jesuíticas. Mas ninguém louvou com tamanho entusiasmo o trabalho missionário dos discípulos de Loyola como Gottfried Wilhelm Leibniz, o pensador mais universal dentre os filósofos modernos. (HARNISCH, 1980, p. 17).

Despertou a atenção também de intelectuais como o romancista Chateaubriand, Montesquieu e o filósofo Hegel, e que, mesmo desaparecida no meio de interesses escusos, continua despertando a atenção de estudiosos, uns atraídos pelo grande sonho de um

socialismo idealístico, outros, porém, pela cultura que a história missioneira aciona. Por muitas vezes, estas missões foram vistas como uma utopia³².

As missões foram uma espécie de sociedade programada, onde tudo era para e de todos, cuja tributação era quitada para o reino da Espanha e a prestação de serviços a esta se fez como ninguém mais o fez alhures, pois era em seu território que se encontrava na época, e, portanto, devia pagar seus impostos e combater em suas batalhas.

Com uma política democrática e com uma ordem econômica voltada para a produção auto-suficiente, o povo de cada redução constituía um todo onde cada indivíduo era apenas uma partícula, cuja fração integrante da coletividade nada valia sem a comunidade.

A internacionalidade dos Jesuítas missioneiros foi uma característica constante nas reduções e quem sabe um dos motivos de seu rápido medrar, bem como o conhecimento da língua guarani. De todas as instituições que formavam Jesuítas vinham elementos para estas paragens Sul-Americanas e com o requisito de saber a língua do catecúmeno. A metáfora seguinte da construção de uma corrente traduz este processo:

Feito um elo e unindo ao anterior, parte-se para a construção do elo seguinte. Naturalmente, nesta operação, mais importante que o fio de metal e que a ferramenta para a execução da corrente, é a habilidade e competência do operador. Na construção da corrente de Reduções temos o fio que é flexível, porém, que se altera facilmente com as condições externas – o indígena. As ferramentas por um lado são boas, se considerarmos como tal os argumentos da religião e a pressão dos encomendeiros, porém são péssimas, se levarmos em conta, o habitat selvagem, o despreparo e pobreza das condições naturais daqueles missionários. O operador sim, este foi um gigante de determinação, coragem, entusiasmo e até de competência no aprendizado da língua Guarani e no trato com os mesmos. (MALLMANN, 1986, p. 136-137).

A língua guarani, que era um marco forte do modo de vida desse povo, foi nutrida nas reduções, porém, pouco a pouco, ela foi se transformando, adquirindo outras formas, dialetos e diferentes conteúdos em suas expressões. Com a extinção dos chefes espirituais, os quais faziam uso da palavra inspirada como suporte às narrativas míticas, à eloquência política e aos cantos, se esvaziou potencialmente o significado da língua tradicional. O catolicismo usava outros modos de discursos que amparavam as orações, os catecismos e as pregações.

Disso, os Inacianos logravam a redução como um modelo perfeccionista para a conversão e adequado para a sua salvação, tanto que cada alma batizada era considerada uma a menos que arderia nas chamas das trevas, fazendo valer a sua disciplina, perseverança e

³² Uma referência interessante é o livro de PERAMÀS (2004).

conhecimento acadêmico no embrenhar com o crucifixo e o breviário nas exuberantes bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai.

Os Jesuítas consideravam que ante do evangelizar o Guarani, era necessário ensinar os benefícios materiais de uma vida em sociedade, as vantagens da vida em família e o sentido moral da mesma. É difícil crer que quisessem impor uma doutrina sem um diálogo e conhecimento do outro, entre o que se podia oferecer e o que podia ser recebido neste intercâmbio. Fiéis aos princípios humanistas do seu evangelho, se propuseram a trabalhar em função da recondução do Guarani, chocando-se assim com o absolutismo monopólico das metrópoles e feudalista dos conquistadores.

Nas condições da época, a redução era um refúgio do indígena que se evadia da opressão física imediata, porém caía na malha de um processo longo e duradouro que lhe era imposto pelas missões doutrinárias, de “lavagem cultural”, tornando-se como massa de modelar, que não oferecia resistência para ser moldado como artesanato pelas mãos dos soldados de Cristo, na forma de um “anjo barroco missioneiro”. A personalidade e a passividade do Guarani perante os pregadores deixam a desejar diante de outras tribos, como as dos Guaicuru, Charrua, Minuano e Araucano que resistiram ao contato, não se deixando converter, protegendo assim sua cultura.

Assim, a “Conquista Espiritual” procurava destruir hábitos, costumes, tradições e qualquer manifestação da civilização indígena que não estivessem exatamente encaixadas dentro dos parâmetros doutrinários cristãos. Era um deleite para os padres verem seus neófitos refletirem os seus ensinamentos.

Afirma-se que,

nesta luta, a extirpação era feita não só para eliminar a poligamia, bruxaria, a antropofagia, o aborto, a superstição, a bebedeira, o costume de sepultamento, o nomadismo, mas levada ao extremo nas menores manifestações que demonstrassem vínculo com seu passado. A situação chegou a tal ponto que era proibido batizar uma criança indígena ou adulto com outro nome que não fosse cristão. (MALLMANN, 1986, p. 130).

A conversão do Guarani foi de grande êxito graças à destreza dos Jesuítas na orientação de seus bisonhos. Os neófitos não eram obrigados a aceitar a vida em redução, podendo escolher entre sua adesão ou não. Contudo, os Jesuítas criavam condições para que o Guarani fosse atraído ao *convívio dos eleitos*, através de progressos materiais e intelectuais.

Ao passo que as parcialidades indígenas aceitavam o câmbio e a vida em comunidade, simultaneamente se atrelavam ao Estado Colonial Espanhol pela tutoria dos Jesuítas e também se confrontavam com a sociedade colonialista e encomendeira. É o

momento em que o Guaraní vê os elementos de sua cultura se confundir com os da colônia espanhola, por uma aculturação³³ e transculturação³⁴ sequencial.

Essa história é uma história de lutas, conflitos e mortes, envolvendo padres, aventureiros, encomendeiros, bandeirantes, indígenas, espanhóis e portugueses. Trata-se de um embate nascido do encontro de duas culturas – a Guaraní, indissociável da natureza, e a Européia, com a tecnologia do Renascimento – que construiu sua identidade dentro e fora do regime colonialista, usando o relativo isolamento geográfico para desenvolver uma apreciável autonomia.

O nativo que presentemente se encontra praticando a agricultura em campos de cultivo e não mais de subsistência, lidando com o gado e abdicado de sua conduta semi-sedentária, deixando assim para traz a vida errante, vivendo sob a égide dos Jesuítas em comunidades faz surgir um novo ator social com características singulares, a saber, o Guaraní Missioneiro.

Agora, fora da rotina “selvagem” de caça e pesca sem hora ou local determinados, o Guaraní se vê alterado intempestivamente. Sua organização social, submetida a uma religião autoritária e paternalista, os faz completamente inibidos de iniciativa, ficando estes no aguardo da *divina providência* para a sua salvação material e espiritual.

Todavia, esse missioneiro se moldou graças ao empenho dos Jesuítas que, desde logo, no contato ainda, procuraram conhecer e respeitar algumas particularidades do povo gentio, dentre elas estava à distribuição do trabalho pelos gêneros. Assim,

dentro das reduções esta diferenciação foi preservada e adaptada, competindo aos homens a preia do gado xucro e seu trato, além da extração de erva-mate, um dos pilares da economia missioneira. Os homens ainda deveriam atuar nas tropas de milícia, trabalhar nas oficinas e edificar as novas instalações missioneiras quando necessárias. Quanto às mulheres competia o cultivo das lavouras, os serviços de cozinha, a fiação e a confecção de cerâmica. Os jesuítas, após muita prédica, conseguem convencer os homens guaranis a as auxiliarem no cultivo das lavouras e, mesmo assim, somente dois dias da semana. (NEUMANN, 1996, p. 52).

A economia da reciprocidade que era base de uma sociedade sem Estado como a Guaraní, foi adequada e adotada nas reduções, persistindo as várias maneiras de trabalho comunitário que socializava a produção e o consumo. A contribuição do Guaraní se deu nas

³³ Em linhas gerais, este termo compreende os fenômenos surgidos de grupos culturais diferentes que, pelo encontro contínuo, como consequência, gera mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos, através da adoção ou imposição, seja política, social ou econômica dos modelos culturais envolvidos.

³⁴ Da mesma forma da aculturação, a transculturação é o processo de transformação cultural caracterizado pela influência mútua de elementos de outras culturas com a perda ou alteração dos já existentes a priori.

formas de apropriação da agricultura³⁵, num tipo de economia recíproca e no espírito religioso.

Nas missões houve uma diferenciação entre os meios de produção, pois os padres procuraram infiltrar no Guarani, sem sucesso, a importância de proverem o seu sustento e de sua família pelo plantio de uma roça. O *Tupambae*, a Propriedade de Deus, era o campo comum que se destinava ao plantio e ao sustento geral. Incluía as estâncias e os ervais que eram destinados ao pagamento de tributos ao Rei, aos gastos administrativos e aos bens usados nos cultos religiosos e nas festas. O *Abambae*, a Propriedade dos Homens, destinava-se ao cultivo para a subsistência particular, geralmente ficava abandonado.

O descaso com o *Abambae* desagradava aos padres que, acusando o Guarani de preguiçoso, de ter pouca memória da fome e da falta de visão, não entendiam ou não alcançavam o pensamento do indígena, onde não havia o individual, mas unicamente o coletivo.

Depois de estruturado o sistema de trabalho nas reduções, aparecem então, as condições para a organização dos espaços sociais, instalando-se prédios a partir de uma distribuição técnica, contando com isso, uma maior pujança na evangelização pelo convencimento e pela participação³⁶.

As missões adotaram um modelo de urbanização que foi aplicado com pequenas variações a todos os povoados. A igreja ocupava o melhor local do terreno onde se implantaria a redução, lugar alto que dava vistas ao longe, e era o prédio de maior destaque. Geralmente com sua fachada voltada para o norte³⁷, com uma ampla praça retangular³⁸ – de lados variando entre 100 e 140 metros – de frente, sendo a partir dela distribuídos os outros

³⁵ Na agricultura não só se desenvolveu o que os nativos já plantavam como milho, abóbora, batata doce, mandioca, vagens, algodão, e fumo e a colheita dos ramos de erva mate, como também as culturas européias como trigo, parreira, cana-de-açúcar, verduras, legumes e árvores frutíferas.

³⁶ Ver Anexo A e B.

³⁷ “Com pequenas diferenças de construção as missões obedeciam ao plano geral estabelecido na “Leyes Indias – De La Publicacion de Las Ciudades, Vilas e Pueblos” o traçado desenvolvia-se em torno de uma praça quadrangular, medindo aproximadamente 130 metros de lado. A igreja toda de pedra e precedida de pórtico, volta-se para o norte, a um lado da praça. A construção do colégio ficava situada ao lado direito da igreja. À esquerda, o cemitério, que se comunicava com a igreja através de uma porta lateral, fazendo também frente à praça. Os outros três lados da praça eram cercados pelas casas dos índios, dispostas em anfiteatros e separadas por ruas que partiam da praça. A esquerda do cemitério ficava o prédio do hospital, com pátio interno, cercado por varandas internas e externas. Nos fundos da igreja, desde o colégio até o cemitério, ficava a quinta dos padres, murada de pedra e barro, com jardim, pomar e horta. Todas as construções eram circundadas por avarandados, que permitiam a circulação coberta de toda a cidade.” (SANTOS, [199-], p. 16). A posição para o norte favorecia a ventilação e a entrada da luminosidade nas reduções.

³⁸ Na praça, o “tronco” de pedra representava um permanente aviso para que os neófitos se portassem para não serem humilhados rebaixados com açoites a vista de todos. Era uma forma pouco “pedagógica” de sujeitar o Guarani, tido como uma criança grande, destruindo-lhe qualquer idéia de liberdade e individualidade, lhe forçando a condição dependente e suplicante. Comparados aos castigos da Europa do mesmo período, estes daqui até que eram bem moderados.

edifícios, que possuíam funções diversas. A igreja constituía o cerne da organização urbanística dos povoados, que eram planejados e disciplinados com rigor científico.

As ruas paralelas aos lados da praça, cuja porta principal dava a simetria reflexional, eram traçadas de tal modo que nenhuma rua que permitisse ver a lateral da igreja e não sua frente era construída. A igreja não representava o centro geométrico e sim o centro visual, cuja presença era destacada de todos os pontos. Era efetivamente o alfa e o ômega da redução, a essência que dinamizava as potências e a inteligência que dirigia suas deliberações. O templo representava o poder religioso que chefiava e disseminava as atribuições do aparelho ativo reducional.

Em cada redução havia uma série de edificações e essa distribuição do espaço era pensada para facilitar aos padres o controle dos indígenas e também para dinamizar a sua circulação quando fosse necessário o seu préstimo assistencial aos moradores missionários. Ademais, cada povoado contava com um montante em torno de três mil indígenas, que variava até mais de seis mil, conforme o estágio e o período da mesma.

O número de padres para dar orientação aos trabalhos missionários em cada

redução era de no máximo dois, excepcionalmente três, nas super-habitadas.

Ainda que, com um plantel reduzido, os

Jesuítas tiveram êxito no seu empreendimento, seja pela cooptação junto aos caciques, seja pelo energismo de seus castigos físicos e/ou morais.

O urbanismo, a arquitetura, os ofícios e as artes tiveram grande incremento e foram empregados como aparelho de apoio à “Conquista Espiritual”. Na praça eram feitas as procissões, os desfiles militares, as encenações religiosas e teatrais, as danças e os jogos. Uma rua principal chegava à praça defronte a igreja. Junto a ela estavam, a casa dos padres, o colégio, as oficinas, o cemitério e o *cotiguaçu* (onde viviam as viúvas e os órfãos). Ao redor

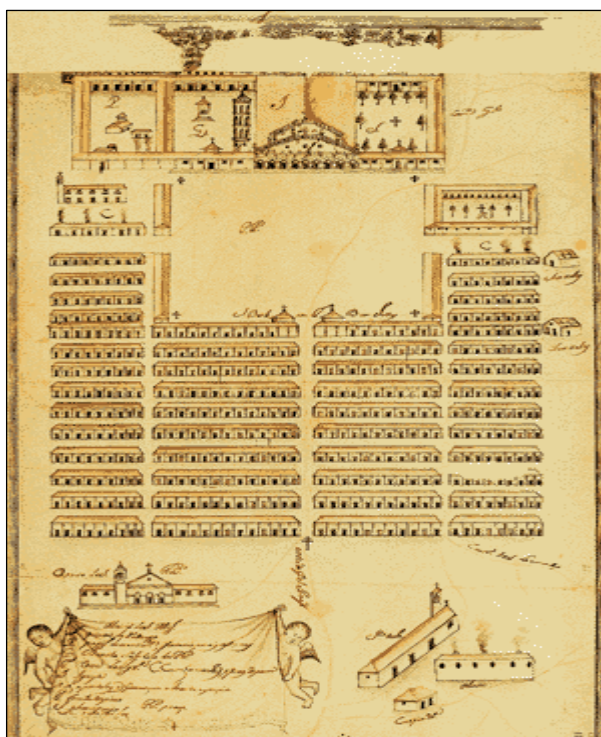


Ilustração 10: Planta da Redução Jesuítica de São Miguel indicando edifícios, praça, logradouros, igreja, quinta e cemitério.

da praça, ficavam as casas dos caciques e o *Cabildo* (uma espécie de câmara municipal formada por indígenas). Atrás da igreja, havia a quinta dos sacerdotes.

Na periferia dos povoados, geralmente, localizavam-se olarias, estrebarias e curtumes. Junto às nascentes dos rios, ficavam as fontes. Havia ainda portos, açudes, capelas, sedes de estâncias, ervais e uma rede de estradas interligando todo o território.

A arquitetura, a escultura, a pintura, o teatro, a música e o urbanismo foram influenciados pelo barroco europeu. Os padres com seus conhecimentos artísticos e culturais, junto com os indígenas, criaram obras em um estilo que ficou conhecido como barroco missioneiro. As igrejas eram decoradas com esculturas de madeira policromada e telas pintadas a óleo. No exterior, relevos em arenito geralmente representavam motivos religiosos ou elementos da flora e fauna nativas.

Numerosos apontamentos mostram a vocação artística do Guarani. A música era executada por orquestras indígenas, que reproduziam instrumentos musicais europeus e americanos. As missas eram acompanhadas por corais e músicos. Em todas as reduções havia corais, bandas de música e orfeões de instrumentos de corda.

Todas as missões possuíam colégio e biblioteca. A instrução incluía a formação técnica e artística para atender às diversas áreas de trabalho que se desenvolviam nos povoados. O ensino era eminentemente prático no aprendizado e seletivo entre os que iam assistir às aulas, dando preferência aos filhos homens dos caciques.

Para os padres, o essencial na formação pessoal do Guarani era predispor-lo para os trabalhos nas oficinas, no *Cabildo* e nos serviços da igreja. Quando algo era ensinado, logo era exigido um retorno, dedicação e aproveitamento na tarefa ou ofício. Não se permitia desperdício ou protelação, e caso o indígena não produzisse, era imediatamente substituído.

Como na religião, o ensino era especialmente sonoro e visual, influenciando, sobretudo os sentidos. Não se tinha uma preocupação social com a instrução. A língua usual e ensinada era o guarani e, o espanhol era usado como uma segunda opção³⁹, pois era a língua oficial. Na escola se ensinava catecismo, ler, escrever e contar, também tocar, cantar e construir.

³⁹ Neste ponto, os padres adotavam a lei de que obedeça, mas não se cumpra. “Apesar das reclamações dos coloniais, que queriam impor o espanhol, era a bela língua guarani que ressoava em todas as classes. [...] Quanto ao espanhol, o decreto de Filipe V pedia formalmente, enfim, que fosse ensinado a todos os alunos, mas ‘como se mostravam extremamente relutantes, a menos que os forcem a isso, será impossível conseguir que se decidam e muito trabalho daria empregar meios rigorosos’. Entretanto, quase todos os guaranis conheciam alguns rudimentos ou algumas palavras de castelhano [...]. Os jesuítas abstinham-se, de modo geral, de incentivar o estudo do espanhol, preferindo, para a salvaguarda da liberdade e moralidade de seus índios, não desenvolver demais os meios de comunicação com os coloniais.” (LUGON, 1976, p. 212-214)

Acoplado ao colégio ficavam as oficinas, onde eram trabalhados a madeira, os metais, o barro, o couro, o algodão e os pigmentos. Ali eram produzidos os instrumentos e utensílios utilizados nas construções e na vida cotidiana, como os produtos de carpintaria, mobiliário, instrumentos musicais, ferragens, pratarias, cutelaria, cerâmicas, artesanato, tecelagens, pinturas e esculturas.

A indústria colonial estava nos povoados missioneiros e nas suas estâncias. Assim,

para as atividades industriais de maior vulto, ou que necessitassem de maior espaço para a matéria-prima ou de água, as instalações situavam-se fora do perímetro urbano. Havia oficinas de tecelagem em lã e em algodão, ferraria, selaria, ourivesaria, fundição, carpintaria e marcenaria, além de curtume, da fabricação de laticínios, moinho para a fabricação de farinhas e carijo para a fabricação de erva-mate. Além da olaria que fabricava tijolos e telhas, da indústria de rosários, de velas, de vasilhas de cerâmica e havia, entre muitas outras, uma permanente fabricação de carretas e carretinhas e, naquelas próximas dos rios, de embarcações pequenas e médias. O matadouro e açougue não tinham muita folga, somente na sexta-feira não havia abate. Ali também se produzia algum charque. Nas oficinas desenvolvia-se uma permanente escola prática de artes e ofícios, com nítido interesse nas produções de usos essenciais e naqueles destinados ao culto. Para esta última finalidade, além da produção de velas e rosários já mencionados, havia a de castiçais, crucifixos, sinos e de uma copiosa produção artística em talha, escultura e pintura. Somavam-se ao Padre Cura e ao Padre companheiro, na condução e qualificação nas artes e ofícios, irmãos especializados que vieram para as Missões com esta precípua finalidade. (MALLMANN, 1986, p. 265).

Nos fluxos diários, os instrutores elegiam os mais aptos e arguciosos para serem empregados na escola de escrever e de contar e nas artes e ofícios. A liberdade individual quase não existia, ficando a vida diária de todos programada dentro da funcionalidade determinada pela comunidade teocrática.

Essa forma de trabalho organizado, contínuo e fiscalizado, representou um tormento na vida Guarani e fora sem dúvida um desafio para os Jesuítas. Os padres usaram várias estratégias para atrair o indolente ao labor, pois se visava à produção e se reconhecia no trabalho uma ocupação útil e honesta, de muito valor educativo e, importava evitar a ociosidade, que dava origem a muitos vícios.

As reduções eram possuidoras de autonomia ante aos colonizadores, que por sua vez, não tendo acesso aos préstimos missioneiros, cultivavam acusações referidas aos Jesuítas e a seu trabalho de evangelização, situação essa que ficava cada vez mais crônica quando a economia missioneira começou a participar do comércio de gado e erva-mate. Esta última tornou-se de grande interesse aos mercados coloniais.

Com a introdução do gado bovino em 1634, na margem esquerda do rio Uruguai e que se espalhou pelas coxilhas e campanhas, o padre Cristóvão de Mendoza realiza uma das mais importantes iniciativas para a capitalização das reduções e que obteve tão grande desenvolvimento que perdura até aos dias atuais. Foram criadas grandes estâncias e vacarias. Cada povoado tinha uma retaguarda pecuária de enormes dimensões.

Essas relações conflitivas entre as missões e os colonialistas se acirravam quando os produtos missioneiros eram comercializados em Buenos Aires e Assunção para rebanhar recursos às reduções, a fim de cobrir os gastos das mesmas.

3.2.6 Os Sete Povos das Missões

Alguns acontecimentos impeliram a Companhia de Jesus a estender sua área de ação para a margem esquerda do rio Uruguai, em terras localizadas entre o Atlântico e o rio, conhecidas no período colonial como banda oriental⁴⁰. A introdução de gado nas exuberantes pastagens destes acessos propiciou as estâncias para o rebanho missioneiro e nas pradarias do seu noroeste se extraía a erva-mate dos pés nativos de *Ilex Paraguariensis*.

Porém, os missioneiros não estavam sós naquelas alturas e, pelo intenso interesse lusitano no estuário platino e nas riquezas que por lá eventualmente passavam, os portugueses se investiram em direção ao rio da Prata, fundando a Colônia do Santíssimo Sacramento⁴¹ em 1680. Seus objetivos eram participar das rotas comerciais que ali aconteciam, principalmente do mercado ilegítimo.

Após instalarem feitorias nestes recantos sulinos, os lusos provocaram a Companhia de Jesus que, por interesses geográficos, políticos e econômicos, compreendeu a importância de fixar presença definitiva nestas terras. Não eram somente os portugueses que ameaçavam se fixar nos lindes extremos do Prata, como também outros europeus se interessavam em obrar nestas praias almejando grandes provisões, notadamente franceses, dinamarqueses, ingleses, dentre outros.

Na banda oriental do rio Uruguai achava-se, então, os recintos de sete reduções Jesuítico-Guarani. A epopéia dessas missões iniciou em 1682, indo até a expulsão da Companhia de Jesus no ano de 1767. A política de ocupação prosseguiu com as reduções e serviu para melhor guarnecer aquelas pampas. Assim, os Jesuítas se tornaram a voz de

⁴⁰ Uma excelente obra a ser consultada é a de PORTO (1954, vol. 1 e 2).

⁴¹ Esta colônia se localizava no extremo sul do que hoje é o Uruguai, nas margens do rio da Prata.

sobreaviso, a alma e o cérebro da resistência à ocupação e penetração estrangeira nas terras setentrionais da foz platina.

Entretanto, para não serem tomados de improviso, era imprescindível uma vigilância contínua, pois se temia incursões de bandeirantes paulistas que pretendiam alastrar-se a oeste sobre os domínios espanhóis, se aprestando para penetrar os sertões. As razões de ordem política de fixação, com o fluxo português no litoral até a Colônia do Sacramento, e as razões de ordem econômica, com o gado sendo devastado por portugueses e indígenas inimigos do povo Guarani, imperavam como causas determinantes na retransladação de alguns povos da margem direita para a esquerda do Uruguai. Ademais, era sabido o potencial que a erva-mate representava, vindo esta a ser mais tarde, a principal fonte de divisas.

Estas reduções foram de um segundo ciclo missioneiro em terras hoje gaúchas, sendo que houve uma tentativa de estabelecimento entre 1626 e 1637 de aproximadamente dezoito aldeamentos, considerando-se este o primeiro ciclo⁴², que, porém não vingou como as do segundo, haja vista que foram abandonados diante das investidas dos bandeirantes paulistas na época. Contudo, estas eram bem mais esparsas e modestas do que as últimas, pois quem dera tivessem tido tempo para construir uma sociedade cristã como ambicionavam os Jesuítas.

Tendo sido tomada a decisão de retornar às terras do Tape, primeiramente com quatro povoados, no ano de 1686, ordenava o Provincial Padre Tomaz Domvidas ao Superior Padre Alonso Del Castillo a fundação das novas doutrinas de modo que se escolhessem os melhores sítios para lá estarem localizadas.

Estas reduções do segundo ciclo no Rio Grande do Sul tiveram seu assentamento iniciado em 1687. Porém, cinco anos antes, em 1682, já se havia fundado São Francisco de Borja, que era cria do desmembramento da redução de São Tomé, do lado ocidental do rio Uruguai. Em 1687, assentam-se São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Miguel Arcanjo.

Por ensejos de segurança e defesa, estas reduções não poderiam exceder a distância de dez léguas castelhanas, de vinte ao grau, umas das outras e, deveriam corresponder-se entre si e sempre com as mais próximas.

A missão de São Nicolau é o mais antigo povo missioneiro, se for considerado que é originário dos descendentes que o deixaram em 1637. O seu pessoal se separou de Apóstolos para ir reencontrar seu anoso reduto com cerca de três mil pessoas, próximo ao rio Piratini, a quatro léguas do rio Uruguai.

⁴² Ver Anexo C.

atribuída ao Padre Suárez:

Coordenadas		Distâncias
Latitude Sul	Longitude Leste	Em léguas de 20 ao grau
28° 13'	322° 56'	São Nicolau
28° 19'	323° 12'	10 São Luis
28° 22'	323° 27'	16 06 São Lourenço
28° 25'	323° 45'	20 10 04 São Miguel
28° 21'	323° 51'	24 14 08 04 São João
28° 15'	323° 53'	30 20 14 10 04 Santo Ângelo
28° 41'	321° 41'	20 30 36 40 44 48 São Borja

Tabela 1: Coordenadas e distâncias dos Sete Povos das Missões.

Os Sete Povos das Missões, como passaram a ser chamados eram, a saber, pela sua fundação e fundador, São Francisco de Borja – (1682) – Padre Francisco Garcia, São Nicolau – (1687) – Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz (1626 – 1º ciclo), São Miguel Arcanjo – (1687) – Padre Cristóvão Mendoza (1632 – 1º ciclo), São Luiz Gonzaga – (1687) – Padre Miguel Fernandez, São Lourenço Mártir – (1690) – Padre Bernardo de La Vega, São João Batista – (1697) – Padre Antônio Sepp, Santo Ângelo Custódio – (1706) – Padre Diogo Haze. Nota-se que algumas são re-translações do primeiro ciclo, que mudaram para as terras argentinas, retornando nesta época para o Rio Grande do Sul.

Muito embora se conheça um pouco do quanto vingaram e se desenvolveram estas reduções, em todos os âmbitos, é dado interessante expor que sua influência no povoamento do Rio Grande do Sul não se limitou em florescer cidades partindo dos núcleos destes povos. Igualmente, suas estâncias e postos avançados se alastraram por todo o território sulino, dando origem a inúmeros povoados, alguns subsistindo ainda hoje.

Com a retomada das terras a margem esquerda do rio Uruguai, a prosperidade foi só uma questão de tempo. Esta fora, em contrapartida as investidas portuguesas, proporcionadas por sua política mercantilista e de domínio territorial. Desta forma, coube ao Guaraní missionário a defesa e a ocupação deste extenso território e de suas vacarias e ervais, impedindo o avanço do vizinho português podendo, agora, os indígenas possuírem artilharia de fogo, coisa que lhes era proibido anteriormente. Com as armas do espírito os Jesuítas haviam conquistado vastas terras para Espanha, porém era com as armas bélicas que estes confins tinham de ser resguardados.

Pela exacerbação bandeirante à ação expansionista portuguesa, com seus marcos extremos de seus domínios e das ameaças estrangeiras, necessitam os espanhóis do auxílio bélico dos missionários, que fazem desaparecer as prevenções anteriores, legando aos Jesuítas o poder que agora em diante, eles e seus neófitos terão, na intervenção atinente à defesa do cisplatino.

Fundamentalmente pacífico como povo já sedentário e agricultor na época da conquista, covarde mesmo ante a agressão de outras nações, o tape, sob o influxo jesuítico, evoluiu, tornando-se um soldado combativo e disciplinado. O fanatismo a que atingira a sua fé religiosa, a educação cristã que lhe modificara o carácter primitivo, e a certeza que lhe alicerçava a consciência de que combatia pela maior glória do Senhor, para ganhar o reino de Deus, davam-lhe a coragem que se reflete nas acções de seus grandes heróis que tombam, no campo de luta, circundados de um cheiro de santidade, como esse bravo Sepé, que o povo canoniza⁴³. (PORTO, 1954, vol. 2, p. 15).

Por outro lado também, surge um período áureo para as artes e ciências, as obras da arquitetura, escultura, artesanato dentre outras, fazendo brotar uma vida artística e/ou cultural que empresta asas ao imaginário da sociedade atual. Esse progresso verificado nas reduções muitas vezes contrastava com as condições que predominavam nas vilas e cidades espanholas, tanto em estrutura como em organização e abastecimento.

Naquela zona da terra gaúcha, onde primeiro penetrou o Evangelho, se imprimiu a primeira folha volante, se ensinaram as primeiras letras, se plantou o primeiro fumo, se cultivou a primeira vide e se elaborou o primeiro vinho, se teceu o primeiro algodão, se organizaram as primeiras estâncias e se esparziu o primeiro trigo, se compôs o primeiro livro e se fundiu o primeiro ferro no Rio Grande; naquele rincão privilegiado, que é o verdadeiro berço da agricultura, da pecuária e da indústria que ora opulentam o nosso Estado[...]. (BERNARDI, M., 1980, p. 17).

Desde os instantes iniciais de organização das reduções, nos primórdios da catequese, os Jesuítas procuravam dar-lhes as linhas fundamentais de uma sociedade cristã. Vindos de lugares policiados, oriundos de renomados centros culturais e sendo eles mesmos detentores do mais alto saber do seu tempo, intentaram firmar nestes aglomerados uma civilização quase impossível de ser atingida, dados os instrumentos que dispunham.

Muito já foi comentado sobre as reduções, numa esfera que vale para todos os povos, não apenas para os sete orientais, mas inclusive para estes. Destarte, mencionar-se-á o batente jesuítico que muito bem representou o talento dos padres nas reduções Guaraní hoje em solo gaúcho.

⁴³ Sepé Tiaraju, cacique Guaraní da missão de São Miguel, morto na Guerra Guaranítica em 1756, cuja celebre frase “Esta terra tem dono”, muito arraigada a cada gaúcho missionário lhe é atribuída. Ver obra de BERNARDI, M. (1980).

O trabalho destes missionários em todas as atividades temporais e espirituais retrata um conhecimento das mais variadas lides. Praticamente todos aliavam o saber das línguas indígenas com as amplas ligações humanísticas e noções das várias ciências – as mais adiantadas da época. Coroando este saber humano, bem merecem a posteridade histórica.

Os Jesuítas foram, em grau eminente, os missioneiros e teólogos da “Conquista Espiritual” e também forjaram, em todos os aspectos, desde os mais simples até os mais complexos, os diversos elementos que constituem uma alta e completa sociedade. Foram filósofos, jurisconsultos, matemáticos, astrônomos, historiadores, filólogos, etnólogos, botânicos, geógrafos, zoólogos, exploradores, colonizadores, cartógrafos, médicos, farmacêuticos, poetas, músicos, arquitetos, escultores, pintores, impressores, gravadores, agricultores, criadores de gado, mestres, professores e em tudo formaram discípulos.

Também criaram novas disciplinas e impulsionaram o progresso de todas existentes, desde as mais altas ciências até as artes menores que fazem amável a convivência. Ademais, escreveram inúmeras obras que hoje estão esparramadas e/ou ignoradas nas bibliotecas do mundo.

Algumas dessas obras que os Jesuítas legaram representam um tesouro para o Brasil, pois são verdadeiros compêndios de etnologia, geografia, história, ciências e artes que permitem ver seus cotidianos na larga trajetória em que encravam os esteios de uma sociedade, cuja política dos tempos e as ambições humanas, não permitiram que atingisse seu apogeu.

As primaveras dos Sete Povos foram bem floridas, pelo menos até 1750. Esta última data aponta para o Tratado de Madri que fora firmado entre Espanha e Portugal por questões políticas, decidindo trocar territórios, de onde os Sete Povos das Missões se tornariam Portugueses e em troca, os lusos abririam mão da Colônia do Sacramento, importante reduto de contrabando de mercadorias e escravos.

O desenvolvimento das missões acendia assombro e inveja nas cortes européias, que se sentiam ameaçadas de perder o controle da situação. A criação da Colônia do Sacramento, enclave português em território espanhol, nunca foi admitido. O Tratado de Madrid⁴⁴, de 1750, estabeleceu novos limites entre as terras de Portugal e Espanha na América, determinando a troca da Colônia do Sacramento pelos Sete Povos localizados na banda oriental do rio Uruguai.

⁴⁴ Ver Anexo D.

A reação dos missioneiros contra a ordem de abandonar suas propriedades provocou a Guerra Guaranítica, contra os exércitos unidos de Portugal e Espanha. Cedia a Espanha um grande território, com sete povoações bem construídas e que continha uma população entorno de trinta mil almas, em troca de uma pequena porcentagem de terras com povoação e fortaleza. Era um preço muito alto que se pagava pela Colônia do Santíssimo Sacramento.

O acordo estipulava que os Guarani e os padres Jesuítas abandonassem suas terras e rumassem para o lado ocidental do rio Uruguai, tendo o prazo de um ano e poderiam levar apenas seus bens móveis e semoventes. Como esta possibilidade foi recusada pelos verdadeiros donos daquelas pampas, cuja crença era de que estes solos lhes fora dado por Deus e São Miguel, fato que demonstra claramente a influência jesuítica, encararam então os exércitos de Espanha e Portugal, sendo que os Guarani foram derrotados em 1756, data que caracteriza um dos maiores genocídios que o Brasil já vivenciou, e que hoje é estudado simplesmente como uma história local. Ironicamente, em 1761 o Tratado de Madri é revogado.

Em 1767, com a expulsão dos Jesuítas dos domínios espanhóis, teve início a decadência das missões. Neste vago movimento de auto-afirmação, o Guarani nota a contradição de seus mestres, que tanto veneraram e nunca tiveram a capacidade de prever tal situação, mostrando que tal surgimento de floração em um momento tão ingrato, teria o mesmo fim que uma tenra flor numa quebra de pavimento.

No ano de 1777 é assinado um novo tratado, o de Santo Ildefonso⁴⁵, que demarca novos limites, onde os Sete Povos seriam novamente da Coroa Espanhola, e todo o derramamento de sangue que ocorreu com a expulsão teria sido em vão. Já em 1801 os portugueses retomam as terras das missões orientais por uma investida que não encontrou resistência decretando assim os limites do atual Rio Grande do Sul.



Ilustração 12: Gravura que satiriza o desamparo dos Jesuítas ao serem expulsos.

⁴⁵ Ver Anexo E.

A experiência missioneira deixou uma enorme contribuição cultural e econômica à região, além de preciosos remanescentes. Desde seu surgimento até hoje suscita diferentes interpretações, que propiciam calorosas discussões sobre seu significado.

3.3 Os Personagens

Nas reduções os padres enfrentaram inúmeros problemas que, auxiliados pelos seus neófitos, foram encarados e na maioria das vezes vencidos. Assim, fundiram o bronze e o estanho, produzindo sinos variados e diversos utensílios sacros, domésticos e até montaram uma imprensa. O Padre Antônio Sepp conseguiu, da trituração de uma pedra chamada de *Itacuru*, mais conhecida como pedra cupim, derreter e extrair ferro, com o qual fabricou ferramentas e utilidades dos mais numerosos tipos.

Um outro proeminente das reduções fora a existência de um observatório astronômico que, graças ao engenho do Padre Boaventura Suárez construindo sua aparelhagem, pôde com ela fazer os primeiros e reconhecidos trabalhos astronômicos desta região missioneira, os quais foram destacados nos principais centros do *Velho Mundo*.

Doravante então, querer-se-á aplicar atenção aos padres supra citados e, sobre eles fazer um breve levante das suas principais memórias e obras que chegam ao conhecimento dos povos nos dias de hoje e sobre as quais se fará uma exploração por conseguinte.

3.3.1 Memorial sobre o Padre Antônio Sepp, SJ.

Por meio dos informes da bibliografia especializada, que se torna objeto obrigatório para os autores, seja de que maneira for aos estudos das antigas reduções do Paraguai em geral e, particularmente dos Sete Povos das Missões, é possível ver a fecundidade da vida cultural, extremamente abastada e multicolor.

Assim, pelo cotejo dos remanescentes bibliográficos que alcançam o tempo atual, é possível identificar algumas personalidades muito representativas daquelas décadas dos séculos XVII e XVIII. Deste modo,

quantos grandes espíritos passaram, no decurso dos decênios, pelas cidadezinhas rurais, citas às margens do Paraná e do Uruguai! Geógrafos e cartógrafos, etnólogos, botânicos, zoólogos, matemáticos, astrônomos, filósofos, médicos, músicos, arquitetos, escultores e pintores, engenheiros e tipógrafos, armeiros e relojoeiros – homens que pertenciam a mais pura intelectualidade européia, homens de fama universal!

Se uma das reduções precisasse de algum representante desta ciência, desta arte ou daquele ofício, bastava dirigir um pedido ao Pe. Provincial, ao superior da província do Paraguai. Depois, quando um emissário se dirigia à Europa, o que se dava regularmente todos os três anos, procurava aí obter o mestre da matéria respectiva. E, de fato, dispunha a Ordem de mestres em todos os ramos de conhecimento e ciências! (HARNISCH, 1980, p. 26).

Dentre os padres encontrados aparece o nome do Padre Antônio Sepp. Seus escritos figuram entre os documentos mais antigos anotados sobre as reduções dos Sete Povos das Missões e, por consequência, sobre grande parte do Rio Grande do Sul.

O Padre Antônio Sepp⁴⁶ nasceu no dia 21 de Novembro de 1655 em Kaltern, antigo Caldaro, no vale do Etsch, perto de Bolzano, capital do atual Tirol Meridional, hoje província pertencente à Itália. É o quinto filho de uma série de onze, de família nobre e sangue germânico.

A tabela seguinte se embasa na apresentada pelo Padre Arthur Rabuske (2003, p. 11), possuindo algumas variações e intenta mostrar uma cronologia da vida do Padre Sepp.

Data	Local	Evento
21/11/1655	Caldaro-Kalern	Nascimento
22/11/1655	Caldaro-Kalern	Batizado
1664 (?) - 1667	Viena – Áustria	Menino-Cantor da Corte
1667, no Verão		Viajou para a Inglaterra com o Coro Imperial de Viena
1667 - 1674	Innsbruck – Kaltern	Aluno do ginásio dos Jesuítas
28/09/1674	Landsberg – Baviera	Ingressou na Companhia da Jesus
1674 - 1676	Landsberg – Baviera	Noviciado religioso
1676 - 1679	Ingolstadt – Baviera	Estudos de Filosofia
1679 - 1680	Landsberg – Baviera	Magistério Ginásial – Ensinou Humanidades
1680 - 1680	Solothurn – Suíça	Magistério Ginásial – Ensinou Humanidades
1681 - 1683	Lucerna – Suíça	Magistério Ginásial – Ensinou Humanidades
19/09/1682	Lucerna – Suíça	Petição de envio para as Missões
1683 - 1687	Ingolstadt – Baviera	Estudos de Teologia
02/1687	Ingolstadt – Baviera	Licença de viajar para as Missões
22/02/1687	Eichstätt	Ordenação de Subdiácono
15/03/1687	Eichstätt	Ordenação de Diácono
24/05/1687	Ausburgo	Ordenação de Presbítero
1687 - 1688	Ausburgo	Magistério Ginásial
1688 - 1689	Altötting – Baviera	Terceira Provação
1688 - 1689	Landshut	Magistério Ginásial – entre Natal e Páscoa
02/03/1689		Recebe o Certificado de Missionário Paraguaio
05/1689	Baviera – Alemanha	Partida para as Missões do Paraguai
06/1689	Tirol Meridional	Visita de despedida de seus parentes
15/07/1689	Trento - Itália	Partida para Gênova
15/08/1689	Gênova - Itália	Últimos votos de Jesuíta
11/09/1689	Gibraltar – Inglaterra	Travessia do Mediterrâneo
18/10/1689		Naufrágio no Mediterrâneo
1689 - 1691	Cadiz e Sevilha	Espera pela chance da viagem
16/07/1690	Sevilha - Espanha	Primeira alistagem dos passageiros
26/08/1690	Sevilha - Espanha	Segunda alistagem dos passageiros

⁴⁶ São muitas as variações que as biografias apresentam sobre o seu nome, a saber, Antônio Sepp von Reinegg, Antônio Sepp von Rechegg, Antônio Sepp von Seppenburg zu Salegg, Antônio Clementino Sepp, dentre outras. Ver a interessante obra de RABUSKE (2003) para uma biografia do Padre Sepp.

17/01/1691	Cadiz - Espanha	Começo da Viagem Atlântica
06/04/1691	Buenos Aires – Arg.	Chegada ao Porto do Prata
01/05/1691	Buenos Aires – Arg.	Início da viagem fluvial pelo rio Uruguai acima
01/06/1691	Yapeyú - Argentina	Chegada à redução de Reyes (Yapeyú)
1691 - 1694	Yapeyú - Argentina	Missionário na redução
1694 (?)	Encarnación (Itapuá)	Construção de um órgão para Reyes
1694 - 1696	Santa Maria de Fé - Ar	Missionário na redução
1695	Paraguai	Epidemia (enfermeiro-médico)
1695 - 1696	San Carlos - Argentina	Falece seu amigo, Pe. Antônio Böhn
1695 - 1695	San Ig. Guazú – Parag.	Médico e teatro para os indígenas
1696 - 1697	San Carlos - Argentina	Substituto passageiro de outro padre
1697	San Javier - Argentina	Restauração de suas forças
1697	São Miguel - Brasil	Missionário na redução
1697 - 1710	São João Batista - Br	Fundação, construção e direção do novo povoado
14/09/1697	São João Batista - Br	Ocupação da terra através da criação de um cruzeiro rural
1702	São João Batista - Br	Sua 1ª introdução como Cura ou Pároco
27/03/1706	São João Batista - Br	Sua 2ª introdução como Cura-Pároco
1710 - 1713	São Luís Gonzaga - Br	Missionário na redução
1713 - 1714	San Javier - Argentina	Missionário na redução
1714 - 1730	La Cruz – Argentina	Missionário na redução
1730 (+)	La Cruz - Argentina	Superior junto às reduções do Uruguai
1730 - 1733	San José – Argentina	Missionário na redução
13/01/1733	San José – Argentina	Falecimento

Tabela 2: Cronologia da vida do Padre Antônio Sepp.

A presente cronologia dá uma idéia da vida deste missionário e que pode ser dividida em duas partes. A parte européia e a Sul-Americana nas reduções Guaraní. É fato notável em seus escritos que ele chegou a conhecer a maioria dos Trinta Povos, sendo que fundou um deles e por várias oportunidades teve a vez de trabalhar em outros tantos, inclusive nos Sete Povos Orientais, podendo ainda fundar um e assistir a fundação do último.

Dos seus 77 anos, viveu e pregou durante 41 anos em mais de onze reduções, o que é representativo para o estudo de uma personalidade. Da parte em que viveu na Europa, pouco será mencionado, porém não é de menor importância, pois é a fase de formação do Padre Sepp.

Quando menino fez parte do Coro Imperial de Viena, na Áustria, com o qual aprendeu a cantar e a tocar vários instrumentos, adquirindo sólida formação vocal e instrumental, tornando-se um exímio músico, o que no seu futuro foi de grande representação. Nos seus estudos iniciais, instruiu-se como todos em sua época e classe social o faziam.

Estudou todas as matérias, aprendeu línguas, escrever, ler, canto, aritmética e religião. Passou à escola dos Jesuítas para concluir seus estudos básicos e encaminhou-se em seguida ao ingresso na Companhia de Jesus, de onde se tornou missionário desta Ordem. Certamente as aulas foram de acordo com a *Ratio Studiorum*, onde os formadores Jesuítas alcançavam os resultados pelos exercícios de imitação, pelas redações freqüentes, pelas

contínuas repetições, pois a repetição era considerada a mãe dos estudos, não se querendo somente conhecimentos enciclopédicos, mas cérebros pensantes.

Na Companhia teve uma extensa formação religiosa e científica, com aulas de Filosofia, Humanidades ou Letras Clássicas e Teologia, com disciplinas como História, Teologia Moral e Teologia das Controvérsias, Direito Canônico, Artes, Metafísica, Retórica, Poética, Teatro, dentre outras, o que lhe propiciou uma dilatada formação, sem falar na sólida constituição nos preceitos da fé católica. Ademais foi professor em algumas escolas jesuíticas nos arredores de sua terra, se oferecendo daí para ir às missões na América.

Muitos dos autores que escreveram algo sobre este padre não deixaram de elogiá-lo, pelas suas qualidades tanto intelectuais, quanto morais ou espirituais. Suas habilidades no trato material e imaterial causam impressões muito positivas, pois a sua genialidade e destreza com a abordagem das situações cotidianas fazia com que este missionário se desdobrasse, mantendo uma atividade polimorfa.

Gênio das reduções e assombro dos seus contemporâneos são alguns dos adjetivos que expressam o conceito de um homem possuidor de uma alta capacidade criadora e inventiva, de qualidades artísticas diversificadas, como músico, escritor, compositor, pintor, poeta, construtor, escultor, dramaturgo, professor, o qual constituía um sobressalto dentre os comuns. Também obrava como arquiteto, engenheiro, matemático, astrônomo, agricultor, siderúrgico, médico, enfermeiro, “curandeiro”, naturalista, artesão e tantos outros ofícios práticos.

No convívio com o Guarani também era afortunado, pois estes o veneravam como um Pai. Principalmente pelos dotes artísticos que estes possuíam, era menor a distância que os separavam, pois o Padre Sepp dominava o seu idioma e sem demora, habilidosamente, mostrou que sabia cantar e tocar os mais diversos instrumentos⁴⁷, passando a ensinar os interessados. Devoto de Santo Antônio de Pádua e de Nossa Senhora de Altötting⁴⁸, tratou logo de fazer cópias desta e distribuí-las, porque esperava dela a conquista dos homens de pele escura (entendidos tanto os negros como os indígenas).

A arte ímpar do seu ministério nas reduções causava admiração de seus companheiros de hábito, os quais também com ele muito aprendiam. Era tido como um

⁴⁷ Destacam-se flautas, cornetas, oboés, pífanos, fagotes, clarins, trompas, violas, harpas, órgãos, e outros tantos. Ver a obra de PREISS (1988).

⁴⁸ Virgem negra da Baviera, que em pé, segura na mão esquerda um cetro e na direita o Menino Jesus recém-nascido, que por sua vez, segura na mão direita o globo terrestre. Sobre o peito apresenta um coração estilizado. É a padroeira dos Padres Redentoristas Alemães.

verdadeiro mestre. Parece que a natureza mesma tinha formado o Padre Sepp para que fosse esse homem um sábio universal.

Dentre os seus méritos, podem ser destacadas as suas habilidades lingüísticas e filológicas, o estilo barroco de seus escritos e suas obras de artífice, o engenho administrativo mundano, o prático nas ciências, sacerdote a serviço de seu Deus, para sua maior glória.

Foi o fundador da redução de São João Batista, donde sua descrição de como executou tal empreitada e porque o fez de tal modo é a única do gênero, referente aos métodos usados pelos Jesuítas, ao fundarem um novo povoado. Ali, também descreve como foi que descobriu ferro e aço, se colocando como o pioneiro da siderurgia no Sul do Brasil, fazendo desta descoberta uma alavanca de progresso nas reduções. Nota-se que este processo de distinção do ferro e do aço não era tão simples assim, mesmo nos centros europeus.

Em São João Batista ainda, o dito Padre fabricou, sempre com a ajuda dos indígenas, um relógio em que os doze apóstolos apareciam a cada badalada do meio-dia, os quais marcharam durante sessenta anos em torno da fachada da igreja. Parafraseando Maxime Haubert (1990, p. 211), o Padre Sepp, além disso, construiu um órgão com tubos de cedro, um púlpito octogonal onde haveria de estar esculpido os quatro evangelistas e os quatro doutores da Igreja, um tabernáculo com uma estátua de Nossa Senhora de Altötting e, uma estátua de João Batista.

Igualmente, a sua experiência com as ciências era abrangente, pois se pode denotar que o Padre Sepp “[...] teria a missão científica de observar as variações na agulha náutica ao sul do Equador e informar a respeito. Estudou também as estrelas deste hemisfério e lamentou que não estivessem consignadas nos globos germânicos que ele conhecia⁴⁹.” (FURLONG CARDIFF, 1984, p. 91, tradução desta autoria). Sobre isso ainda se alude abrangentemente que,

parece que ele possuía um bom conhecimento das obras de geografia e astronomia da época, pois se queixa de que tantas estrelas novas do Sul não figurem nos *globus*, como tampouco aparecem nos *mappa* as novas cidades e rios americanos. Encarregado por seu *Collegium* de observar abaixo do equador a agulha náutica e informar a respeito, cumpre devidamente com esta comissão científica⁵⁰. (WERNICKE, 1940, Sessão Especial, tradução desta autoria).

⁴⁹ [...] tenía la misión científica de observar las variaciones en la aguja náutica al sur del Ecuador e informar al respecto. Estudió también las estrellas de este hemisferio y lamentó el que no estuvieran consignadas en los globos germánicos que él conocía.

⁵⁰ Parece que él poseyó también un buen conocimiento de las obras de geografía y astronomía de la época, pues se quejo de que tantas estrellas nuevas del Sur no figuren en los *globus*, como tampoco aparezcan en los *mappa* las nuevas ciudades y ríos americanos. Encargado por su *Collegium* de observar bajo el ecuador la aguja náutica e informar al respecto, cumple debidamente con esta comisión científica.

Ainda Sepp, cria e implanta os alicerces econômicos e agrícolas que levaram as missões guaraníticas a seu tempo de maior fecundidade. Inovando a agricultura com novos plantios e técnicas até aí desconhecidas pela maioria, revolucionou a produção agropastoril. Ademais, construiu o primeiro órgão com pedal na América espanhola e missioneira, bem como outros instrumentos inclusive fazendo a composição de músicas e cantos, participando, além disso, da construção da igreja de São João, que tem a planta inicial como sendo sua.

Também traduziu para o alemão várias obras do Padre Antônio Vieira (1608-1697), do qual era apreciador, dada pela retórica sacra e seus escritos marianos, dada também por suas lutas pela liberdade indígena. São por algumas características e habilidades práticas atribuídas a Sepp que este foi em seu meio e tempo, capaz de destacar-se. Sem dúvida era esse um homem de estudos e boa cultura, mas seus conhecimentos só podiam ser evidentemente, os de seu século.

Referindo-se ao Padre Sepp, faz-se a citação de Aurélio Porto (1954, vol. 2, p. 79-80), um tanto extensa, porém sucinta para uma vida.

A vida do P. Antônio Sepp é a própria história da fundação de São João Batista. Sua atividade multiforme, sua inteligência privilegiada, suas profundas virtudes cristãs e sua fé inabalável, ficam ali assinalando as raízes da alta civilização que seu espírito criador soube imprimir aos destinos de seu Povo, nas obras que executou.

Em São João Batista jorra, de fornos primitivos, o primeiro ferro que se funde nas Missões; tempera-se o aço que vibra na sonoridade dos sinos; sobem aos céus os sons harmoniosos do primeiro órgão que se fabrica; edifica-se uma cidade modelar, cujo casario, alinhado e bem posto, abriga exemplares famílias cristãs ao serviço de Deus e da sociedade primitiva; ergue-se um templo majestoso, rico de alfaia e de artísticas ornamentações com seus altares de talha dourada, e um púlpito com estátuas douradas e embutidas de madrepérolas; e se estendem as vastas oficinas onde os artistas de toda espécie burilam retábulos famosos, pintam quadros notáveis, esculturam estátuas magníficas, lavram as colunas do templo, e fabricam os mais variados instrumentos musicais, enquanto os calígrafos, prestimosos e hábeis, copistas inimitáveis, nos legam os seus trabalhos que honram a civilização jesuítica.

Por outro lado, proliferam as sementeiras, plantam-se extensos pessegueirais e laranjais, adornam-se as hortas de variadas espécies vegetais, cultivam-se ervas hortenses, e pelos campos das estâncias os gados constituem o mais alto patrimônio econômico do Povo, a que fornece carne, leite e seus derivados.

Toda esta organização reflete a atividade do P. Antônio, as suas iniciativas em todos os setores do trabalho material, intelectual e moral, orientadas pela fé profunda que o afasta mesmo da órbita traçada pelo tempo à ação jesuítica, o que o leva aos maiores dissabores, sofridos resignadamente por amor de Deus e desses filhos que amou carinhosamente.

Como grande músico e compositor que era, ensinou aos seus catecúmenos a compor e executar canções na língua guarani, sendo que essa providência fazia com que os

seus neófitos ficassem satisfeitos por poderem fazer uso irrestrito da língua materna. O Padre Sepp intentava cuidar de tudo e de todos, por isso inclusive elaborou uma relação concernente ao Governo Temporal das reduções em suas fábricas, sementeiras, estâncias e outros setores de atividades, para que os seus irmãos de fé pudessem fazer uso destas em seus trabalhos apostólicos.

É notável que por onde este padre passasse, lá deixava um rastro concreto e palpável de sua personalidade rica e multifacetária, sobretudo nas artes e ofícios que, sob estes aspectos era talhado pela natureza e formação, para estar a serviço do Povo. O Padre Sepp era incontestavelmente o homem *ad hoc*, pois sem isso os indígenas agarrados a sua terra, facilmente não teriam seguido um missionário qualquer em tais empreendimentos.

Os escritos do Padre Sepp deixam entrever o valor e o labor nesta importante região missioneira. Há quem diga que os Sete Povos Sul-Rio-Grandenses eram os mais ricos e bonitos dentre os trinta e que não se duvide disso, pois os seus rebanhos e ervais de fato eram os mais extensos. E, em parte alguma de toda a América a arte, os ofícios e a manufatura progrediam como nas missões entre os anos de 1690 e 1750.

Aqui, quer-se simpatizar com Harnisch (1980) na sua introdução ao livro do Padre Sepp quando este fala dos escritos deste personagem, os quais representam um material-fonte riquíssimo. Ele diz que

as descrições do Pe. Sepp distinguem-se por uma extrema fidelidade, e foram narrados em tal tom e tal estilo, que sua credibilidade subjetiva e objetiva salta aos olhos. Pela maneira de serem dispostas, deduz-se claramente que o autor de modo algum pretendia organizar documentos, antes só desejava contar aos seus, aos irmãos carnis, aos irmãos de Ordem, tudo o que vira e por que passara. Assim como relatamos as nossas viagens aos entes que nos são caros, sem a mínima intenção de que as nossas linhas possam, algum dia ser tidas como documentos valiosos. Essa espontaneidade, que se revela em repetições ocasionais, comprova mais uma vez a honestidade de seus escritos. (HARNISCH, 1980, p. 50-51).

O Padre Sepp se refere sobre a maneira de proceder dos Jesuítas para fundar e administrar uma redução, como se conduziam com o gentio a fim de reduzi-lo a viver dentro de um determinado regime e, narra sobre a vida cotidiana nas reduções, fornecendo elementos de sumo valor para um estudo do ser/saber/fazer/conviver naquele espaço/tempo social, cultural e histórico.

Desses *recuerdos* é possível tirar importantes dados sobre a vida, a formação, a atividade e as obras do Padre Antônio Sepp, escritas pela própria pluma do insigne missionário. Seu falecimento data 13 de janeiro de 1733 na redução de São José (Argentina),

aos 77 anos de idade, 58 dedicados à vida religiosa e 41 de missionário dentre as parcialidades da etnia Guarani.

3.3.1.1 Suas Obras

Das inúmeras obras que se estima que o Padre Sepp tenha escrito, tem-se a certeza e a existência de algumas que ora serão listadas, com base principalmente nos dados que Rabuske (2003) e Furlong Cardiff (1962a) apresentam em suas biografias. Contudo outros autores também apresentam referências, inclusive transcrições de escritos atribuídos à pluma do Padre Sepp como Cardozo (1959), Wernicke (1940; 1941), Leonhardt (1924; 1925) e nas versões críticas elaboradas por Hoffmann (1971; 1973; 1974) e Harnisch (1980) sobre o Padre Sepp, dentre outros não menos significativos. Portanto, eis que seguem:

1- *Amor conjugalis. Eheliche Threue in der Heiligen Genoveva, einem wahren Spiegel ehlicher Threu...* (Amor conjugal. Fidelidade matrimonial em Santa Genoveva, num verdadeiro espelho de lealdade conjugal...). Peça de teatro representada em Lucerna no ano de 1683.

2- *Vienna liberata* (Viena liberada). Drama composto em Ingolstadt entre os anos de 1683 e 1687. Aparece também como *Austria liberata*. Conserva-se na Biblioteca Universitária de Munique.

3- *Potens auxilium olim a Sancto Juliano comiti de Baqueville contra Baiazethem in liberatione exhibitum. Moderno vero tempore ab Austria regno Ungariae contra Achmetem in reductione praestitum...* (Poderoso auxílio, outrora mostrado por São Juliano ao Conde de Baqueville em seu cativeiro contraria ao Reino de Hungria contra Achmete para sua libertação...). Peça representada em Ausburgo no ano de 1688.

4- *Vis veritatis evangelicae in Ebrulpho aulico...* (A força da verdade evangélica no cortesão Ebrulfo.). Representado em Landshut em 1689.

5- (1ª composição pascoal) – *Pilatus Christicida. Post Christi resurrectionem Viennam Galliarum in exilium missus, littera canina R. ad desperationem reductos est, etc.* (Pilatos, o Cisticida. Depois da ressurreição ele foi mandado para o exílio nas Gálias, levado ao

desespero por uma carta mordaz de R., etc.). Texto declamado em Landshut em tempo de páscoa. Conserva-se na Biblioteca Universitária de Munique.

6- (2ª composição pascoal). *Declamatio pro Paschate stylo oratorio composita*. (Declamação para a Páscoa, composta em estilo oratório). Texto para declamação como o anterior. Conserva-se na Biblioteca Universitária de Munique.

7- *Sanguis martirum, semen christianorum*. Discurso escolar. Conserva-se na Biblioteca Universitária de Munique.

As obras de 1 – 7 foram compostas ainda na Europa. Das obras elaboradas no Paraguai destacam-se as várias edições dos textos que explicitam a viagem às missões jesuíticas e os trabalhos apostólicos que vieram a ser desenvolvidos. Tem-se então:

8- (1ª) RR. PP. Antonii Sepp, und Antonii Böhm, *Der Societät JESU Priestern Teuscher Nation deren der erste aus Tyrol an der Etsch zu Caltern / der ander aus Bayern gebürtig / Reisbechreibung / wie dieselben aus Hispanien in Paraquaria kommen. Und Kurtzer Bericht der denckwürdigsten Sachen selbiger Landschafft / Völckern / und Arbeitung der sich alldort befindeten R. P. Sepp, Societatis Jesu, mit eigner Hand geschriebenen Briefen / zu mehrern Nutze Von Gabriel Sepp von und zu Rechegg leiblichen Brudern in Druck gegeben. Cum Licencia Superiorun Brixen / 1696. Zufinden bey Paul Niclaus Führ. Buchdrucker.*

9- (2ª) RR. PP. Antonii Sepp, und Antonii Böhm, *Der Societät JESU Priestern Teuscher Nation, deren der erste aus Tyrol an der Etsch zu Caltern / der ander aus Bayern gebürtig / Reisbechreibung / wie dieselben aus Hispanien in Paraquariam kommen. Und Kurtzer Bericht der denckwürdigsten Sachen selbiger Landschafft / Völckern / und Arbeitung der sich alldort befindeten PP. Missionarium. Gezogen aus denen durch R.P. Sepp, Soc. Jes., mit aigener Hand geschriebenen Briefen / zu mehrern Nutze Von Gabriel Sepp, von und zu Rechegg leiblichen Brudern in Druck gegeben. Mit Erlaubnus der Obern. Nürnberg / In Derlegung Joh. Hoffmanns 1696.* (RR. PP. Antônio Sepp e Antônio Böhm, sacerdotes da Companhia de Jesus, da nação alemã, dos quais o primeiro nasceu em Tirol do Etsch e o outro na Baviera. Relatos de viagem de como foram eles desde a Espanha ao Paraguai, com um curto relato das coisas admiráveis, paisagens, povos, e os trabalhos realizados por parte dos missioneiros em diversas partes. Extraídos das cartas escritas pela própria mão do P. Antônio Sepp, graças a

Gabriel Sepp, natural de Rechegg (e de esta população), irmão carnal seu, quem o deu à imprensa. Com licença dos Superiores, Nürnberg. Ao cuidado de Johann Hoffmann. 1696). Nesta edição muda-se um pouco o título e o editor em relação a anterior. Seu conteúdo reflete no título da obra.

10- (3ª) RR. PP. Antonii Sepp, und Antonii Böhm / *Der Societät JESU Priestern Teuscher Nation, deren der erste aus Tyrol an der Etsch / der ander aus Bayern gebürtig / Reisbechreibung wie dieselben aus Hispanien in Paraquariam kommen. Und Kurtzer Bericht der denckwürdigsten Sachen selbiger Landschafft / Völckern / und Arbeitung der sich alldort befindeten PP. Missionarium, gezogen aus denen durch R.P. Sepp, Soc. Jes., mit aigener Hand geschriebenen Briefen / zu mehrern Nutze Von Gabriel Sepp, von und zu Rechegg, leiblichen Brudern in Druck gegeben. Mit Erlaubnis der Obern. Nürnberg / In Derlegung Joh. Hoffmanns 1697.* Esta edição muda, basicamente, a data, parecendo ser uma nova tiragem da edição anterior.

11- (4ª) RR. PP. Antonij Sepp, und Antoniý Böhm / *Der Societät JESU Priestern / Neu vermehrte Reisebescheibung wie selben aus Hispanien in Paraquariam kommen. Und Kurtzer Bericht der denckwürdigsten Sachen selbiger Landschafft / Völckern / und Arbeitung der sich alldort befindeten PP. Missionarium. Gezogen aus denen durch R.P. Sepp, Soc. Jes., mit aigener Hand geschriebenen Briefen Von Stephan Ignatius Sepp von Seppenburg und Rechegg: Priestern / J. U. C. als leiblichen Brudern. Dritte und verbessere Edition. Mit erlaubnis der Obern. Passau / Druckts und verlegts Georg Adam Höller / 1698.* É uma descrição de viagem corrigida e aumentada, ao encargo do irmão mais novo de Antônio Sepp, o diocesano Padre Estevão Inácio, editada e impressa por Jorge Höller.

12- (5ª) *Erster Theil / Der Reisebescheibung / RR. PP. Antonii Sepp, und Antonii Böhm / Der Societät JESU Priestern Teuscher Nation, deren der erste aus Tyrol an der Etsch / der ander aus Bayern gebürtig / Wie nemlichen dieselben aus Hispanien in Paraquariam kommen; Und Kurtzer Bericht der denckwürdigsten Sachen selbiger Landschafft / Völckern / und Arbeitung der sich alldort befindeden PP. Missionarium, gezogen aus denen durch R.P. Sepp, Soc. Jes., mit aigener Hand geschriebenen Briefen / zu mehrern Nutzen Von Gabriel Sepp, von und zu Rechegg. leiblichen Brudern / aus ein Neus in Druck gegeben. Cum Privilegio Sac. Caes. Magestatis, & Facultate Superiorum. Ingolstatt / In Verlegung Johann Andreas de la Haye,*

anno 1712. Esta edição revela tratar-se da primeira parte da descrição de viagem, supondo a existência de uma continuação.

13- (6ª) *Bescheibung der Reise R. P. Antonii Sepp, S. J., aus Tyrol na der Etsch nach Paraguay, Nürnberg, 1768.* (Descrição da viagem do R. P. Antônio Sepp, SJ, oriundo do Tirol junto ao Ádige, para o Paraguai, Nürnberg, 1768.). Esta edição sai com um título resumido e 35 anos após a morte do Padre Sepp.

14- (7ª) *P. Anton Sepp, S. J. – Meine Reise zu den Indianer am Uruguay, Rio de Janeiro, 1941.* (P. Antônio Sepp, SJ. – Minha viagem para os índios junto ao Uruguai, Rio de Janeiro, 1941.). Esta obra foi passada para o alemão moderno por Wolfgang Hoffmann Harnisch, e posteriormente publicado no Brasil em 1941 pelo Latin Publisher do Rio de Janeiro e impresso no Centro da Boa Imprensa, de Porto Alegre. Exemplar no Instituto Anchietano de Pesquisas de São Leopoldo.

15- *Continuatio Laborum Apostolicorum, Quos R. P. Antonius Sepp, So. Jesu Missionarius Apostolicus in Paraquaria Ab Anno Christi 1693, usque ad Annum 1701. Exantlavit. Ubi describuntur illius barbarae Gentis mores, ingenium, et docilitas in rebus practicis, et mechanics, etc. Contra in speculativis, et metaphysicis ruditas; atque plurima Europaeis admiranda. Ingolstadii, Sumptibus Joannis Andreae de la Haye. Typis Thomae Grass, Anno 1709.* Esta é a versão Latina para a continuação da descrição, reimpressa no ano seguinte.

16- *Continuatio Laborum Apostolicorum, Quos R. P. Antonius Sepp, So. Jesu Missionarius Apostolicus in Paraquaria Ab Anno Christi 1693, usque ad Annum 1701. Exantlavit. Ubi describuntur illius barbarae Gentis mores, ingenium, et docilitas in rebus practicis, et mechanics, etc. Contra in speculativis, et Metaphysicis, ruditas; aliaque plurima Europaeis admiranda. Cum Privilegio Sac. Caes. Majestatis, et Facultate Superiorum. Ingolstadii, Sumptibus Joannis Andreae de la Haye Bibliopolae Academici. Typis Thomae Grass, Typog. Acad. Anno 1710.* (Continuação dos Trabalhos Apostólicos, que passou o R. P. Antônio Sepp, SJ, missionário apostólico no Paraguai, do ano de 1693 da era cristã até o ano de 1701. Descrição dos costumes daquela gente bárbara, de seus talentos e habilidades práticas e mecânicas, etc.; e , ao contrário, a rudeza nas coisas especulativas e metafísicas; e muitas coisas maravilhosas para os da Europa. Com privilégio da Sagrada Majestade Cesária, e licença dos Superiores. Ingolstadt, a Expensas de João André de La Haye, livreiro acadêmico.

Tipos de Tomás Grass, Tipografia Acadêmica. Ano de 1710). No mesmo ano saiu uma edição em alemão. O título explicita seu conteúdo.

17- *Continuation oder Fortsetzung der Beschreibung / Deren denkwürdigeren Paraquarischen Sachen / selbiger Landschafft / Völckern / und Arbeit deren sich alldort befindenden RR. Um PP. Missionariorum Soc. Jesu. Insonderheit aber / Wie R. P. Antonius Sepp, Auss Wohlgemelter Societet in Paraquaria Missionarius den Christlichen Glauben unter andern Völckern noch weiters fortzupflanssen sich bearbeitet / und bemühet. Forderist zu grösserer Ehr / und Lob Gottes / als dann auch zu sonderen Wolgefallen / Lust / und Ergösslichkeit eines geneigten Lesers. Mit sonderm Fleiss Zusammen getragen / von dem Wohlehrwürdigen P. Alphonso Sepp, Ord. S. Benedicti. Cum Privilegio Sac. Caes. Magestatis, et Facultate Superiorum. Ingolstatt / In Verlegung Joh. Andreas de la Haye. Anno 1710.* Esta edição em alemão esteve a cargo de Afonso Sepp, OSB, irmão de Antônio Sepp.

18- *Padre Antônio Sepp, S.J., Viagem as Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos. Introdução e notas por Wolfgang Hoffmann Harnisch, tradução de A. Reymundo Schneider e alunos da Companhia de Jesus, em Pareci, fotografias de Wolfgang Hoffmann Harnisch Junior. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1943.* Esta é a primeira versão portuguesa que contém em si compilada a descrição de viagem (*Reisebeschreibung*) e os trabalhos apostólicos (*Continuation*) em um só tomo. Biblioteca do Instituto Anchietano de Pesquisas de São Leopoldo.

19- *Antonio Sepp, SJ. – Relación de viaje a las misiones jesuíticas. Edición crítica de las obras de Antonio Sepp, misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733. Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971, tomo I.* (Antônio Sepp, SJ. – Relação de viagem às Missões Jesuíticas. Edição crítica das obras de Antônio Sepp, missioneiro na Argentina desde 1691 até 1733...). Esta obra é baseada na edição alemã de 1696, de Brixen. Encontra-se uma versão em espanhol na Biblioteca do Instituto Anchietano de Pesquisas de São Leopoldo e Biblioteca do Colégio Del Salvador de Buenos Aires.

20- *Antonio Sepp, SJ. – Continuación de las labores apostólicas. Edición crítica de las obras de Antonio Sepp, misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733. Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1973, tomo II.* (Continuação dos trabalhos apostólicos...). Esta obra se baseia na edição alemã de 1710, de Ingolstadt. Encontra-se uma versão em espanhol na Biblioteca do

Instituto Anchietano de Pesquisas de São Leopoldo e Biblioteca do Colégio Del Salvador de Buenos Aires.

21- *Antonio Sepp, SJ. – Jardín de flores paracuário. Edición crítica de las obras de Antonio Sepp, misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733. Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1974, tomo III.* Esta obra contém um relato sobre a História da missão entre os Tobatins e trechos de uma obra chamada “*Paraquarischer Blumengarten*” (Jardim de flores Paraguaio). O relato se traduz por “*Relato da gloriosa missão apostólica realizada pelos Reverendos Padres Bartolomeu Jiménez e Francisco de Robles, SJ, no ano de 1697, para converterem aos infiéis tobatins. Segundo a carta escrita do acima dito Pe. Bartolomeu Jiménez, escrita de seu próprio punho, ao Reverendo Padre Provincial do Paraguai, Simão de León, e confiada pelo autor ao Padre Antônio Sepp, para ser traduzida e publicada em idioma alemão*”. O original é em espanhol. Já o Jardim de flores Paraguaio tem seu original escrito por Padre Sepp em alemão e confere uma “*História de uma Jerusalém Paraguaia*”, o Jardim de flores Paraguaio é uma história das reduções guaranis. Encontra-se uma versão em espanhol na Biblioteca do Instituto Anchietano de Pesquisas de São Leopoldo e Biblioteca do Colégio Del Salvador de Buenos Aires.

Existem, igualmente, segundo Rabuske (2003, p. 220) outras edições parciais em alemão, francês, espanhol e inglês, bem como edições de traduções completas da *Reisebeschreibung*.

22- *Algunas advertencias tocantes al gobierno temporal de los pueblos en sus fábricas, sementeras, estancias y otras faenas.* Fecha en el pueblo de S. Joseph, día de S. Antonio de Papua, a 13 de junio de 1732. Muy siervo de Vvs. Rvs. Antonio Sepp. (Algumas instruções relativas ao governo temporal das reduções em suas fábricas, sementeiras, estâncias e outras fainas). É uma espécie de manual a ser utilizado pelos padres recém encarregados nas reduções. Há indicativos que o original tenha sido adquirido pela Universidade de São Paulo.

23- *Relato de 24 de junho de 1692.* Procedente de Yapeyú. Parece ser uma segunda via do *Reisebeschreibung*. Encontra-se no Principal Arquivo Estadual de Munique.

24- *Relato ao Padre Guilherme V. Stingham, SJ.* Conserva-se nas Lettres edificantes et curieuses. Écrites des Missions étrangères. Este parece ser correspondente ao *Continuation*.

25- *Carta do Padre Antônio Sepp solicitando ser enviado para as missões nas índias. 19 de setembro de 1682. De Lucerna, endereçada ao Geral dos Jesuítas em Roma, escrita em latim. Encontra-se no Arquivo Romano da Companhia de Jesus.*

26- *Carta do Padre Antônio Sepp com motivo da morte do Irmão Juan Krauss, construtor do templo de San Ignacio de Buenos Aires, 1714. Encontra-se no Principal Arquivo Estadual de Munique.*

27- *Carta do Padre Antônio Sepp, procedente de San Javier e endereçada ao Padre José Preiss, SJ, em Ingolstadt. 13 de junho de 1714. Original latino. Encontra-se no Principal Arquivo Estadual de Munique.*

28- *Carta do Padre Antônio Sepp endereçada a Andreas Waibl, SJ, em Roma. 8 de setembro de 1714. Escrito em Latim. Encontra-se no Principal Arquivo Estadual de Munique.*

29- *Carta do Padre Antônio Sepp endereçada ao mesmo Andreas Waibl, SJ, em Roma. 4 de novembro de 1714. Também em latim. Encontra-se no Principal Arquivo Estadual de Munique.*

30- *Carta do Padre Antônio Sepp dirigida a confrades da Província da Alemanha Superior. 3 de maio de 1721. De La Cruz e escrita em latim.*

31- *Carta do Padre Antônio Sepp, escrita ao Padre Tomas Werle, SJ, procurador das missões no Paraguai. 18 de outubro de 1731. Escrita em San Jose. Encontra-se no Arquivo General de la Nación em Buenos Aires.*

32- *Marianischer Rosengarten das ist Mächtige Hülff Mariae. Hochschätzung, Krafft und Wunderwerk des Allerheiligsten Rosen Kranzes, ehedessen meistentheils von R. P. Antonio Vieira, SJ in Brasília anno 1687 beschrieben. Aniezo aber durch R. P. Antonium Sepp, SJ in Paraquaria Anno 1720 aus dem Hispanischen ins Teutsche auff unser weis zu Predigen übersetzt. So vol lusting als nützlich zulesen, und dem Christitlichen Volck an den Festtügen der Himmels Königin vorzutragen, bequemlich: Mit Stellen der Göttlichen Schrift, Heiligen Vättern, und Exemplen gezieret. Endlich eben in so vil Lob-Predigten als Mariae geleb*

abgetheilet. Buchmannskript, deutsch. Universitätsbibliothek München. (Roseiral Mariano, isto é, Poderoso Auxílio de Maria. Estima, eficácia e maravilha do Santíssimo Rosário outrora descrito em grande parte pelo R. P. Antônio Vieira, SJ no Brasil, em 1697. Agora, porém, traduzido do espanhol para o alemão pelo R. P. Antônio Sepp, SJ, no Paraguai, ano de 1720, de acordo com o nosso modo de pregar. É de leitura tanto a agradável como útil, e apto de se expor ao povo cristão nos dias de festa da Rainha do Céu: Acha-se ornada de trechos da Escritura Divina, dos Santos Padres e de exemplos. Por fim, encontra-se dividido em tantos panegíricos, quantos foram os anos vividos por Maria. Manuscrito de livro, alemão. Biblioteca Universitária de München). Esta obra do Padre Vieira intitula-se “*Maria Rosa Mística. Excelências, poderes e maravilhas de seu Rosário, compendiados em trinta sermões ascéticos, e panegíricos sobre os dois Evangelhos desta solenidade Novo e Antigo: Oferecidas à Soberana Majestade da mesma Senhora pelo Padre Antônio Vieira da Companhia de Jesus da Província do Brasil, Lisboa, 1686*”. Conserva-se na Biblioteca Universitária de Munique.

33- *Obras de Antônio Vieira, da Companhia de Jesus, missionário no Brasil.* Seriam traduções de obras para o alemão feitas pelo Padre Sepp para serem publicados nesta língua, submetidas no ano de 1701.

Existem ainda cartas e textos que fazem referência ao Padre Sepp escritos por outros missionários referindo-se de algum modo ao aludido sacerdote. Para uma apuração destas cartas, Rabuske (2003, p. 216-228) e Furlong Cardiff (1962a, p. 79-104) trazem os indicativos, bem como das citadas acima, que se espalham pela Alemanha, Argentina, Brasil, Espanha, Roma, França e talvez outros países.

Pela valorização das obras do Padre Sepp, pode-se afirmar que o principal mérito delas, sendo praticamente composto por cartas, está em ter sido retratado o natural, a imagem estrutural da cultura nativa e missioneira. O elemento milagroso e sobrenatural praticamente não existe em suas páginas e, em compensação, há abundância de detalhes realistas que fazem as obras se encherem de sentido humano.

A colaboração de Sepp serve para melhor entender a história das missões, suas gentes, suas lutas diárias, a conversão, enfim, o convívio entre indígenas e religiosos, refletindo um momento histórico de conquista como nenhum outro o fez noutra parte.

RR. PP. Antonii Sepp ,
 Und
 Antonii Böhm ,
 Der Societät JESU Priestern
 Teutscher Nation deren der erste aus Tyrol
 an der Etsch zu Coltern/der ander aus
 Bagn Gebürtig/
Reiß - Beschreibung/
 wie dieselben aus Hispanien in
 Paraquarien kommen.
 Und
 Kurzer Bericht der denckwürdig-
 sten Sachen selbiger Landschaft/ Völck-
 ren/und Arbeitung der sich alldort befinde-
 ten PP. Missionariorum.
 gezogen
 Aus den durch R. P. Sepp, Soc. Jesu,
 mit eigener Hand geschriebnen Briefen/
 zu mehreren Nutzen
 Von
 Gabriel Sepp von und zu Rechegg
 leidlichen Brudern in Druck gegeben.
 Cum Licentia Superiorum.
 Brixen/ 1696.
 Zu finden bey Paul Nicolaus Züger. Buchh.
Reissbeschreibung – Brixen, 1696

RR.PP. ANTONII SEPP,
 und
 ANTONII BÖHM/
 Der Societät JESU Pries-
 tern Teutscher Nation, deren der erste
 aus Tyrol an der Etsch/ der ander aus
 Bagn bürtig/
Reißbeschreibung/
 Wie dieselbe aus Hispanien in
 Paraquariam kommen; und
 Kurzer Bericht der denckwür-
 digsten Sachen selbiger Landschaft/
 Völckern und Arbeitung der sich alldort
 befindeuden PP. Missionariorum,
 gezogen
 Aus denen durch R. P. Sepp, Soc. Jesu
 mit eigener Hand geschriebenen Briefen/
 zu mehreren Nutzen
 Von Gabriel Sepp, von und zu Rechegg.
 leidlichen Brudern/in Druck gegeben.
 Mit Erlaubnuß der Obern.
 Nürnberg/
 In Verlegung Johan Hefsmanns/1698.
Reissbeschreibung – Nürnberg, 1698

CONTINUATION
 der Fortschbung der
Beschreibung/
 Deren denckwürdigeren Paraqua-
 rischen Sachen / selbiger Landschaft /
 Völckern/und Arbeit deren sich alldort be-
 findenden RR. um PP. Missionariorum
 Soc. Jesu. Insonderheit aber /
 Wie
R. P. ANTONIUS
SEPP,
 Auß rechtmelter Societet in Para-
 quaria Missionarius den Christlichen Glau-
 ben unter andern Völckern noch weiters
 fortpflanzen sich bearebeitet/und
 bemühet.
 Forderist zu grösserer Ehr/ und
 Lob Gottes / alsdann auch zu sonderen
 Wohlgefallen / Nutz / und Ergötzlichkeit
 eines gereigten Lesers.
 Mit sonderm Fleiß zusammen getragen /
 von dem Wohl-Ehrenden P. Al-
 phonso Sepp. Ord. s. benedicti.
 Cum Privilegio Soc. Cas. Majestatis, & Sacer-
 dotis Superiorum.
 INGDSTADT/
 Verlegung Joh. Andreæ de la Heye.
 Anno 1710.
Continuation – Ingolstadt, 1710

CONTINUATIO
LABORUM
APOSTOLICORUM.
 Quor
R. P. ANTONIUS
SEPP.
 Soc. JESU Missionarius Apo-
 stolicus in Paraquaria
 Ab Anno Christi 1693. usque ad
 Annum 1701. Exantlat.
 Ubidescribuntur illius barbaræ
 Gentis mores, ingenium, & docili-
 tas in rebus prædictis, & mechanicis, &c.
 Cont. i in speculativis, & metaphysicis,
 ruditas; aliisque pluribus
 Europæis admiranda.
 Cum Privilegio Soc. Cas. Majestatis
 sit, & Facultatis Superiorum.
INGOLSTADII,
 Sumptibus Joannis Andreæ de la
 Heye Bibliopolæ Academici.
 Typis Thomæ Græfi, Typog. Acad.
 Anno 1710.
Continuatio – Ingolstadt, 1710

Ilustração 13: Páginas de rosto das primeiras edições das obras do Padre Antônio Sepp em Alemão e Latim.

3.3.2 Memorial sobre o Padre Boaventura Suárez, SJ.

O rol das personalidades que se destacaram no cenário missioneiro nos tempos das reduções jesuíticas é amplo. Contudo, sem desmerecer os outros, mas pelo contrário, que por um podem se fazer representar, está a figura de um padre que foi entre os seus um dos mais destacados e reconhecidos, pois esbanjava habilidades, tanto no trato material como espiritual.

Esta pessoa notável fora o Padre Boaventura Suárez⁵¹, que nasceu no dia 14 de julho de 1679 em Santa Fé de La Vera Cruz, governação do Rio da Prata, na Argentina, hoje pertencente à província de Santa Fé deste mesmo país. É filho de uma família renomada, cujos antepassados diretos fundaram as cidades de Buenos Aires e de Santa Fé.

A vida do Padre Suárez foi bastante intensa e mobilizada, porém este sempre permaneceu em solo Sul-Americano, não chegando a conhecer a Europa. Esteve, por sua vez, em várias reduções jesuíticas da etnia Guaraní, participando assim efetivamente das lides missioneiras nestes espaços.

Dos seus mais de 70 anos, propagou a doutrina jesuítica por adiantados cinquenta anos nas missões paraguaias, estando em dez com certeza, pois se tem notícias destes fatos. Porém, ao contrário do Padre Sepp, não se tem a referência de que o Padre Suárez pudesse ter estado nos Sete Povos das Missões, mas, nem por isso seus trabalhos deixaram de cruzar as fronteiras, inclusive as do rio Uruguai para serem reconhecidos e entrados para a posteridade.

Eis a seguir uma cronologia básica sobre a trajetória da vida deste insigne missioneiro santafesino.

Data	Local	Evento
14/07/1679	Santa Fé – Argentina	Nascimento
08/01/1682	Santa Fé	Batizado
1691(+)	Santa Fé	Aluno do Colégio dos Jesuítas
04/04/1695	Santa Fé	Pede para ser admitido na Companhia de Jesus
1695	Córdoba – Argentina	Inicia o Noviciado
1695-1697	Córdoba	Estudos de Humanidades
1697	Córdoba	Primeiros votos do Noviciado
1698-1699	Córdoba	Estudos de Filosofia e Teologia
1698-1699	Córdoba	Professor de Humanidades e Gramática Univ. de Córdoba
1700 (+)		Torna-se missionário nas reduções guaranis
1703	San Cosme y San Damián – Ar.	Missionário na redução
06/04/1704	Córdoba	Ordenação Sacerdotal
1706	San Cosme y San Damián	Início das observações astrais e prognósticos do tempo
1706	San Cosme y San Damián	Construção finalizada do seu primeiro telescópio

⁵¹ Seu nome apresenta variações, conforme os seus biógrafos, assim aparecendo como Buenaventura Suárez, Buenaventura Suárez Garay, Buenaventura Suárez Altamirano, Ventura Suárez e Bentura Suárez. Ver a obra de Furlong Cardiff (1929) para uma biografia bem ampla.

1706-1739	San Cosme y San Damián	Observações para composição de seu Lunário
03 e 30/6/1709	San Javier - Argentina	Últimos três votos – grau de Coadjutor Espiritual
1701(?)-1714	San Cosme	Missionário na redução
1714	Itapúa - Paraguai	Companheiro de Cura
1718	Candelária - Argentina	Translado do povo de San Cosme se separando desta
1722	San Ignacio Miní – Argentina	Averiguação de domínio territorial entre esta e Loreto-Ar.
17/04/1724	San Cosme	Nomeado Cura da redução
21/05/1728	San Ignacio Guazú - Paraguai	Nomeado Cura da redução
1732	San Cosme	Cura da redução
08/04/1732	San Cosme	Consultor do Vice-Superior das reduções
1732 (+)	San Cosme	Noticia-se que funde campanas em
1733	San Cosme	Peste na redução
1735	Candelária	Missionário na redução
1736-1737	Santa Maria la Mayor – Ar.	Peste na redução
1737	San Cosme	Continua seu trabalho
1737-1738	Itapúa	Rápida passagem
1738	San Cosme	Padre Companheiro
1739-1750	San Cosme	Segunda fase das suas observações
1740-1742	Assunção - Paraguai	Consultor/confessor no colégio de Assunção
1742-1743	Corrientes - Argentina	Consultor/monitor no colégio das Siete Corrientes
1740-1743	Assunção e Corrientes	Recuperação das forças
02/1745	Apostoles - Argentina	Padre Companheiro
1747	Santa Maria la Mayor	Padre Companheiro
1749	San Carlos	Padre Companheiro
1750	Santa Maria la Mayor	Conferidor de Curato
1750	Mártires - Argentina	Conferidor de Curato
24/08/1750	Santa Maria la Mayor	Falecimento

Tabela 3: Cronologia da vida do Padre Boaventura Suárez.

Nota-se que, desde cedo Suárez estudou em escolas jesuíticas, donde adquiriu sua formação inicial e quiçá fora ali que despertou para ingressar na Companhia de Jesus. Completou seus estudos sacerdotais no noviciado de Córdoba, na província do Paraguai.

Tanto na escola básica de Santa Fé como na Universidade de Córdoba (fundada em 1622), instruiu-se voltado para uma formação clerical. Suárez estudou Humanidades, Moral, Teologia, Línguas, Filosofia, Ciências dentre outras cadeiras necessárias à formação de um sacerdote Jesuíta. Fora também professor de gramática na Universidade de Córdoba, enquanto cursava os seus adiantados estudos.

Como entrou muito prematuramente para a Companhia, nela também de pronto se ordenou com quase vinte e cinco anos, de onde partiu para as reduções guaraníicas daquela província para não mais sair, tendo trabalhado até seus últimos momentos. Neste ínterim, seu corpo pode não ter saído muito distante dali, porém seu espírito engenhoso transcendeu os limites que não são acessíveis a qualquer abnegado.

Quer-se com isso apresentar um pouco do valor de seu trabalho que sem dúvida era abundante. O Padre Suárez de fato foi singular na história da América Latina, visto que pertenceu a um tempo de desabrochamento intelectual e científico em plenos séculos XVII e XIII, em meio às circunstâncias precárias que por vezes se acometiam entre as selvas e os animais destas localidades. Porém, esta natureza era também bondosa e a genialidade criadora humana mostrou no exemplo de Suárez a valia de um caráter empreendedor.

Sem grandes auxílios externos, exceto pelos seus neófitos, embasado em poucos alfarrábios e rudimentares instrumentos foi capaz de observar os astros e esquadriñar as estrelas e a lua por várias décadas e destes estudos produziu um material admirado tanto na América, como na Europa e Ásia. Ao começar suas atividades neste campo científico, não tinha os instrumentos adequados, mas os erigiu assessorado por seus indígenas, polidos nas artes e ofícios práticos.

De gênio afável, segundo seus contemporâneos, era abissal a sua habilidade para qualquer caso a que se aplicasse. Seu aproveitamento e autodeterminação nas fainas diárias lhe tornaram um sábio, pois soube proclamar expressivos resultados nas diversas práticas que se puseram em seu caminho, sendo operário, médico, enfermeiro, naturalista, geógrafo, astrônomo, matemático, filósofo, pintor, estatuário, ferreiro, escritor, artesão, construtor, botânico, cartógrafo, professor, vidreiro, cosmógrafo dentre outros ofícios e afazeres utilitários e/ou intelectuais.

Como sacerdote que era, empregou boa parte de sua vida entre as parcialidades Guaraní, assistindo com eles as muitas desventuras e felicidades da vida em contato inter-multi-cultural, com muita fé, zelo e afeto, sempre ajustando as regras da religião às suas obrigações. Com astúcia e competência dirigiu e ensinou nas reduções onde esteve, sem que houvesse qualquer apontamento desagradável no concernente ao trato com o nativo.

O Padre Boaventura Suárez tinha um pouco de sábio universal, pois construía órgãos, fabricava espelhos, fundia sinos, dourava cálices, entendia de medicina, pintura e escultura, mas, destacou-se principalmente como um perfeito astrônomo e matemático e, chegou a alcançar uma ampla reputação. Consta que este começou a fazer suas observações sobre o movimento da lua, as ocultações das estrelas, as distâncias lunares, etc., com aparatos fabricados por ele mesmo com madeiras dos bosques locais e com lentes de fabricação missioneira por ele mesmo polidas, os chamados cristais⁵².

⁵² O Padre Sánchez Labrador, citado em Furlong Cardiff, (1984, p. 92) diz que “[...] quando os cristais de rocha são de boa água, ou claros, e sem manchas, podem servir para fazer lentes (binóculos). Efetivamente o P.

Dos documentos que chegam ao tempo atual, à juízo e acerto estão muito favoráveis a cultura científica colonial, já que comprovam o quão profundo, luminoso e original foi o seu ambiente científico. Estas notícias que ora quer propagar-se podem parecer escassas e quem sabe consideradas de pouca relevância na História das Ciências, porém opina-se que são capazes de aquilatar um passado com justeza e serenidade de critério para considerar a notável inquietude dos homens daqueles tempos.

Por isso, ao erguer com suas mãos um observatório astronômico em São Cosme e São Damião (redução por três vezes transladada), o Padre Suárez demonstrou uma beleza de espírito e uma espontânea vocação científica, inaugurando como que poeta das ciências, uma fase de esplendor que vem a culminar com a criação da primeira cátedra de matemáticas entre 1749 e 1750 em Córdoba, oficializando-a dez anos depois, para a glória das ciências Sul-Americanas.

Durante aproximados trinta e três anos, até por volta de 1740, o Padre Suárez se dedicou às construções do conjunto de elementos materiais específicos de que lança mão para obter as observações que culminariam num *Lunário*, o qual seria nos dias atuais visto como um calendário ou almanaque astronômico que contém a distribuição do tempo em períodos com a determinação de todos os movimentos médios das conjunções, oposições e quartos de lua com o sol e as anormalidades dos corpos luminosos, relativos a um século de previsões.

Também é interessante ter em conta que o Padre Suárez imprimiu numerosos escritos sobre astronomia nos ateliês tipográficos nas reduções guaraníticas. A este respeito, o Padre Sepp comenta que nas imprensas estabelecidas nas reduções há se publicado vários tratados em espanhol e em guarani e, do Padre Boaventura Suárez que,

[...] escreveu umas tábuas astronômicas, chamadas efemérides, que foram publicadas em forma de um *vade-mécum* para todos os dias com calendário, indicações das estações, o curso dos planetas, eclipses, prognósticos do tempo, etc., tudo segundo nossa altura polar e muito bem feito, assim que o livro se envia até o Peru⁵³. (Sepp, 1974, p. 184, tradução desta autoria).

Com estas impressões, bem como correspondências enviadas para o Oriente, Suárez se tornou conhecido e respeitado mundo afora, sendo considerado por seus trabalhos um matemático nada vulgar. Correspondeu-se com Vargentin na Suécia, Pedro de Peralta no

Buenaventura Suárez, missioneiro dos índios guaranis, e celebre matemático, os trabalhou muito bem e fez algumas lentes muito claras". (Tradução desta autoria).

[...] cuando los cristales de roca son de buena agua, pueden servir para hacer anteojos. Efectivamente el P. Buenaventura Suárez, misionero de los indios guaraníes, y célebre matemático, los labró muy buenos y hizo algunos anteojos muy claros.

⁵³ [...] escribió unas tablas astronómicas, llamadas efemérides, que fueran publicadas en forma de un vademécum para todos los días con calendario, indicación de las estaciones, el curso de los planetas, eclipses, pronósticos del tiempo, etcétera, todo según nuestra altura polar y muy bien hecho, así que el libro se envía hasta el Perú.

Peru, Nicolau de l'Isle no Brasil, P. Ignácio Koegler na China, P. Nicolau Grammatici na Espanha e Celsius na Suécia. Ademais, teria comunicação com outros matemáticos do Peru, Alemanha, Brasil, Suécia, Inglaterra, China, Itália, Espanha, Holanda, Portugal, e quem sabe outras nações de que não se tem informações.

É importante destacar que no começo de suas investigações, os indígenas da Redução de São Cosme e São Damião participaram da construção dos seus aparatos ou instrumentos astronômicos (1706-1740). Porém, depois de consagrado, teve vindos da Europa instrumentos mais avançados (1740-1750), o que divide os seus trabalhos em duas fases. Destas, a principal foi a primeira.

Do período mais frutífero na vida deste missionário, é que se mostra como um exímio executor de várias atividades. Como exemplo,

o primeiro geógrafo que determinou a posição dos Povos e as distâncias existentes entre uns e outros, foi o sábio santafesino Padre Ventura Suárez, uma das maiores glórias da ciência jesuítica sul-americana, [...]. Foi o P. Ventura Suárez um dos maiores matemáticos e astrônomos sul-americanos, tendo sido o primeiro a fazer observações meteorológicas nas Missões. Imprimiu um lunário para um século e comunicava-se com os maiores matemáticos de seu tempo. Fez várias observações de eclipses, emersões e imersões de satélites, dedicando-se a variadas atividades artísticas e científicas que lhe deram larga projeção entre os sábios de seu tempo. (PORTO, 1954, vol. 2, p. 29-30).

Furlong Cardiff (1984, p. 152) diz o seguinte:

Sabemos que o P. Buenaventura Suárez chegou a colocar uma fundição de campanas e as fundia com variedade de tons e segundo a escala musical. Sabemos que o mesmo Missioneiro se engenhou para organizar um atelier para a fabricação de espelhos, ademais de uma fábrica de chocolate que inaugurou no povo de São Cosme de que era Cura⁵⁴. (tradução desta autoria).

A amplitude dos seus dons se mostra de grandes dimensões, tanto que suas observações, pela exatidão que possuíam, eram preferidas ante as de Paris, Londres, Petersburgo ou Pequim, ainda que só tenha contado com a ajuda de quadrantes, telescópios e relógios oscilatórios ideados por ele mesmo. Sem dúvida, Suárez mostrava ao mundo um céu desconhecido, colocando assim os sítios da América do Sul nos mapas celestiais.

Neste sentido, teve muitos méritos e, se não bastasse, ganhou o astrônomo elogios de Vargentin e de Celsius, o primeiro do célebre observatório de Upsala e o segundo,

⁵⁴ Sabemos que el P. Buenaventura Suárez llegó a poner una fundición de campanas y las fundía con variedad de tonos y según la escala musical. Sabemos que el mismo Misionero se ingenió para organizar un taller para la fabricación de espejos, además de una fábrica de chocolate que inauguró en el pueblo de San Cosme de que era cura.

iniciador da graduação dos termômetros. Merecimento justo para um indivíduo de extraordinária potencialidade, sem amostra e sem mestres específicos.

Somente o mérito de haver construído seus meios, mesmo que toscos e de precisão limitada, este distinto padre já mereceria o aplauso do porvir. Singularmente grande é importância de Suárez para as ciências, tanto missioneira, como Sul-Americana e isso se pode notar nos testemunhos de seus contemporâneos e nos poucos escritos seus que felizmente ainda chegaram aos dias de hoje, comprovando ser o Padre Suárez um pioneiro das ciências matemáticas.

A carta Ânua de 1750, publicada nos manuscritos da Coleção de Angelis por Jaime Cortesão, informa que foi o Padre Suárez,

[...] de gênio amável, prudência e juízo assentado, habilíssimo para qualquer coisa a que se aplicasse; alcançou sem instrução com somente a sua capacidade, gênio e aplicação muitas matérias matemáticas, incansável nas observações, fez instrumentos matemáticos, lentes de longo alcance, relógios de pêndulo longo imitando os Ingleses, só por tê-los visto e registrado; para suas observações fez órgãos espessos, aperfeiçoou muito a arte de fundir campanas, ensinando aos seus Índios dourar cálices no fogo. Sabia algo de medicina, dirigiu pintores e estatuários somente com aplicação e curiosidade. Traduziu em língua espanhola do Português a apologia em favor do Padre Vieira antes que viesse traduzida e impressa da Espanha. Traduziu do Latim em Espanhol as Vidas de S. Juan Nepomuceno e do venerável Sacerdote Juan Sacander [...]. Traduziu assim mesmo do Português para o Castelhana o livro da Teoria Verdadeira das Marés segundo o sistema do celebre matemático Inglês Isaac Newton, impresso em Londres do Senhor Jacobo de Castro Sarmiento. Imprimiu um Lunário para um Século com o modo para que cada um possa estendê-lo para outro Século⁵⁵ [...]. (CORTESÃO, 1955, p. 258, tradução desta autoria).

Destes escassos elementos que se dispõe sobre a vida, a formação, a atividade e as obras do Padre Boaventura Suárez pode-se ver as múltiplas aplicações de forças e faculdades humanas, as atividades coordenadas, tanto físicas como intelectuais compelidas nos empreendimentos que descrevem a índole deste missioneiro na manutenção e no progresso das instituições reducionais junto aos nativos, fazendo-se assim uma imagem deste personagem.

⁵⁵ [...] de genio amable, prudencia y juicio asentado, habilísimo para cualquier cosa à que se aplicase; alcanzó sin instrucción con sola su capacidad, genio y aplicación muchas materias matemáticas, incansable en las observaciones, hizo instrumentos matemáticos, anteojos de larga vista, relojes de péndulo largo imitando à los Ingleses, solo por haberlos visto e registrado; para sus observaciones hizo órganos espesos perfeccionó mucho el arte de fundir campanas, enseñando à sus Indios dorar cálices en el fuego. Supo algo de medicina, dirigió pintores y estatuarios solo con su aplicación y curiosidad. Tradujo en lengua española del Portugués la apología a favor del P. Vieyra antes que viniese traducida y impresa de España. Tradujo de Latín en Español las Vidas de S. Juan Nepomuceno y del Venerable Sacerdote Juan Sacander [...]. Tradujo así mismo del Portugués en Castellano el Libro de la Teórica Verdadera de las Mareas según el sistema del celebre matemático Ingles Isaac Newton, impresso en Londres del Sr. Jacobo de Castro Sarmiento. Imprimió un Lunario para un Siglo con el modo para que cada uno pueda extenderlo para otro Siglo [...].

Da mesma maneira, dos relatos sobre o cotidiano das reduções, seu labor, suas obras, livros, calendários, tábuas astronômicas, anuários, traduções, enfim, tudo isto ajuda a entender um pouco do ser/saber/fazer/conviver no espaço/tempo daquelas paragens, tanto no traço histórico, como no social e cultural.

O Padre Boaventura Suárez completou seus dias vividos na data que marca 24 de agosto de 1750 na redução de Santa Maria Maior (Argentina), aos 71 anos de idade, com mais de cinco décadas dedicadas à religião, sendo aproximados 49 anos de missionário nas reduções guaraníicas.

3.3.2.1 Suas Obras

A história das ciências não é simplesmente a história dos grandes cientistas. Quando se investiga cuidadosamente a gênese de qualquer revelação, vai se encontrar a preparação do estado por revelações menores e se for aprofundado mais a investigação, se encontram etapas intermediárias e assim sucessivamente. Da mesma maneira acontece com a produção bibliográfica.

Certamente houve uma produção científica significativa que representava os escritos do Padre Suárez que, devido ao tempo e as transformações e circunstâncias pelas quais passou a história, são escassos os escritos que se chega a conhecer. Porém, por serem pouco em número, não são poucos os apregoados de seu trabalho e seu afeto para com as ciências. Dos dados que se apresenta a seguir, a fonte básica foi o seu principal biógrafo, Padre Guillermo Furlong Cardiff, SJ. Pois eis que são:

1- *Lunario de un Siglo que comienza en enero del año de 1740, y acaba en diciembre del año 1841 en que comprenden ciento y un años cumplidos. ...* . Desta edição não se tem nenhuma versão, porém conjectura-se que seja de 1744 publicado na Espanha, Portugal ou Itália, podendo ainda ter tido uma pré-edição impressa em 1740 nas reduções jesuíticas. Este título é parcial e abreviado.

2- *Lunario de un Siglo que comienza en Enero del año de 1740, y acaba en Diciembre del año de 1841. En que se comprehenden ciento y un años cumplidos. Contiene los aspectos principales de Sol, y Luna, esto es las Conjunciones, Oposiciones, y Quartos de la Luna con el Sol, segun sus movimientos verdaderos: y la noticia de los Eclipses de ambos Luminares, que seran visibles por todo el Siglo en estas Misiones de la Compañia de Jesús en la*

Provincia del Paraguay. Regulada, y aligada la hora de los Aspectos, y Eclipses al Meridiano del Pueblo de los esclarecidos Martyres San Cosme, y San Damian, Y estendido su uso a otros Meridianos por medio de la Tabla de las diferencias meridianas, que se pone al principio de el Lunario. Danse al fin de el reglas faciles, para que cualquiera, sin Mathematica, ni Arithmética, pueda formar de estos Lunarios de un siglo los de los años siguientes, desde el de 1842. hasta el de 1903. Por el Padre Buenaventura Suárez, de la Compañia de Jesus. En Lisboa. En la Imprenta de Francisco da Silva. Con todas las licencias necesarias. Año de 1748. (Lunário de um Século que começa em Janeiro do ano de 1740, e acaba em Dezembro do ano de 1841. em que se compreendem cento e um anos cumpridos. Contém os aspectos principais do Sol, e Lua, isto é, as Conjunções, Oposições, e Quartos da Lua com o Sol, segundo seus movimentos verdadeiros: e a notícia dos Eclipses de ambos Luminares, que serão visíveis por todo o Século nestas Missões da Companhia de Jesus na Província do Paraguai. Regulada, e alegada a hora dos Aspectos, e Eclipses ao Meridiano do Povo dos esclarecidos Mártires São Cosme, e São Damião, E estendido seu uso a outros Meridianos por meio da Tábua das diferencias meridianas, que se põe ao principio do Lunário. Dão-se ao fim dele regras fáceis, para que qualquer, sem Matemática, nem Aritmética, possa formar destes Lunários de um século os dos anos seguintes, desde ao de 1842. Até ao de 1903. Pelo Padre Buenaventura Suárez, da Companhia de Jesus. Em Lisboa. Na Imprensa de Francisco da Silva. Com todas as licenças necessárias. (Ano de 1748.). Este exemplar refere-se à segunda edição, editado em Portugal. Seu conteúdo explicita-se já no título. Encontra-se exemplar na Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

3- *Lunario de un Siglo que comenzava en su Original por Enero del año de 1740, y acaba en Diziembre del año de 1841, en que se comprehenden ciento y un años cumplidos. Contiene los aspectos principales de Sol, y Luna, esto es, las Conjunciones, Oposiciones, y Quartos de la Luna con el Sol, segun sus movimientos verdaderos: y la noticia de los Eclipses de ambos Luminares, que serán visibles por todo el Siglo en estas Misiones de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay. Regulada, y aligada la hora de los Aspectos, y Eclipses al Meridiano del Pueblo de los esclarecidos Martyres San Cosme, y San Damian, Y estendido su uso à otros Meridianos por medio de Tabla de las diferencias meridianas, que se pone al principio de el Lunario. Danse al fin de el reglas faciles, para que cualquiera, sin Mathemática, ni Arithmética, pueda formar de estos Lunarios de un siglo los de los años siguientes, desde el de 1842. hasta el de 1903. Por el Padre Buenaventura Suárez, de la Compañia de Jesus. Barcelona: Por Pablo Nadal Impresor.* (Lunário de um Século que

começava em seu Original por Janeiro do ano de 1740, e acaba em Dezembro do ano de 1841. Em que se compreendem cento e um anos cumpridos. Contém os aspectos principais do Sol, e Lua, isto é, as Conjunções, Oposições, e Quartos da Lua com o Sol, segundo seus movimentos verdadeiros: e a notícia dos Eclipses de ambos Luminar, que serão visíveis por todo o Século nestas Missões da Companhia de Jesus na Província do Paraguai. Regulada, e alegada a hora dos Aspectos, e Eclipses ao Meridiano do Povo dos esclarecidos Mártires São Cosme, e São Damião, E estendido seu uso a outros Meridianos por meio da Tábua das diferencias meridianas, que se põe ao principio do Lunário. Dão-se ao fim dele regras fáceis, para que qualquer, sem Matemática, nem Aritmética, possa formar destes Lunários de um século os dos anos seguintes, desde ao de 1842. Até ao de 1903. Pelo Padre Buenaventura Suárez, da Companhia de Jesus. Barcelona: Por Pablo Nadal, Impresor.). Esta edição corresponde à terceira, possuindo uma portada um pouco modificada e que fora editada na Espanha no ano de 1752. É um pouco reduzido em relação aos anteriores, visto que o editor deixou fora o período 1740-1751. Indicativos de exemplar no Colégio Del Salvador de Buenos Aires.

4- *Lunario de un Siglo...* . Desta edição, que seria a quarta, não se tem o título completo, por isso não se sabe se permaneceu o mesmo, sabe-se apenas que é reduzido em relação aos anteriores. Foi editado em Quito, no Equador, entre 1759 e 1762.

5- *Lunario | que principia en Enero de 1855 y acaba en Diciembre de 1903 | y | contiene la noticia de los eclipses de sol y luna visibles en la capital de la | Provincia de Corrientes, según las reglas establecidas por el R. P. Buenaventura Suárez, | estendido su uso a otros meridianos, | arreglado | por Dionisio Arce | Antiguo oficial 1º del Departamento de Policía | Corrientes | Imprenta del Comercio | 1856.* (Lunário que principia em Janeiro de 1855 e acaba em Dezembro de 1903 e contém a noticia dos eclipses de sol e lua visíveis na capital da Província de Corrientes, segundo as regras estabelecidas pelo R. P. Boaventura Suárez, estendido seu uso a outros meridianos, ordenado por Dionísio Arce; Antigo oficial 1º do Departamento de Polícia. Corrientes. Imprensa do Comercio, 1856.). Esta edição é uma derivação do *Lunário* de Suárez, impressa na Argentina, mais precisamente Corrientes, no ano de 1856, já passados 106 anos de sua morte. Encontra-se exemplar na Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

6- *Carta del P. B. Suárez sobre la Epacta, escrita al Rdo. Padre Procurador General. San Ignacio, 29 de marzo de 1730.* (Carta do P. B. Suárez sobre a Epacta, escrita ao Rdo. Padre Procurador Geral. San Ignacio, 29 de março de 1730.). É uma carta resposta ao procurador geral relativa ao número de dias que deve ser adicionado ao ano lunar para fazê-lo igual ao ano solar e correspondente à idade da Lua em 31 de dezembro do ano anterior ao considerado. Encontra-se exemplar na Biblioteca Nacional de Buenos Aires.

7- *Tabla de las horas y minutos en que el sol sale y se pone, para esta ciudad de Santa Fé. Su autor, el P. Buenaventura Suárez, de la Compañía de Jesus, natural de esta ciudad de Santa Fé de la Vera Cruz.* (Tábua das horas e minutos em que o sol sai e se põe, para esta cidade de Santa Fé. Seu autor, o P. Boaventura Suárez, da Companhia de Jesus, natural desta cidade de Santa Fé da Vera Cruz.). É uma tábua com os horários conforme o próprio título traz. Original no Archivo de la Provincia Argentina - Chilena de Buenos Aires.

8- *Tabla perpetua para hallar las horas que un reloj debe señalar el medio día en un cuadrante solar.* (Tábua perpetua para achar as horas que um relógio deve assinalar ao meio dia em um quadrante solar.). Original no Archivo de la Provincia Argentina - Chilena de Buenos Aires.

9- *Carta escrita al P. Félix Villagarcía en junio de 1742.* (Carta escrita ao P. Félix Villagarcía em junho de 1742). Fragmento de carta escrito em Santa Maria Maior contando sobre a peste e as lides que em torno dela se fazem.

10- *La altura de Polo y distancias de las leguas que hay de los 30 pueblos de Misiones de Indios Guaranís en el Uruguay y Paraná, respective unos de otros.* (A altura do pólo e distâncias das léguas que há dos 30 povos de Missões de Índios Guaranis no Uruguai e Paraná, respectivamente uns dos outros.). Este trabalho é uma tábua corográfica dos trinta povos missioneiros, apresentando estas distâncias, as latitudes e longitudes, facilitando assim a localização geográfica destes. Essa tábua foi composta antes de 1719.

11- *Descripción chorographica, delos Treinta Pueblos delas Misiones, que los PP. Jesuitas tienen reducidos en las riberas de los ríos Parana y Uruguay conlas recientes observaciones de Longitud, y Latitud del P. Ventura Suárez años 1746 y 1747.* (Descrição corográfica dos Trinta Povos das Missões, que os Padres Jesuítas têm reduzidos nas margens dos rios Paraná e

Uruguai com as recentes observações de Longitude e Latitude do Padre Ventura Suárez, anos 1746 e 1747.). Este trabalho é um mapa que compreende todo o território das missões desde Nossa Senhora de Fé até Yapeyú, e desde São Ignácio Guazú até Santo Ângelo, possuindo as latitudes e longitude que Suárez determinou tomando por base São Cosme e São Damião e o meridiano da Ilha do Ferro.

12- *Índice alfabético-histórico-médico, de las raíces, árboles y plantas medicinales que se encuentran en estas provincias.* (Índice alfabético-histórico-médico, das raízes, árvores e plantas medicinais que se encontra em estas províncias.). Diz respeito a um suposto tratado feito pelo Padre Suárez respectivamente para matérias ligadas a herbáceas e matérias médicas.

13- *Canónica Institución del P. Domingo Terren para Nuestra Señora de la Encarnación de Itapúa.* Itapúa, 23 de septiembre de 1736. Original no Archivo General de la Nación de Buenos Aires.

14- *Juramento canónico de los PP. Toledo e Iberaquer.* Original no Archivo General de la Nación de Buenos Aires.

15- *Apología a favor del P. Vieyra.* Tradução do Português para o Espanhol da obra deste Padre, missionário no Brasil.

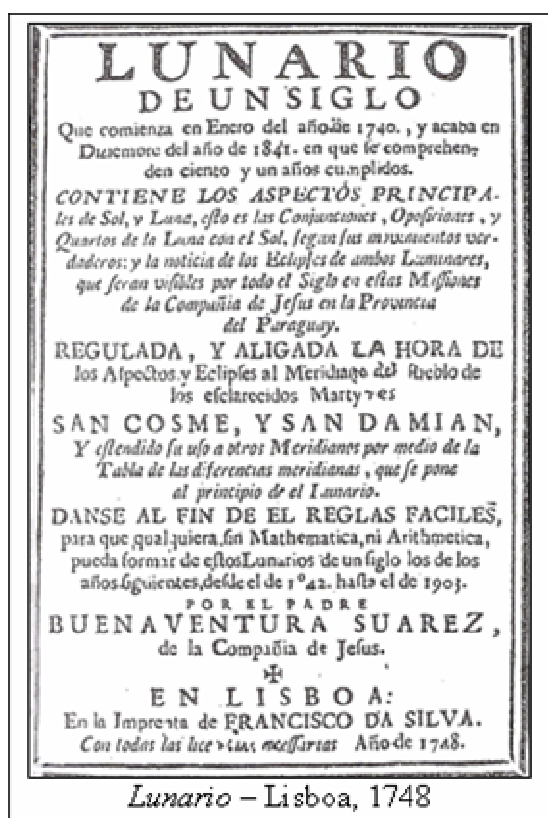
16- *Vida de San Juan Nepomuceno.* Tradução do Latim para o Espanhol.

17- *Vida del Venerable Sacerdote Juan Sacander.* Tradução do Latim para o Espanhol.

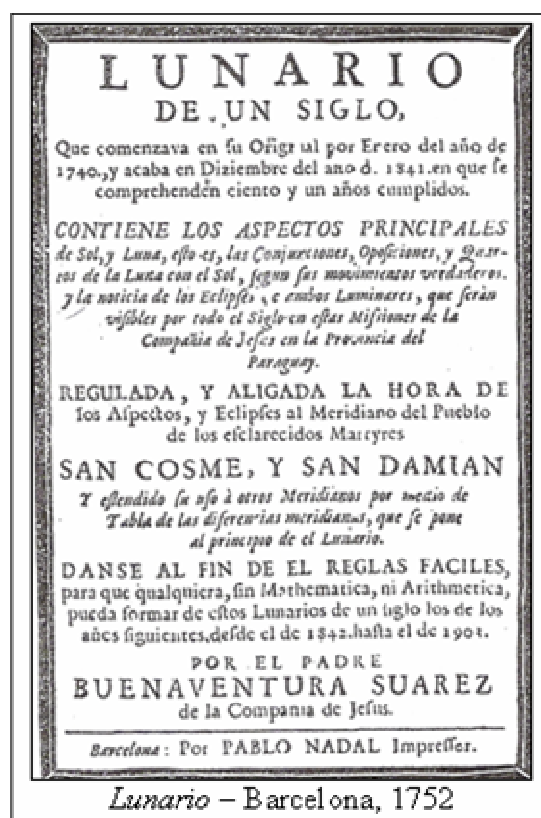
18- *Teoría verdadera de las mareas.* Tradução do Português para o Espanhol, da obra de Jacobo de Castro Sarmiento.

São estes os escritos que as biografias permitiram até agora consignar ao Padre Suárez. Para uma apuração mais detalhada, Furlong Cardiff (1919; 1929; 1945a) traz as indicações. Assim, deste inventário de obras, é admirável que tais feitos tenham sido realizados por um missionário dentre a etnia Guarani, com instrumentos construídos nas reduções, contando apenas com o auxílio dos indígenas.

Durante o longo tempo em que Suárez missionou, teve o ensejo de produzir, cristianizar, fundar, construir. As ruínas ainda subsistem nas pradarias do vale do Paraná e do Uruguai, mostrando onde se desenvolveu uma atividade multímoda, que enche de admiração e assombro a quantos as estudam sem preconceitos sectários, étnicos ou políticos. Por todos os motivos, as suas obras, acima referidas, fazem parte hoje, do patrimônio cultural da região missioneira e do mundo.



Lunario – Lisboa, 1748



Lunario – Barcelona, 1752

Ilustração 14: Páginas de rosto das primeiras edições do *Lunário* do Padre Boaventura Suárez.

110

Lunario

Para el año de 1811. regulado al Meridiano del Pueblo de San Cosme en las Misiones del Paraguay de la Compañia de Jesus.

Notas vulgares.

Septuagésima

10. Febrero.

1. Abril.

2. Mayo.

3. Junio.

13. Junio.

1. Diciembre.

Temporas.

Marzo

Junio

Septiembre

Diciembre

6. 8. 9.

5. 7. 8.

18. 20. 21.

18. 20. 21.

Notas vulgares.

Septuagésima

10. Febrero.

1. Abril.

2. Mayo.

3. Junio.

13. Junio.

1. Diciembre.

Temporas.

Marzo

Junio

Septiembre

Diciembre

6. 8. 9.

5. 7. 8.

18. 20. 21.

18. 20. 21.

Eclipses.

Tres Eclipses serán visibles en estas Misiones. Dos de Luna y uno de Sol. El primero será de Luna à 10. de Marzo por la mañ.

Principio del Eclipse

hor. 1. m. 34.

Medio del Eclipse

hor. 1. m. 51.

Fin del Eclipse

hor. 4. m. 8.

Durará horas 2. min. 34. Se eclipsarán àzia el Norte digitos 2. min. 13. al medio del Eclipse.

El segundo Eclipse será de Sol à 14. de Marzo por la mañana.

Principio del Eclipse

hor. 8. m. 18.

Medio del Eclipse

hor. 9. m. 19.

Fin del Eclipse

hor. 10. m. 24.

Durará hor. 1. min. 6. Los digitos del Sol eclipsados àzia el Sur serán 4. m. 3.

El tercero Eclipse será de Luna à 1. de Septiembre por la tarde. Saldrá la Luna en San Cosme hor. 5. m. 41. de la tarde, y poco despues comenzará el Eclipse.

Principio del Eclipse

hor. 4. m. 53.

Medio del Eclipse

hor. 7. m. 10.

Fin del Eclipse

hor. 8. m. 18.

La duracion del Eclipse será de hor. 2. min. 35.

Los digitos de la Luna eclipsados àzia el Sur al medio del Eclipse serán 7. m. 11. que es poco mas de media Luna.

Lunario – 1752, p. 120

Para el año de 1811.

121

Mes.	Asp.	D. H. M. T.	Mes.	Asp.	D. H. M. T.
Enero.	q. c.	1. 7. 51. t.	Julio.	il.	6. 4. 11. m.
	il.	9. 12. 51. dia.		q. m.	12. 7. 41. t.
	q. m.	17. 5. 17. t.		N.	10. 7. 41. m.
	N.	24. 2. 53. t.		q. c.	28. 11. 33. m.
Febrer.	q. c.	11. 8. 0. m.	Agosto.	il.	4. 11. 52. m.
	il.	8. 8. 11. m.		q. m.	11. 3. 4. t.
	q. m.	16. 8. 3. m.		N.	18. 10. 42. t.
	N.	22. 12. 53. n. f.		q. c.	26. 12. 42. n. f.
Marzo.	q. c.	1. 10. 36. t.	Septiembre.	il.	2. 7. 4. t.
	il.	10. 2. 43. m.		q. m.	9. 1. 23. t.
	q. m.	17. 7. 2. t.		N.	17. 3. 0. t.
	N.	24. 10. 36. m.		q. c.	25. 11. 50. m.
Abril.	q. c.	31. 3. 13. t.	Octubre.	il.	2. 3. 32. m.
	il.	8. 7. 3. t.		q. m.	9. 3. 26. m.
	q. m.	16. 3. 0. m.		N.	17. 7. 58. m.
	N.	23. 8. 13. t.		q. c.	24. 9. 21. t.
Mayo.	q. c.	10. 9. 13. m.	Diciembre.	il.	11. 1. 20. t.
	il.	8. 8. 13. m.		q. m.	7. 9. 28. t.
	q. m.	15. 8. 56. m.		N.	15. 12. 30. n. f.
	N.	22. 6. 41. m.		q. c.	23. 5. 54. m.
Junio.	q. c.	10. 3. 13. m.		il.	10. 1. 18. m.
	il.	6. 7. 21. t.		q. m.	7. 0. 11. t.
	q. m.	13. 2. 3. t.		N.	15. 3. 52. t.
	N.	20. 6. 23. t.		q. c.	22. 2. 11. t.
	q. c.	21. 8. 20. t.		il.	29. 3. 49. t.

Lunario – 1752, p. 121

Ilustração 15: Páginas internas do *Lunário* do Padre Suárez, do ano de 1752.

IV

As Ticas de Matema

*Grinaldas oscilam no alto forro para
compensar a suntuosidade dos sagrados estandartes
desaparecidos, bordados em cores vivíssimas.
Em profusão ostentam florzinhas coloridas
lianas que pelos muros descem.*

(...)

4.1. As Matemáticas nos Trabalhos dos Jesuítas

Todas as ciências estiveram muito presentes nas regiões das missões. As matemáticas ou *ticas* de *matema*, estas se encontravam à vista no dia a dia, no cotidiano, nas lidas e nas vidas das pessoas que viviam nas reduções, tanto que foram anotadas nas obras dos Jesuítas daquele tempo. Estes tratados, que são verdadeiros trabalhos científicos, estão em abundâncias apresentadas por passagens que demonstram os labores, as práticas, os ofícios, as ocupações, enfim, o uso das forças e inteligências, dos caracteres físicos e mentais para a consumação de quaisquer iniciativas. Sabe-se disso graças as traduções e reedições destes originais, os quais trazem transcritos os conteúdos dos seus modelos.

Esse empenho ou exercício para ter como fim uma faina cumprida, um feito acabado ou mesmo as tentativas que não deram os resultados esperados é o que se chama trabalho. O Padre Sepp, por exemplo, tinha como uma incumbência informar a respeito das variações da agulha náutica ao sul da linha do Equador. Ele também estudou as estrelas e percebeu que muitas delas não constavam nas esferas astronômicas européias e, se não bastasse, via brilhar as Plêiades e o Cruzeiro do Sul nos céus missioneiros, refletidas nas águas dos rios e mares, astros sagrados para o povo Guarani, registrando tudo para seus *Reissebeschreibung* e *Continuation*. Eis o que diz o Padre Sepp:

Quero, aqui, relatar o que em Sevilha, faz algum tempo, havia prometido numa carta latina aos reverendíssimos Padres; é a respeito do magneto e da agulha náutica. Queriam eles saber se a agulha magnética, no instante em que o navio passasse o equador, se desviava do seu polar norte, para apontar o outro, o pólo antártico, do qual então se está aproximando. Relato, pois, o que o Padre Antônio Böhm, outros padres e eu observamos minuciosamente: é que a lingüeta da bússola não se desloca ou altera no mínimo que seja. Também aqui no Paraguai ela aponta fiel e exatamente para a Estrela Polar, que não mais tornarei a ver. A diferença está em nós mesmos, que precisamos modificar nosso conceito. (SEPP, 1980, p. 84).

Mais adiante na descrição, afirma que,

[...] estávamos a oito graus do equador, em direção ao círculo do Capricórnio, seguindo em linha reta debaixo do sol, que estava verticalmente no zênite, acima de nossas cabeças. Não fazia a mínima sombra, como pude observar mesmo no meu corpo. Isto já é um fato conhecido dos senhores matemáticos. Só que me parecia digno de reflexão de como é que sentíamos especialmente calor, a pesar de o sol estar diretamente sobre nós, entre o equador e o círculo do Capricórnio tropical. (Ibidem, p. 88).

Todavia, à noite,

[...] Lúçifer¹ acendeu-nos ao lado dos luzeiros celestes já conhecidos alguns bem novos, que vimos fulgir no horizonte bem como no alto. Entre outras estrelas, reconhecemos o Cruzeiro do Sul, o Pavão, a Abelha-Índica (*Apis Indica*), o Camaleão e a *Nubícula*² *Maior e Menor*. O Cruzeiro é a estrela polar antártica, sendo sua constelação bastante parecida com a Ursa-Menor, que não pode ser vista mais no Paraguai, como já referi. Além disso, há aqui ainda uma porção de novas estrelas, cujo nome desconheço, pois não estão consignadas nos globos e são ignoradas dos astrônomos europeus. O mesmo vale quanto aos mapas, sobre os quais não estão registrados rios e localidades, que há na América e no Paraguai. (SEPP, 1980, p. 88).

Do mesmo modo, outro exemplo é o Padre Suárez, que instalou um observatório astronômico em São Cosme, fabricando instrumentos de observação utilizando madeiras locais e cristais de rocha. Produziu relógios de pêndulo, quadrantes astronômicos, telescópios e binóculos, observando depois eclipses do sol e da lua e os quatro satélites de Júpiter, culminado na escrita do seu *Lunário*. Segundo o Padre Suárez:

Não pudera ter feito tais observações por falta de instrumentos (que não se trazem da Europa a estas províncias, por não florescer nelas o estudo das ciências matemáticas) a não ter fabricado por minhas próprias mãos os instrumentos necessários para ditas observações, quais são o relógio de pêndulo com os índices de minutos primeiros e segundos; quadrante astronômico para reduzir, igualar e ajustar o relógio à hora verdadeira do sol, dividido cada grau de minuto em minuto; telescópios, ou binóculos de longo alcance de somente dois vidros convexos, de várias graduações desde oito até vinte e três pés³. Dos menores de 8 e 10 pés usei nas observações dos eclipses do Sol e Lua, e dos maiores de 13, 14, 16, 18, 20, e 23 pés nas imersões dos quatro satélites de Júpiter, que observei por espaço de treze anos no povo de São Cosme, e chegaram a cento e quarenta e sete as mais exatas⁴. (SUÁREZ apud FURLONG CARDIFF, 1929, p. 103, tradução desta autoria).

Estas eram atividades práticas, trabalhos que os padres desenvolviam nas suas reduções e que eram realmente científicos. Por tanto, o que é científico na atividade prática está argüido nas palavras seguintes, em que se concorda:

Para transformar uma erva silvestre em planta cultivada, um animal selvagem em doméstico, para fazer aparecer, num ou noutro, propriedades

¹ Segundo Hoffmann (1971, p. 235), Lúçifer é o planeta Vênus.

² Nubícula quer dizer nebulosa.

³ A unidade de medida pé, ou pé geométrico, equivalia a doze polegadas, cerca de 33 centímetros. Hoje vale 30,48 centímetros no sistema métrico. Além desta unidade de medida, é comum encontrar unidades como légua, milha, braça, onça, libra, arroba, vara, tacho, almude, principalmente nos escritos do Padre Sepp.

⁴ No pudiera haber hecho tales observaciones por falta de instrumentos (que no se traen de Europa a estas provincias por no florecer en ellas el estudio de las ciencias matemáticas) a no haber fabricado por mis manos los instrumentos necesarios para dichas observaciones, cuales son reloj de péndula con los índices de minutos primeros y segundos; cuadrante astronómico para reducir, igualar y ajustar el reloj a la hora verdadera del Sol, dividido cada grado de minuto en minuto; telescopios, o anteojos de larga vista de solos dos vidrios convexos, de varias graduaciones desde ocho hasta veintitrés pies. De los menores de 8, y 10 pies usé en las observaciones de los eclipses de Sol y Luna, y de los mayores de 13, 14, 16, 18, 20, y 23 pies en las inmersiones de los cuatro satélites de Júpiter, que observé por espacio de trece años en el pueblo de San Cosme, y llegaron a ciento y cuarenta y siete las más exactas.

alimentícias ou tecnológicas que, na origem, estavam completamente ausentes, ou mal podiam ser suspeitadas; para fazer uma argila instável, pronta a esboroar-se, a pulverizar-se ou rachar-se, uma louça sólida e estanque (mas somente com a condição de haver determinado, entre uma multidão de matérias orgânicas e inorgânicas, a mais própria para servir de detergente, assim como o combustível conveniente, a temperatura e o tempo de cozimento, o grau de oxidação eficaz); para elaborar as técnicas, muitas vezes longas e complexas, que permitissem cultivar sem terra, ou então sem água, transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos, ou então, ainda, utilizar essa toxidade para a caça, a guerra, o ritual, foi preciso, não duvidamos, uma atitude de espírito verdadeiramente científica, uma curiosidade assídua e sempre desperta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, porque uma pequena fração apenas das observações e das experiências (às quais é preciso supor que tenham sido inspiradas, então, e sobretudo, pelo gosto de saber) poderiam dar resultados práticos e imediatamente utilizáveis. Ainda deixamos de lado a metalurgia do bronze e do ferro, a dos metais preciosos, e, mesmo, o simples trabalho do cobre nativo, por martelagem, que procedeu a metalurgia de alguns milhares de anos, e que já exigem todos, uma competência técnica muito avançada. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 35)

Assim, se pode a partir deste momento identificar, definir e descrever tranquilamente que tipos de trabalhos científicos eram realizados pelos Jesuítas nos Sete Povos das Missões durante os séculos XVII e XVIII, haja vista que a humanidade das ciências se revela de maneira unicamente humilde, considerando os seus instrumentos. Estes ilustram, por sua vez, que as matemáticas não são criadas exclusivamente por mentes brilhantes, sendo que uma medida é gerada por mãos hábeis. Mais exatamente, parte dos pensamentos científicos é inspirada pelos aspectos técnicos e manuais nos trabalhos que os seres humanos desenvolvem.

Pôde-se ver, entretanto, que não houve atividade científica que não tivesse obtido desenvolvimento nas missões dos padres Jesuítas. Destarte, não se faz necessário redigir todas as artes, ofícios, indústrias ou serviços de estâncias e labores citadinos desenvolvidas nas reduções, pois isso já foi adiantado em páginas anteriores. Talvez nem todas as atividades tenham sido contempladas nesta escrita, importa, porém, que se faça idéia de sua existência.

Pela amplitude das seguintes palavras, mostra-se que tipos de trabalhos os missioneiros obravam, pela própria fala do Padre Sepp:

[...] é obrigação do missioneiro administrar não somente o espiritual, como também o temporal, a economia da redução inteira; tem que ser, segundo o exemplo de São Paulo, tudo para todos: cozinheiro, comprador, despenseiro, médico, enfermeiro, arquiteto, horticultor, tecelão, ferreiro, pintor, moleiro, padeiro, organista, marceneiro, oleiro, carpinteiro; em uma palavra: mestre em todas as artes e ofícios que são necessários em uma cidade, distrito,

comunidade ou família⁵. (SEPP apud FURLONG CARDIFF, 1962a, p. 29, tradução desta autoria).

Em outro momento, transposto o ensinamento Paulino do plano religioso para o plano terreno, reafirma estes dizeres e complementa que,

[...] o Padre precisa ser tudo a todos! Precisa ser: cozinheiro, despenseiro, comprador e gastador, enfermeiro, médico, arquiteto, jardineiro, tecelão, ferreiro, pintor, moleiro, pedreiro, escrivão, carpinteiro, louceiro, oleiro e tudo quanto pode haver ainda de função numa república bem organizada, numa comunidade, cidade ou num *Collegium Societatis*, ou num convento da Santa Ordem. Agora, porém, alguém logo me lançará ao rosto: isto é impossível, para tanta coisa um Padre não basta! Perdoe-me: Ao braço divino é possível operar muito mais ainda pelo braço humano! (SEPP, 1980, p. 125).

É possível notar aqui que tipos de tarefas desempenhavam os Jesuítas, tanto que estas eram algumas dentre as várias deles. No entanto, os padres sempre eram ajudados pelos seus neófitos, cuja presteza e dedicação eram incomuns. Aos indígenas todas as práticas eram ensinadas, e quem serviu de professor, segundo os padres, foram os próprios sacerdotes.

Assim,

quem ensinou a esses pobres índios abandonados a doutrina cristã, quem os ensinou a rezar o santo Padre-Nosso, a cozer pão, a fazer roupas, a cozinhar, pintar, fundir sinos, tocar órgão e harpa, corneta, charamela e trombeta, quem os ensinou a fazer verdadeiros relógios, que não só dão as horas inteiras, mas até os quartos de hora, quem lhes ensinou tudo isto, também os instruiu na música e nos ofícios: Foram os primeiros Padres Missionários. (Ibidem, p. 135).

Da mesma forma e em seu tempo, “foi o Pe. Antônio que, com o auxílio da graça de Deus, ensinou tudo aos seus indígenas, e lhes há de fazer aprender muito mais ainda, se o misericordioso Deus lhe conceder vida” (Ibidem, p. 245). Por suposto então, quem ensina algo, certamente deve sabê-lo fazer, esse era o núcleo que os padres implantaram nas missões. Tais eram os mestres, tal era o ensino. Ensinava-se o quanto se pode aprender, como que fosse o Guarani uma tábula rasa que nada continha, estando à espera de ser preenchida.

⁵ [...] es obligación del misionero el administrar no sólo lo espiritual, sino también lo temporal, la economía de la reducción entera; tiene que ser, según el ejemplo de San Pablo, todo para todos: cocinero, comprador, despensero, médico, enfermero, arquitecto, hortelano, tejedor, herrero, pintor, molinero, panadero, organista, ebanista, alfarero, carpintero; en una palabra: maestro en todas las artes y oficios que son necesarios en una ciudad, distrito, comunidad o familia.

Daí, tanto o apostolado quanto a vida em comunidade tem a necessidade imprescindível do mútuo auxílio, da cooperação, do respeito, da solidariedade, do apoio e participação entre os seus membros, tanto do corpo humano quanto, e analogamente, dos membros da corporação social, com a finalidade de alcançar um fim útil comum. Por isso, a mais elementar atitude de ser, saber, fazer e de conviver dentro da comunidade reducional, faz com que as matemáticas se mostrem em todas as atividades humanas.

Essa produção científica aparece em todos os eventos e tem pela Etnomatemática o seu exame, visto que esse programa de pesquisa busca o conhecimento humano em todas as suas dimensões, sejam elas individuais, sociais, culturais, terrenas ou cósmicas para explicar a realidade. Assim, as *ticas* de *matema* dependem exclusivamente do contexto sócio-cultural-natural-histórico, impetrando uma postura transcultural e transdisciplinar para a sua análise.

Olhando por esse prisma, é possível saber como as matemáticas aparecem nos trabalhos dos Jesuítas, mesmo que estes não as identificassem como tais. Baseando-se em leitura de narrativas, ainda que por vezes nestas tenham sido ignoradas as existências de conhecimentos matemáticos, elas ganham agora espaço na História da Matemática pela Etnomatemática.

4.2. Como estas Matemáticas se articulam nestes Trabalhos

Em todas as culturas e em todos os tempos o conhecimento está subordinado a um contexto e é gerado pela ação/reação frente a situações singulares. A sua aquisição/produção é própria de cada ser dentro de uma totalidade. Os saberes e fazeres adquiridos/produzidos permitem ao ser sobreviver e transcender, fazendo uso de maneiras, de modos, de artes e de técnicas, de estilos de conhecer, entender e explicar, de lidar e coexistir com a realidade, tornando-o apto a conviver no seu meio.

Da mesma forma, em todas as culturas há conhecimentos e destes é possível pinçar as mais diversas manifestações que identifiquem um conhecer matemático, disperso nos modos e processos de organizar, classificar, contar, medir, inferir, construir, relacionar, manejar, refletir, etc., por vezes distribuídos nas mais diferentes formas ou áreas, tais como artes, ciências ou religião. Essas matemáticas aparecem nas mais diversas ocupações e/ou espaços de atuação do homem.

Assim, sobre as várias tarefas desenvolvidas nas reduções jesuíticas, é sabido pelas páginas acima, quais eram. Pois doravante, faz-se emergir as matemáticas destas,

explicitando como elas se articulam nestes trabalhos. Contudo, serão apresentados alguns exemplos, dos quais se poderá, a posteriori, inferir num sentido de generalizar conclusões acerca das práticas, artes e/ou técnicas – *ticas* – utilizadas para agir/reagir dentro do contexto – *matema* – pelos Jesuítas missioneiros– *etno* – em questão.

Sendo desse jeito, é volvido um olhar sobre a sina científica Jesuíta nas reduções Guarani, pois de fato a tiveram e, nota-se em agradáveis surpresas, que estes religiosos polidos, ilustres e eruditos, abraçados com as ciências matemáticas, fizeram que sua erudição não fosse estéril. Quem o pode dizer senão uma historiografia holística, que aspira ao recobrimento da presença de idéias matemáticas nas atividades humanas.

O Padre Sepp, que foi fundador e administrador nas reduções, deixou um relatório assaz minucioso, o qual proporciona um juízo de como os missionários procediam nas missões. Deve inicialmente pensar-se que para realizar obras de fundação de um sítio nesta época, deviam os padres pôr-se a encontrar um local ideal, elevado e sem umidade; estar despojado na parte sul para dar acesso ao vento fresco; que possuísse campos para a agricultura; fontes e rios para banhar, beber e lavar; pedras aptas para as construções; madeiras necessárias às edificações e para lenha; terras especiais para fabricar as telhas e tijolos, deviam formar os fornos para cosê-las; depois pensar nos ornatos, imagens, etc., nunca esquecendo dos trabalhos apostólicos, que era o objetivo primeiro.

Como missionário de São João Batista, principalmente, Antônio Sepp se mostrou polimorfo em seus talentos, não havendo batente em que não obrasse. “Aplicamos agora – dizia ele – a mão e a caneta à construção do templo: a mão para guindar os pesos enormes das árvores, a caneta para descrever seu comprimento e largura”. (SEPP, 1980, p. 223).

Um dos propulsores da prosperidade espiritual e temporal, econômica e política, industrial e agrária, artística e religiosa, foi sem dúvida o Padre Sepp. A menção seguinte remete à percepção do caráter de construtor que ele tinha. Eis que,

empreendida obra de tanta monta como era fundar a nova colônia, o meu primeiro trabalho foi fugir de uma estupidez que facilmente sói cometer-se na construção demasiadamente apressada de vilas e cidades. Para que as construções não se fizessem espalhadas aqui e ali, sem ordem e em conflito com as regras da arte arquitetônica, e se correspondessem bem dispostas, em longa série, dividi a planície ou área da futura aldeia em duas partes iguais, de modo que uma ala, ou parte da aldeia, contasse de largura tantos pés geométricos quanto a outra. [...] ⁶. Nesta icnografia da minha aldeia, além de outros inconvenientes, deviam evitar-se do mesmo modo os becos e congestionamentos, bem como os ângulos desnecessários de casas, os lugares escusos, que não somente afeiam sobremaneira qualquer cidade, tornando-a embaraçosa, mas também a expõe ao perigo de ser destruída por fatais

⁶ Neste meio aparece a descrição da distribuição dos prédios, como foi descrito no capítulo 3 desta dissertação.

incêndios. (SEPP, 1980, p. 220-221).

Soube também dividir os campos, as funções de trabalho e os cargos aos seus neófitos. Ele entendia a importância da participação e da distribuição dos encargos para o bom funcionamento da missão, pois qualquer peça mal ajustada poderia causar uma falha no sistema todo. Destaca-se o seu tino organizador.

O padre Antônio foi o arquiteto do templo, descrevendo-o, sobretudo o seu interior com uma riqueza de detalhes que encanta. O tabernáculo, a capela, o púlpito, os santos, o candelabro, o altar, as cores, sem falar do relógio com os doze apóstolos que marchavam na fachada para ninguém perder a hora, obra sua também.

A propósito da planta do novo povoado e de sua igreja, Sepp afirma:

Não aprendi, por certo, com nenhum arquiteto como tem que ser traçado um povoado. Porém tenho viajado por tantos países e províncias que me dei conta de como muitas aldeias, cidades e vilas européias foram construídas quase sem ordem por seus fundadores [...]. Vou relatar, todavia uns detalhes sobre a construção da igreja que recebeu o nome de São João Batista. O primeiro que fiz foi enterrar as grandes colunas na terra a uma profundidade de oito pés, para que se pudesse elevar-se com maior firmeza a uma altura de 50 pés. Desde o altar maior até o portal da igreja coloquei um total de vinte e quatro colunas, distribuídas em duas filas; cada coluna dista 20 pés da mais próxima. A igreja se compõe, assim, de três naves: uma nave principal de 24 pés de largura e duas naves laterais, cada uma de 20 pés de largura. A distância entre o coro e o portal ou átrio é de duzentos pés, o que não é demasiado para uma população tão numerosa. Construí cinco portas, duas laterais e três de frente, como entrada principal. Esta última era de 20 pés de altura e de 12 de largura, muito grande e majestosa, assim que a igreja estava bem iluminada e tinha suficiente luz de dia; de parecido tamanho eram as portas laterais, de modo que a gente podia passar sem que houvesse aglomerações⁷. (SEPP, 1973, p. 223-226, tradução desta autoria).

As colunas eram de cedros enormes, enterrados com partes de suas raízes. Fixava-se o telhado e erguiam-se as paredes de pedras. Todas as tarefas monótonas ou pesadas se acompanhavam nos povos dirigidos pelo Padre Antônio por uma música funcional, segundo o gosto dos indígenas. Os músicos dessa forma velavam pelo bom humor dos operários e a

⁷ No aprendí, por cierto, con ningún arquitecto cómo hay que trazar un pueblo. Pero he viajado por tantos países y provincias que me di cuenta de cómo muchas aldeas, ciudades y villas europeas han sido construidas casi sin orden por sus fundadores [...]. Voy a relatar todavía unos detalles sobre la construcción de la iglesia que recibió el nombre de San Juan Bautista. O primero que hice fue hundir las grandes columnas en la tierra a una profundidad de ocho pies, para que pudieran elevarse con mayor firmeza a una altura de 50 pies. Desde el altar mayor hasta el portal de la iglesia coloqué un total de veinticuatro columnas, distribuidas en dos filas; cada columna dista de la próxima 20 pies. La iglesia se compone, así, de tres naves: una nave principal de 24 pies de ancho y dos naves laterales, cada una de 20 pies de ancho. La distancia entre el coro y el portal o atrio es de doscientos pies, lo que no es demasiado para una población tan numerosa. Construí cinco puertas, dos laterales y tres de frente, como entrada principal. Esta última era de 20 pies de alto y de 12 pies de ancho, muy grande y majestosa, así que la iglesia estaba bien iluminada y tenía suficiente luz de día; de parecido tamaño eran las puertas laterales, de modo que la gente podía pasar sin que hubiera aglomeraciones.

alegria ecoava aos sons dos diversos instrumentos.

Isso lembra também que Sepp construiu todas as classes de instrumentos musicais, dentre eles um órgão com pedal. Esse teria algo de especial, pois na falta de estanho para fazer os tubos maiores, Sepp se utilizou de cedro, bem talhado e polido, madeira que antes era muda, assumia agora um lugar no aparelho, produzindo sons nunca antes ouvidos no Paraguai. Inferência bem sucedida a de Sepp.

Dessas investidas é que surge uma das mais importantes descobertas para a vida nas reduções, principalmente em São João Batista, pois construir casas e povoações sem ferramentas de ferro e aço é coisa difícil senão impossível, porém era esta a condição dos remigrantes miguelinos. Nesta instância então, parece que a Divina Providência presenteou esse povo com a descoberta do Padre Sepp, o qual encontrou tais minérios em uma pedra que o povo Guarani chamava de *Itacuru* (também conhecida como pedra-cupim, pois é porosa e se assemelha a um cupinzeiro, formigueiro desse inseto), a qual era e ainda é encontrada a vontade naquelas paragens.

Por esse descobrimento,

quem o ouve, regozije-se comigo como se eu tivesse escavado um tesouro no meu campo: foi encontrado ferro e aço. O divino Mineiro não os tirou das entranhas da terra, mas quis pô-los a descoberto numa pedras, que aqui existem a granel. Para mim e meus índios, este tesouro é, mais precioso que toda pedra preciosa. (SEPP, 1980, p. 225).



Ilustração 16: Monumento em homenagem à siderurgia do Padre Antônio Sepp em São João Batista/RS.

Daí, o Padre Sepp funde estes minérios para a sua redução e para as demais, descrevendo como o fazia:

O modo de os purificar é o seguinte. Levanta-se um forno de tijolo cru, numa altura de cerca de dez pés e numa largura de seis pés. Deixa-se no meio um suspiro ou chaminé de um pé quadrado, por onde o fogo possa respirar. Por esta chaminé deitam-se seis porções de carvão e uma de pedra britada. A pedra deve queimar antes para se desfazerem os espessos vapores de terra, de que está umedecida. Logo que se acender o forno, cumpre atizar o fogo com ventilação forte e regular; assim aos poucos, pela arte espagírica, os minérios se vão separando, e o ferro desce para a parte inferior; as

escórias ou fezes saem pelo buraco para isto aberto e se segregam. Enfim, quando em vinte quatro horas contínuas a massa de ferro mais ou menos se fundiu, abre-se o forno e por um orifício tira-se o embrião incandescente. É malhado então a fortes marteladas, recebendo a forma de enxadão, foice, cunha, machado ou lâmina, como se quisesse. Este mesmo ferro se endurece em aço conforme a diversidade de têmpera ou temperatura, que se lhe dá pela infusão de água, quando incandescente. O aço resultante é melhor que o de Milão; a qualquer golpe de ferro ou pedra levanta uma poderosa chama. A dificuldade está principalmente em que se deve empregar não qualquer carvão, mas o que resulta da cremação lenta e subterrânea de uma madeira duríssima. A experiência me fez carvoeiro e ferreiro, já que é necessário fazer-se de tudo para todos o missionário apostólico. (SEPP, 1980, p. 227).

Pela descrição do forno e dos métodos utilizados, tem-se um relato completo de como surgiu a fundição desses metais no sul do Brasil, de veras dentro duma redução Guarani. De importância elevada é o fato de o Padre Sepp nesse tempo ter fabricado ferro e aço, com base no processo acima, tê-los distinguido, muito antes da difusão desse artifício pelo mundo. O gênio prático do reverendo revela os modos concretos da descoberta desses metais, dos quais lhe cala o nome de descobridor, ao menos nos lindes missioneiros.

Entende-se que o mérito de Sepp consiste no descobrimento de minério de ferro na pedra *Itacuru* e não na invenção do procedimento de afinar o mineral⁸. Porém, a sua capacidade de classificar e distinguir manifesta a estreita relação que esse clérigo havia de ter para com as ciências.

Para a fabricação do primeiro metal fundido na história,

procurou-se saber o que se passaria se um minério de cobre fosse acidentalmente misturado a uma lareira: experiências múltiplas e variadas estabeleceram que nada se passaria. O procedimento mais simples, pelo qual se teria conseguido obter metal fundido, consiste em esquentar intensamente a malaquita finamente pulverizada numa taça de argila coberta por um vaso virado. Este único resultado já faz prisioneiro o acaso, no recinto do forno de um oleiro especializado em louça vidrada. (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 34).



Ilustração 17: Sino de igreja fundido nas reduções missioneiras. Museu de São Miguel das Missões/RS.

⁸ Ver OSANN (1926).

Seu senso prático e multiplicatório nas iniciativas mostram um homem, que além de estar voltado para o sobrenatural, ser artista, literato e poeta, sublinhava facetas junto aos trabalhos que exigiam sujar os dedos e as mãos. Mas isso era quase que geral, tanto que Sepp refere-se a outros missionários quando da chegada a Buenos Aires, dizendo que lá “[...] os Padres encontraram uma maneira de queimar cal. Já faz cinco anos que queimam tijolos e telhas. Pretendem construir nova igreja [...]. Os arquitetos são jesuítas e os operários índios”. (SEPP, 1980, p. 103). Na sua aldeia não seria diferente, pois, “aqui, já fiz mais de dez mil telhas, com as quais vamos aos poucos cobrindo as choupanas dos nossos pobres indígenas”. (Ibidem, p. 144).

As artes e as técnicas no trato com os labores estão sempre em voga, como na descrição que o Padre Sepp fornece sobre como fez para coser telhas e tijolos:

Para o cozimento dos tijolos e telhas fez-se mister abrir enormes covas, nas quais construí três fornos com capacidade de cerca de quatro mil telhas cada um. E, como disse, construí-os em número de três, para que, enquanto se enchesse em telhas não cozidas um forno, no outro já houvesse fogo e no terceiro se pudessem retirar as prontas. Deste modo não se interrompia o fabrico de telhas. (Ibidem, p. 239).

Em seguida, Sepp adianta como as moldava:

Assento sobre uma prancha quatro tabuinhas, colocadas horizontalmente em forma de telha. Em seguida os oleiros, que possuo em número de 60, enchem-nas de barro que, anteriormente, fora bem sovado pelos touros, alisam bem todos os cantos, socam, passam da prancha para uma cunha de madeira e, tirando devagarinho a cunha, depositam só a telha no chão. Ao contacto com o ar ela secará aos poucos na sombra. Se o vento sopra demasiado quente, a telha racha e se inutiliza. Sendo pelo contrário frio demais, engelha, tornando-se igualmente imprestável. Se, por fim, seca ligeiro demais, facilmente quebra. Por isto é de mister grande prudência e indústria. Mas deixo isto à discussão dos oleiros europeus. Não só devia fazer telhas, mas também tijoletas para cobrir o pavimento. Consegui-as com tanta facilidade que não me lembro de tê-las visto melhores na Europa. São hexagonais, mas bem variegadas. Destarte, o pavimento antes parece juncado de frutas e de flores verdadeiras do outono, que coberto com pedaços de gleba informe. (SEPP, 1980, p. 239).

E para as telhas não quebrarem no forno e resultarem mais fortes, o barro precisava ser bem amassado. Pois, “para que o barro seja bem amassado como pão, devem entrar no barral, pelo menos durante três dias seguidos, pela manhã e à tarde, as vacas e os touros do *jucapy*, ou seja, os bois mansos”. (SEPP, 1982, p. 44). Para queimar as telhas, basta que, “antes de carregar os fornos, estes devem estar bem secos: três dias e três noites se hão de fumigar e *motimbo*, pondo-lhes antes um fogo lento, depois com acendalha se lhes põe fogo e por último com lenha se acabam de queimar”. (SEPP, 1982, p. 50).

Ao primeiro golpe de vista, mesmo que sumariamente, sobre os escritos do Padre

Sepp é possível reconstituir a vida nas reduções. A saber, seus métodos de trabalho desvendam muitos segredos profissionais, informando sobre a labuta diária dos Jesuítas, no afã de incorporar a vida cristã à vida civil, econômica e política dentre o povo Guarani.

Neste sentido, uma relíquia setecentista é o manuscrito deixado pelo ancião tirolês aos padres mais jovens, para que estes soubessem como proceder nas reduções missionárias. Estas instruções perfazem advertências sobre o governo temporal, suas fabricas, sementeiras, estâncias e outras fainas a fim de que os trabalhos que se fosse praticar ou mandar completar redundassem profícuos.

Neste códice de 1732, Sepp se refere as construções e madeiramentos, telhas e telhados, chácaras (em especial de erva-mate, tabaco, algodão e parreirais) e sementeiras (principalmente de milho, feijão, melancia, melões), estâncias (de bovinos, eqüinos, muares, ovinos, etc.), sobre tecer, fiar e fazer um bom pão em tempos de frio, dentre outros.

Especialmente importante foi o método que Sepp se utilizou para aumentar os ervais da região onde obrava. Menciona que,

as plantas que devem ser transplantadas, um ano antes de alporcar e cobrir com terra, se torcem – *oipoca* –, assim como os sarmentos da uva, do contrário não deitam raízes. Dois meses antes de transplantá-las, cortam-se da madre ou tronco da árvore e se cobrem outra vez com terra, depois de uma chuva. Sempre se transplantam depois de haver chovido, em junho, julho, agosto. (SEPP, 1982, p. 46).

As observações da natureza, tendo em vista sobre tudo, os fenômenos particulares do Paraguai em sua realidade astronômica, meteorológica, sazonal, geográfica, botânica e zoológica, foram a dedicação de muitos Jesuítas das reduções. Aparte da curiosidade que podia despertar a singularidade de espécies e variedades diferentes, servia este estudo e conhecimento para sua aplicação prática às necessidades da vida cotidiana nas mesmas reduções. Tanto a agricultura como a arquitetura, por exemplo, se beneficiavam diretamente das experiências recolhidas e de suas sistematizações.

Sem embargo, outros dados que podem ser encontrados estão nos escritos do Padre Boaventura Suárez. Pela sua objetividade e sabedoria nas ciências, expressa em seu Lunário que o fez, além de outros, também pensando na agricultura e medicina, e que,

depois de haver comunicado aos curiosos os lunários anuais por um espaço de trinta e três anos, determinei dar a luz este Lunário continuado por um espaço de um século, guardando o mesmo método, e forma que nos passados: calculando todos os movimentos das conjunções, oposições, e quartos de lua com o sol, e as anomalias de astros luminosos, com cujas igualações se reduziram os aspectos meios aos verdadeiros, e aparentes, que

são os que se contém neste Lunário⁹ [...]. (SUÁREZ apud FURLONG CARDIFF, 1929, p. 123, tradução desta autoria).

Obras desta natureza abundavam na Europa, contudo eram em geral escassas de dados científicos e úteis para um curto período de tempo. O Padre Suárez compôs o seu para utilidade dos sul-americanos primordialmente, porém o destinou também aos europeus e a quem fosse fazer uso dele. Disto, depois de consignar a longitude do meridiano de São Cosme, desde a ilha do Ferro nas Canárias, afirma:

Compus a Tábua seguinte das diferenças meridianas entre São Cosme, e vários lugares orientais, e ocidentais a São Cosme; para que acrescida a diferença de tempo, ou tirada a hora de São Cosme, se saiba naquele lugar a hora de cada aspecto, e de cada eclipse de lua, e pode ser universal o uso deste Lunário em outro lugar qualquer com a mesma pontualidade que em São Cosme¹⁰. (SUÁREZ apud FURLONG CARDIFF, 1929, p. 124, tradução desta autoria).

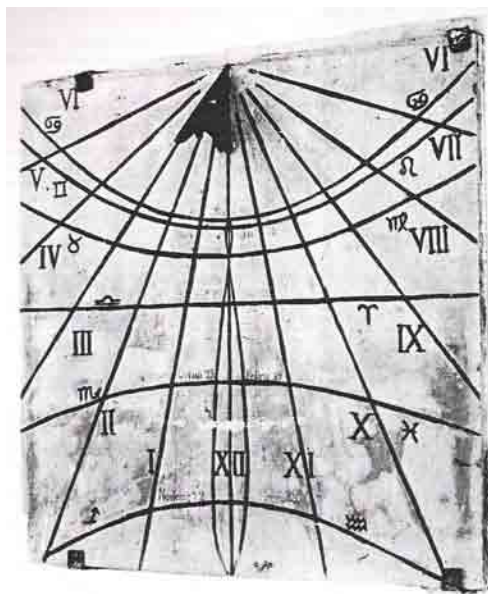


Ilustração 18: Relógio de Sol em mármore branco do Colégio Jesuítico de Santa Fé/Argentina.

Não desagradaria se o Padre Suárez tivesse feito tais observações por mais de trinta anos se ele mesmo não tivesse construído seus aparatos,

peças com madeiras, rochas e outros materiais no lugar daqueles que requereriam vidro, bronze ou platina para receber as delicadas graduações com que se medem as distâncias entre os astros e se apontam seus movimentos. Telescópios, pêndulos e quadrantes, todos julgados pelo valor de um saber/fazer científico. Ele predicou o número áureo¹¹ anual, a epacta¹², a

⁹ Después de haber comunicado a los curiosos los lunarios anuales por espacio de treinta y tres años, determiné dar a luz este Lunario continuado por espacio de un siglo, guardando el mismo método, y forma que en los pasados: calculando todos los movimientos de las conjunciones, oposiciones, y cuartos de la Luna con el Sol, y las anomalías de entrambos luminare, con cuyas igualaciones se redujeron los aspectos medios a los verdaderos, y aparentes, que son los que se contienen en este Lunario [...].

¹⁰ Compuse la Tabla siguiente de las diferencias meridianas entre San Cosme, y varios lugares orientales, y occidentales a San Cosme; para que añadida la diferencia de tiempo, o quitada de la hora de San Cosme, se sepa en aquel lugar la hora de cada aspecto, y de cada eclipse de Luna, y pueda ser universal el uso de este Lunario en otro cualquier lugar con la misma puntualidad que en San Cosme.

¹¹ Número de ordem que um dado ano ocupa no ciclo lunar. Para calculá-lo, soma-se 1 ao ano em apreço e divide-se o resultado por 19, sendo o resto da divisão o número áureo desse ano.

¹² Número de dias que deve ser adicionado ao ano lunar para fazê-lo igual ao ano solar, e correspondente à idade da Lua em 31 de dezembro do ano anterior ao considerado. O cálculo de seu valor é feito para um dado ano subtraindo-se 1 ao número áureo, multiplicando-se a diferença por 11 e dividindo-se o resultado por 30; o resto da divisão é a epacta do ano em apreço.

letra dominical¹³, tēmporas¹⁴, os eclipses de lua e de sol e as fases lunares por um período de 1740 a 1841, estendidos até 1903. Infelizmente não se sabe como isso foi feito. Infere-se, todavia que fora um trabalho de muita paciência e prolixidade, fazendo uso de tabelas, métodos gráficos ou geométricos conhecidos na época, sempre supondo que o autor possuía vastos conhecimentos astronômicos.

Dessas observações também compôs o Padre Suárez uma Tábua com as longitudes e latitudes dos Trinta Povos das Missões. Estes dados tinham particular importância nestas províncias, já que os missionários que não tivessem conhecimento desses dados matemáticos estariam facilmente em perigo de perder-se nestas regiões desconhecidas e inmensuráveis. Ademais, foi o início de uma produção cartográfica e geográfica para estes confins, parte hoje brasileiro.

Nestas localidades, Suárez talvez não tenha sido o precursor, porém foi um difusor das artes e técnicas da prognose. Chamam a atenção os conhecimentos de astronomia, raros e profundos, que este clérigo possuía, sendo que as teorias dos eclipses solares e lunares para época deveriam ser extremamente complexas e difíceis de serem levadas a cabo.

Boaventura Suárez adquiriu por si mesmo nos claustros de Córdoba e nos bosques silenciosos do Paraguai, conhecimentos profundos das ciências matemáticas aplicadas a astronomia, deixando provas de sua capacidade nos gnômons solares com que decorou os pátios do colégio onde passou¹⁵[...]. (GUTIÉRREZ apud FURLONG CARDIFF, 1945a, p. 61, tradução desta autoria).

As observações de Suárez entre 1706 e 1739 agregam preço a sua escassez e a particularidade dos sítios onde as fez e em quais não houve outros aparatos além dos confeccionados por ele com seus talentos próprios, sem moldes ou amostras. As habilidades, artes e técnicas rememoram um ato reacional frente às matemáticas e ciências subjacentes, em especial através da exigência de melhores instrumentos e tábuas, pois até a Igreja teria forte interesse nas descobertas astronômicas para dispor de forma precisa as datas de seus calendários.

Os escritores que tiveram contato com a obra de Suárez afirmam que este prodigioso sacerdote faz saber importantes detalhes de suas atividades, bem como da orientação do seu Lunário tanto ao leigo quanto ao especialista. Tudo ele esclarece, desde a

¹³ Uma das sete primeiras letras do alfabeto romano, a qual, posta em correspondência ordenada com um dos sete primeiros dias de um ano, corresponde ao primeiro domingo desse ano.

¹⁴ Dias de preces especiais e jejuns, numa semana de cada estação do ano, segundo o rito católico.

¹⁵ Buenaventura Suárez adquirió por sí mismo en los claustros de Córdoba y en los bosques silenciosos del Paraguay, conocimientos profundos de las ciencias matemáticas aplicadas a la astronomía, dejando pruebas prácticas de su capacidad en los gnómones solares con que decoró los patios del colegio en donde pasó [...].

elaboração dos instrumentos até os métodos de observação das efemérides e dos métodos de continuação do Lunário, dando exemplos e regras.

Grande glória americana é Suárez [...], missioneiro incansável e zeloso em nossas selvas missioneiras e foram produtos locais os que utilizou para a construção daquele primitivo observatório de onde examinava os passos dos astros e os enigmas do céu, sem mais testemunhas que os intrigados índios que lhe haviam auxiliado na confecção e colocação de seus engenhosos instrumentos¹⁶. (FURLONG CARDIFF, 1929, p. 80, tradução desta autoria).

Como visto, o cotidiano missioneiro estava impregnado de saberes e fazeres próprios, tanto que pelas descrições acima, nota-se que as *ticas* de *matema* se articulavam pelos modos de comparar, classificar, quantificar, medir, explicar, explorar, inferir, generalizar, avaliar, etc., usando os objetos – físicos e mentais – que eram próprios daquela cultura e em seu contexto. Não obstante, registra-se que a cultura é dinâmica como também o são seus elementos, tanto que importa à Etnomatemática essa universalidade e a natureza dos seus objetos.

Para compreender esses fazeres e saberes, é de se atentar para as varias dimensões do ser humano, localizando-o em seu tempo e espaço sob uma visão holística. O holismo sobre o ser pretende apresentar esse *etno* enfocado num sentido transdisciplinar e transcultural, de modo que seja entendido como um todo, indivisível, convivendo em consonância em seu meio sócio-cultural-histórico-político-econômico.

Sempre será uma glória singular dos membros da Companhia de Jesus em regiões de “Conquista Espiritual” terem se preocupado com o estudo e o ensino das ciências matemáticas, onde muitos de seus membros dedicaram-se ao conhecimento destas em uma época em que o povo, bem como as autoridades, mostravam indiferença e/ou apatia a estes estudos tão necessários e que tanto elevam a cultura dos homens. Os fundamentos da Companhia se pautavam no aumento do esplendor dos colégios e universidades, na correlação da Companhia de Jesus pela popularização destas ciências, seu uso nas ciências físicas, nas artes mecânicas e arquitetônicas.

Todavia, tais feitos não foram apartados das vicissitudes locais e temporais. Todo o desenvolvimento das ciências nestes momentos e lugares estava intrinsecamente ligado ao afeto para com o conhecimento, bem como às necessidades práticas.

¹⁶ Grande gloria americana es Suárez [...], misionero incansables y celoso en nuestra misioneras, y fueron productos locales los que utilizó para la construcción de aquel primitivo observatorio desde el que escrutaba el paso de los astros y los enigmas del cielo, sin más testigos que los intrigados indios que le habían auxiliado en la confección y ubicación de sus ingeniosos instrumentos.

As atividades astronômicas, por exemplo, além de “bisbilhotar” as estrelas e os astros tinham por finalidade reconhecer o espaço celeste sul-americano e planejar a agricultura, produzir mapas, confeccionar lunários, dentre outras finalidades. Da mesma forma, reconhece-se a importância das matemáticas nestas províncias latinas pela grande cota que atingiu nas artes, nos ofícios, na arquitetura, nas indústrias, na hidrotecnia, na agrimensura, etc., onde sem estas, seria quase impossível a fundação de novos povoados e aldeamentos.

A precariedade da situação, pela condição remota onde os padres se encontravam, por um lado e, pela empreitada religiosa de conversão e evangelização de seus neófitos, de outro, fazia da adaptação uma constante na vida missionária. Tal estado impulsionava, dentre outros, à construção e confecção de instrumentos de trabalho e de conversão.

Neste sentido, para as danças festivas que muito divertiam os indígenas e favoreciam o “pastoreio do rebanho Guarani”, afirma Sepp (1980, p. 242), no que compete aos dançarinos:

Os guizos dos dançarinos fabrico-os do modo seguinte: espatifo uma panela de cobre já gasta pelo uso quotidiano, até se reduzirem os cacos ao tamanho de uma avelã. Em seguida, dou a este fragmento a forma de campainha, para depois, em duas aberturas, introduzir uma bolinha de chumbo, que preno com pó de prata e pez grega. E eis que sai fazendo ruído a campainha de cobre.

Com isso, das obras que os jesuítas deixaram, toca chamar a atenção também para o fato de estes terem forjado seus instrumentos para a labuta e a conversão. Perceber que os Jesuítas ergueram com as próprias mãos rústicos observatórios, polindo lentes em cristais de rocha para seus telescópios, fabricando aparatos de madeira retirados dos bosques da região, fundindo ferro e aço esquentando pedras contendo tais minérios encontrados nas missões para construção de obras arquitetônicas inigualáveis pela sua singularidade, é ver que estes estavam entendendo o seu meio e lutavam para transformá-lo.

4.3. A influência e ligação destas Matemáticas com o social e o cultural

Do estabelecimento das reduções às construções das casas e templos carecia-se de matemáticas, desde a planta organizacional até o cozimento da última telha que comporia o telhado da mais simples choça. Além do mais, como mencionado, os metais revolucionaram as ações jesuíticas e impulsionaram o progresso das reduções, fato este que se percebe ao

longo da história da humanidade no tocante a outros povos, quando do encontro e domínio desta matéria.

Em toda comunidade, vila ou cidade era indispensável para o bem e necessidade dos habitantes existirem os diversos ofícios técnicos e mecânicos e, segundo as exigências maiores ou menores também as artes. Para as reduções jesuíticas havia ainda mais um motivo particular, a saber, a dificuldade e lentidão das comunicações para importarem de fora os objetos da indústria e, para evitarem gastos demasiados, cada povo procurava, quanto era possível, abastecer-se a si próprio. A autonomia e a auto-suficiência estavam decretadas com manutenção da independência da Europa quanto aos instrumentos de trabalho, gerando uma impulsão econômica.

Nessas instâncias, os progressos decerto estavam condicionados aos serviços, as práticas diárias, a vontade de aprender e empreender. Eis que o ser está constituindo-se nos saberes e fazeres cotidianos. Destarte, volve-se um olhar ao passo inicial do aliciamento de almas à comunidade cristã a fim de perceber a relação das *ticas* de *matema* concernentes à influência e ligação com o social e o cultural e sua relevância no meio reducional.

A formação das reduções redefinia uma reorganização espacial indígena, a qual, tradicionalmente definida como dispersa e esparsa, passa a uma nova constituição, caracterizada por uma inovada concentração urbana. Esse resultado produz uma nova ordem na estrutura sócio-cultural Guarani trazendo modificações sociais e culturais, políticas e civis, tudo para passar os gentios da “infidelidade à fidelidade”, tanto governamental quanto religiosa. É por essa mudança postural que se infere ver as relações das matemáticas com o contexto em xeque.

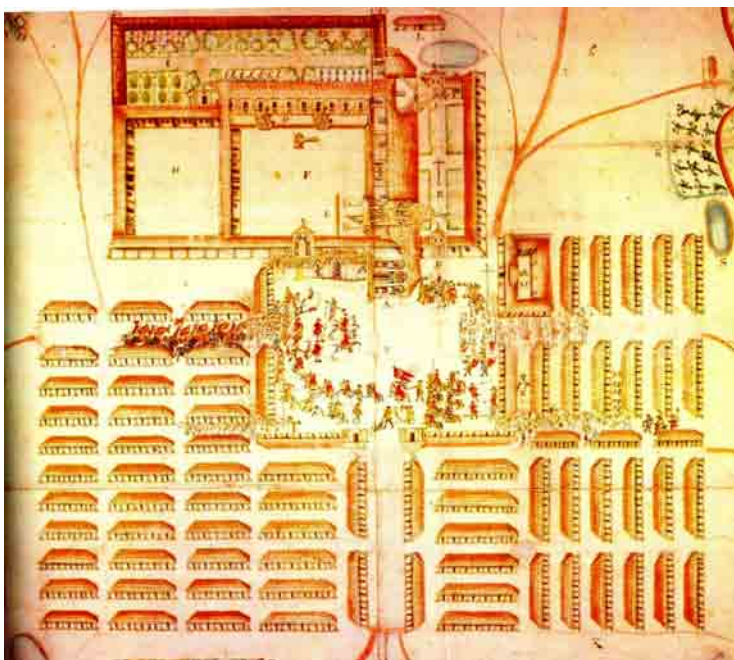


Ilustração 19: Planta estilizada da Redução de São João Batista/RS datando o século XVIII.

A criação de um novo espaço jesuítico-guarani aproveitou alguns aspectos antropológicos do Guarani, outros, porém foram reajustados, formando assim uma outra

espacialidade, que pode ser vista principalmente pelas icnografias. Nestas aldeias, os missionários procuravam dar novas linhas de organização social, política e religiosa, com base nos moldes europeus. Todavia, não faltou a divisão por castas, encontrando na própria cultura indígena elementos para sua re-implantação e continuidade através dos tempos.

Sobre o estado florescente das novas colônias o Padre Sepp dá seu testemunho:

Havia fundado minha colônia e terminado a construção de todos os edifícios. Devia somente iniciar o novo povoado na ordem da criação e conservação de leis civis. Estabeleci, por tanto, um conselho municipal, nomeei vereadores, elegi um prefeito, apresentei propostas para a nomeação de um administrador de rendas e de presidentes de grêmios, designei juízes e cobri vários outros postos imprescindíveis em uma comunidade disciplinada [...], em uma palavra, provi a minha nova colônia de todos os grêmios de artesãos que se necessitam, com tanto esmero que muitas aldeias ou cidades européias nos poderiam invejar por nossa organização perfeita. Porém, prescindindo a instalação dos funcionários em seus cargos, devia pensar também na milícia, pois tinha que defender a meus índios das incursões dos mamelucos brasileiros¹⁷ [...]. (SEPP, 1973, p. 267, tradução desta autoria).

O aproveitamento de certas características culturais indígenas se deu na agricultura, no artesanato e até na organização militar. Porém, o sistema lingüístico se destacou, mesmo perdendo significativamente a sua densidade mitológica, pois quem dava essa valorização era o xamã, indivíduo que nesta composição social não tinha lugar. Os Jesuítas estabeleceram e codificaram a escrita da língua Guarani e seus trabalhos lingüísticos na América do Sul de assistência espanhola são considerados inestimáveis. Pena que as perdas também o foram. Cita-se aqui o Padre Antônio Ruiz de Montoya e o Padre Roque González de Santa Cruz. Na assistência luso-brasileira da Companhia destaca-se especialmente o Padre José de Anchieta.

Os padres fundavam em cada missão uma escola de ler, contar, de música e danças religiosas, formando indivíduos mais aptos à recepção da predicação cristã. Desde logo compreenderam os missionários o valor das artes na penetração das consciências do povo Guarani e, difundido esses conhecimentos, mesmo que rudimentarmente, abriam o gênio imitativo indígena, concretizando a oportunidade de impregnar o sentimento religioso nas gerações por vindouras.

¹⁷ Había fundado mi colonia y terminado la construcción de todos los edificios. Debía solamente iniciar al nuevo pueblo en el orden de la creación y conservación de leyes civiles. Establecí, por lo tanto, un consejo municipal, nombré concejales, elegí un alcalde, presenté propuestas para el nombramiento de un administrador de rentas y de presidentes de gremios, designé dos jueces y cubrí varios otros puestos imprescindibles en una comunidad disciplinada [...], en una palabra, proveí a mi nueva colonia de todos los gremios de artesanos que se necesitan, con tanto esmero que muchas aldeas o ciudades europeas nos podrían envidiar por nuestra organización perfecta. Pero, prescindiendo de la instalación de los funcionarios en su cargo, debía pensar también en la milicia, pues tenía que defender a mis indios de las incursiones de los mamelucos brasileños [...].

Acima da elite de funcionários, de administradores e pedagogos, preparada desde a infância por uma educação apropriada, os jesuítas planejavam, ao que parece, a criação de uma elite do espírito e da sabedoria. Eles tinham, como o aconselha Platão, separado aqueles que anunciavam dotes de talento especial, para iniciá-los nas ciências e nas letras. (LUGON, 1976, p. 216).

As artes e as técnicas jesuíticas exerceram ações preponderantes na formação cultural dos ameríndios, tanto pelas melodias como pelos instrumentos que eles próprios fabricavam.

Os índios constroem órgãos [...]. Providenciei a que se fabricassem cítaras, clavicórdios, saltérios, fagotes, flautas, fístulas, tiorbas e cornetas em diversas reduções. Este mês mandei aprontar várias verrumas ou brocas de ferro, que servem para fazer flautas e fagotes. Os meus índios fabricaram, terebraram, quatro flautas para o acompanhamento do canto, duas para os altos e duas para os tenores, e um fagote, instrumento a que os espanhóis dão o nome de baiona, terebraram-nos, digo, com tal perfeição que é impossível distinguir estes instrumentos por entre os da Europa. (SEPP, 1980, 244-245).

Essa nova organização espacial favorecia verdadeiramente uma nova organização social, principalmente pela instrução e distribuição no trabalho¹⁸. O aprendizado para o trabalho que era ministrado ao Guarani provinha da educação pela prática e era na assimilação dos ofícios que a capacidade do Guarani afluía para qualquer afazer.

Enquanto aos costumes e sua disposição de ânimo, com amor e reverência estão os índios inteiramente submetidos aos missioneiros, e, pelo mais, são muito hábeis em todos os trabalhos manuais, porque o que vêem uma vez o imitam com maestria. Em todas as classes de ofícios, há entre eles alguns artistas notáveis [...]; em uma palavra, não há ofício que não se execute nas reduções, de tal sorte que não necessitamos da ajuda de ninguém, e a causa última deles é a tenaz memória que dificilmente esquece o que uma vez hão aprendido¹⁹. (BETSCHON, 1991, p. 129, tradução desta autoria).



Os trabalhos reclamavam indivíduos capazes e sob influência jesuítica, desempenhavam o que lhes fosse mandado. Notadamente há um pouco de exagero nisso.

Nas artes mecânicas, afirma Sepp:

Ilustração 20: Estátua estilo Barroco Missioneiro. Museu de São Miguel das Missões/RS.

¹⁸ Uma ótima referência é a obra de NEUMANN (1996).

¹⁹ En cuanto a las costumbres y su disposición de ánimo, con amor y reverencia están los indios enteramente sometidos a los misioneros, y, por lo demás, son muy hábiles en todos los trabajos de mano, porque lo que ven una vez lo remedan con maestría. En todas las clases de oficios, hay entre ellos algunos notables artistas [...], en una palabra, no hay oficio que no se ejecute en las reducciones, de tal suerte que no necesitamos de la ayuda de nadie, y la causa última de ello es la tenaz memoria que dificilmente olvida lo que una vez ha aprendido.

O que viram uma só vez pode-se estar convencidíssimo que o imitarão. Não precisam absolutamente de mestre nenhum, nem de dirigentes que lhes indique e os esclareça sobre regras das proporções, nem mesmo de professor que lhes explique o pé geométrico. Se lhes puseres nas mãos alguma figura ou desenho, veras daí a pouco executada uma obra de arte, como na Europa não pode haver igual. (SEPP, 1980, p. 246).

Do mesmo modo, a capacidade de confecção do Guarani em diversos artigos era significativa. Floresciam as artes e os ofícios de que necessitavam aqueles povos. Sabiam os indígenas a fazer casas, construir igrejas de pedra, tijolos e telhas, fabricar atafonas, abrir poços e armar noras, fazer irrigação, obrar na carpintaria, escultura, serraria, olaria, engenho, carijo, ourivesaria, lavrar o ferro em todo o ferramental, fundir sinos, fabricar órgãos e todo o gênero de instrumentos, pintar e adornar, eram engenheiro e arquitetos, marceneiros, segeiros, tanoeiros, torneiros, curtidores, sapateiros e chapeleiros, alfaiates, seleiros e tapeceiros, agricultores e pecuaristas, etc., em resumo, estão os Guaranis “[...] muito capacitados para toda classe de trabalhos mecânicos e para as artes úteis ao gosto europeu²⁰” (SEPP, 1974, p. 181, tradução desta autoria).

Os indígenas eram alunos excepcionalmente dotados de intelectualidade e inteligência, estilizados para uma escola nos moldes europeus e, em relação a isso e muitas outras coisas, as vilas guaraníticas superavam facilmente os arraiais coloniais. A calhar, a educação se dá pela convivência e a aprendizagem pela paciência, à composição do ser entre o saber e o fazer para o convívio missioneiro.

Como educadores e transformadores de almas, os jesuítas formaram o espírito do índio. Como artistas, tendo alguns saídos das mais famosas oficinas do Ocidente, instruíram e vivificaram o senso artístico e as rudes mãos do aborígene. Mas como foi grande a capacidade de imitação, ou, se quiserem, o talento imitativo desses filhos das selvas para poderem competir com os “astros” da arte, como diríamos hoje! Capacidade de adaptação em grau tamanho só podia haver com a existência simultânea de um forte e rudimentar instinto recreativo. E o instinto recreativo gera a fagulha criadora. Quem, diante dos poucos restos daquele patrimônio, antigamente pelo menos dez vezes maior, ousa afirmar que os índios não passavam de mãos concretizando a fantasia criadora dos artistas europeus, não sabe que sentimento e habilidade colaboraram juntos, em qualquer processo de criação artística, não podendo ser separados. (HARNISCH, 1980, p. 60).

Desde os primórdios do cristianismo, celebraram-se as artes com a religião e, nestas terras sul-americanas esta combinação encontrou proficuidade nas missões, onde a arquitetura, a pintura, a escultura, a música, dentre outras, procuravam quase que atrair o céu para a terra, ou antes, transferir os corações dos homens para o reino celestial.

²⁰ [...] están muy capacitados para toda clase de trabajo mecánico y para las artes útiles al gusto europeo.

Os indígenas eram o veio na linha de produção missioneira, sendo pau-para-toda-obra. “Fiz com que esculpissem – afirma Sepp (1980, p. 245) – três pares de galhetas para uso das igrejas. Um índio as esculpiu com tal perfeição artística, que as uvas, as espigas e as muitas flores dir-se-ia viverem sobre o mineral inerte”.

Os indígenas eram distribuídos entre todos os misteres práticos e/ou mecânicos, de ofícios requeridos em períodos de guerra às ocupações diárias comuns, porém sempre respeitando o bom uso do tempo.

Tenho visto com meus próprios olhos coisas tão prodigiosas como relógios de campainha feitos pelos índios, que não somente indicam com ponteiros os quartos de hora, como também as horas inteiras, sem equivocar-se jamais; esferas armilares que representam com círculos metálicos a órbita do sol e os movimentos dos astros e, ademais, os graus da abóbada celeste, também os minutos gravados em forma bem visível com buril de aço, que não era fácil reconhecer se haviam sido confeccionados na Europa ou Paraguai²¹. (SEPP, 1973, p. 270, tradução desta autoria).

Dos relatos e cartas dos missionários Jesuítas da época, as horas, os dias, as semanas, as estações do ano parecem suceder-se em uma redução guaranítica com a mesma regularidade de um relógio. As mesmas figuras saem às determinadas horas, se



põem em movimento, fazem seus gestos com a mesma exatidão controlada como um

compasso de pêndulo, sempre fiéis, iguais e repetidos em sua rotina, constantes em sua distribuição.

A repartição do trabalho também acontece entre as gentes em todas as fainas, num regime de socialismo/comunismo sem fins lucrativos individuais, com base numa economia de subsistência.

Ilustração 21: Relógio de Sol em pedra grés. São Miguel das Missões/RS.

²¹ He visto con mis propios ojos cosas tan prodigiosas como relojes de campana fabricados por los indios, que no sólo indican con las manecillas los cuartos de hora y las horas enteras, sino las dan también, sin equivocarse jamás; esferas armilares que representan con círculos metálicos la órbita del sol y los movimientos de los astros y, además, de los grados de la bóveda celeste, también los minutos grabados en forma bien visible con buril de acero, que no era fácil reconocer si habían sido confeccionados en Europa o Paracuaria.

Para governar os índios no temporal, a experiência de tantos anos de reduções me ensinou que o único meio é dividi-los em turmas.

Em cada turma não devem pôr mais, antes menos, que dez, conforme os serviços, dando a cada turma um vigilante, ou secretário, que traga os seus nomes num Vacapi²², escritos com o fio de cada um, conforme os músicos fazem aos domingos para saber os que faltam à Missa.

À tarde, depois do Rosário, pedir-lhes conta a cada grupo de 10 do que fizeram e os que faltaram ao trabalho do dia. (SEPP, 1982, p. 48).

Em verdade, nos relatos da vida nas reduções aparece sempre estereotipada a repetição de atividades e movimentos, que não somente se estendeu e cobriu toda a área e todos os povoados das missões, como também todo o tempo em que durou o “santo experimento”. Desde o posicionamento e o ordenamento urbanístico da planta dos povoados até a realização da doutrina e das cerimônias religiosas, assim como a organização do sistema produtivo – agricultura, pecuária e trabalhos artesanais –, tudo converge a reduzir os indígenas à populações volumosas e à vida política e humana nos moldes e padrões propostos pelas *Leyes de Indias* e da Companhia de Jesus.

Assim,

sua planta é ditada pelos princípios do sentido comum e da utilidade prática, porém obedece também, a um ideal estético cujos valores supremos são a regularidade, a utilidade e a simetria. Deste modo fez ressaltar os traços característicos de todas as reduções, cujo estilo urbanístico se pode definir como funcional, apesar de que expressa, a sua vez, simbolicamente a ordem de vida na redução²³. (HOFFMANN, 1973, p. 62-63, tradução desta autoria).

Isso mostra também, mesmo que ilusoriamente, um ideal de padronização humano, de como todos os seres aldeados deveriam, pela praxe, proficiência e harmonia funcionar. Essas mudanças nas práticas e rotinas pela ação/reação realçada pela tensão e o uso do poder implicaram num processo de aculturação e transculturação, pelo qual se modificaram aspectos culturais, como resultado de um contato com outros e a assimilação e/ou adaptação parcial à cultura destes.

A solução encontrada nas reduções para a catequese do Guaraní tendeu para uma importante concentração de problemas e tensões, como todo fenômeno sociológico que alcança certo grau de identidade, modificando sua estrutura e organização, a fim de firmar-se em seu meio, como um organismo vivo em crescimento e evolução, que deflagrou por fim a guerra guaraníca²⁴.

²² Pedaco de couro bovino.

²³ Su planta es dictado por los principios del sentido común y de la práctica, pero obedece, también, a un ideal estético cuyos valores supremos son la regularidad, la utilidad y la simetría. De este modo hace resaltar los rasgos característicos de todas las reducciones, cuyo estilo urbanístico se puede definir como funcional, a pesar de que expresa, a la vez, simbólicamente, el orden de vida en la reducción.

²⁴ Ver mapa estatístico populacional no Anexo F.

Se for querido saber a envergadura do Jesuíta com os compromissos de uma redução, deve-se imaginar aparte das obrigações religiosas, a sua administração nas estâncias, as direções nas fabricas, a chefia nas vendas e na contabilidade, nas funções judiciais, no professorado e direção de escolas, conservatórios, academias de artes e técnicas, dentre outros; resumindo, ele deveria manter a ordem no povoado, estendendo para o nativo uma composição patriarcal e patrilinear.

Anotadas, portanto as principais influências e ligações das *tics* de *matemas* jesuíticas nos tempos missioneiros, que abrangeram características sociais, culturais, econômicas, políticas, enfim, que mexeram com as estruturas da cultura Guarani, impondo uma transformação intensa na mesma. Importa ainda a cita de mais algumas passagens, valendo a título de apresentação da labora indígena sob a orientação missionária.

Sobre as habilidades desenvolvidas sob as vistas de uma mudança pela atuação jesuítica, denota-se um espaço para a descrição do Padre Sepp com relação a um Guarani chamado de Inácio Paica. Este,

é músico distinto, sabe fabricar cornetas e tocá-las, sabe fazer clarins ou trombetas de guerra; além disto, é ferreiro consumado, cunhador de moedas, polidor de objetos de metal, funileiro e fundidor de bacias, caldeirões, tachos e marmitas. Foi Inácio Paica que fez um sem-número de campainhas para os meus dançarinos; sabe trabalhar perfeitamente com o buril, para fazer esferas astronômicas e espingardas [...]. Aprendeu e exerce com louvor muitos outros ofícios [...]. É meu organista por excelência. Todas as manhãs toca corneta na igreja durante o ofício divino. Terminada a missa, toma sua merenda. Em seguida, derrete o ferro, funde o aço e, qual Proteu admirável, vaza com grande perícia centenas de objetos de variados moldes, configurações e matérias.

No entanto, Inácio Paica não é o único Apolo na trípode. Em cada redução se pode topar um mais campeões destes, mestres em todos os ofícios mecânicos e exímios maestros de música. (SEPP, 1980, p. 246-247).

Outro é Gabriel Quiri,

músico afamado e ao mesmo tempo ourives. Faz cálices belíssimos. Faz ainda castiçais de prata, de tamanho considerável e engenhosa cinzeladura; funde sinos, o maior dos quais, dedicado ao arcanjo São Miguel, pesa quatro mil libras e se encontra no campanário da minha igreja; fez também um relógio astronômico, que diria feito na Europa; além de construir órgãos novos e reformar antigos, inventa novas formas e novos tipos de órgãos, no que é sempre bem sucedido.

Estes índios paraguaios são, por natureza, como que talhados para a música, de maneira que aprendem a tocar com surpreendente facilidade e destreza toda sorte de instrumentos, e isto em tempo brevíssimo. No que concerne ao mestre, quase o dispensam de todo. (Idem, p. 247).

Foi, pois, quase sem sentir que estes missionários cristalizaram o ideal de uma utopia terrena muito tempo planejada. A redução quimérica pensada pelos seus projetores e

posta em exercício pelos Jesuítas encontrava entre os próprios Guaranis pré-coloniais uma base religiosa e racional, a saber, os Guaranis se não reduzido à vida missioneira com relativa facilidade e, não aceitado essa comunidade pelas suas lógicas sócio-religiosas. Um pensamento simbólico e bem estruturado e uma religião que vivia um amplo e intenso ritual, de uma vida perfeita em uma *terra sem males*, fazia a comunidade Guarani por vezes se engajar em marchas e traslados físicos, numa contínua busca.

O encontro com os missionários propiciou aos últimos à compreensão destas características e o seu aproveitamento. Aí está grande parte do êxito das reduções jesuíticas do Paraguai. A vida na redução manteve uma socialização ritualizada que perfeccionou o uso do tempo e dos sentidos. Os méritos desta realidade provêm do Guarani e do Jesuíta que, em tempos de colônia, deram um encaminhamento histórico adequado para a época. Fica em aberto se o Guarani fora salvo de um genocídio para cair num etnocídio, ou, para evitar este último, promoveu-se um apartheid consentido.

Todavia, segundo Sepp (1974, p. 186), “não há, em efeito, nenhum povo, nenhuma classe social do gênero humano que goze de uma vida tão pacífica, tranqüila e democrática, aproveitando o que Deus lhes há proporcionado, que estes paraguaios²⁵” (tradução desta autoria). A história, aliás, dos últimos séculos de vida da América mostra claramente que nunca mais se produziu um lugar de liberdade para o indígena, nem sequer de liberdade “reduzida”.

Nota-se ainda o papel das *ticas de matema* perante o processo que se instaurava na época e a sua influência sobre as práxis nos principais pilares que embasavam a vida nas reduções, a saber:

Casas iguais em que se albergavam as famílias, todavia agrupadas por cacicados, uma agricultura comunitariamente realizada e um aproveitamento em comum dos produtos tanto agrícolas como pecuários, e por fim uma religião cristã apresentada de tal forma que chega a ritualizar todas as atividades do dia e oferece uma extensa e intensa cerimonialidade. Agora bem, todo ele mantém analogias extraordinárias com os aspectos fundamentais da cultura guarani, de tal maneira que, para os Guaranis, talvez mais que alterações, as reduções somente apresentavam aparentes modificações e mudanças²⁶. (MELIÀ, 1993, p. 219, tradução desta autoria).

²⁵ No hay, en efecto, ningún pueblo, ninguna clase social de género humano que goce de una vida tan pacífica, tranquila y democrática, aprovechando lo que Dios les ha deparado, que estos paracuarios.

²⁶ Casas iguales en que se albergan las familias todavía agrupadas por cacicazgos, una agricultura comunitariamente realizada y un aprovechamiento en común de los productos tanto agrícolas como granaderos, y por fin una religión cristiana presentada de tal forma que llega a ritualizar todas las actividades del día y ofrece una extensa e intensa ceremonialidad. Ahora bien, todo ello mantiene analogías extraordinarias con los aspectos fundamentales de la cultura guaraní, de tal manera que, para los Guaraníes, tal vez más que cambios, las reducciones sólo presentan aparentes modificaciones y mudanzas.

Entretanto, as ruínas das reduções, esse espaço produzido também pela história, não são mais um lugar de vida jesuítico-guarani, e sim uma utopia morta, que o visitante tentará reorganizar idealmente e com dificuldade, pois os seus elementos estão dispersos como suas pedras pelos ermos dos campos.

As ciências matemáticas, físicas, humanas, teológicas, sociais, morais, da terra, enfim, todos os ramos do conhecimento estavam a serviços *Ad Maiorem dei Gloriam*, pela mão do sacerdote. E,

assim temos convertido e educado os índios de nossas missões até o dia de hoje; e assim esperamos seguir protegendo-os com a ajuda de Deus. Não somente nossa Companhia, como sua mãe, a querida Igreja Católica pode estar contente com os frutos de nossa obra e de sua utilidade. Nosso Paraguai é, no remoto continente do Mundo Novo, um jardim sagrado, belo e fértil. Aqui andam os que em outro tempo foram lobos ferozes, convertidos em ternas ovelhas; a erva má do vício tem sido arrancada com a raiz; virtudes cristãs se têm plantado; a necromancia diabólica desapareceu, não há mais canibais; o signo glorioso da santa cruz tem triunfado sobre a vergonhosa idolatria²⁷. (SEPP, 1974, p. 199, tradução desta autoria).

As *tics* de *matema* no trabalho dos Jesuítas nos Sete Povos das Missões em todas as atividades temporais e espirituais refletem um conhecimento atinente nos aldeamentos e uma ânsia de perfeição. O império da cruz, pelo conhecimento humano e pela causa cristã, incorporou o ameríndio na sua atividade, exercendo um papel preponderante nos solos do Rio Grande do Sul. A *terra feliz* deste Estado deve muito às missões, pois os primeiros semeadores culturais desta querência sulina começaram a erigir nas regiões missioneiras.

Ademais, integrar na História do Brasil o Jesuíta missioneiro pelo seu batente, constituído no seu ser/saber/fazer/conviver, vivido no contexto das missões, convivido com o Guarani e com os seus,



Ilustração 22: Pia Batismal em pedra grés. São Miguel das Missões/RS.

²⁷ Así hemos convertido y educado a los indios de nuestras misiones hasta el día de hoy; y así esperamos seguir protegiéndolos con ayuda de Dios. No sólo nuestra Compañía, sino su madre la querida Iglesia Católica pueda estar contenta de los frutos de nuestra obra y su utilidad. Nuestra Paracuaria es, en el remoto continente del Mundo Nuevo, un vergel sagrado, hermoso y fértil. Aquí andan los que en otro tiempo fueron lobos feroces, convertidos en tiernas ovejas; la mala hierba del vicio ha sido arrancada de raíz; virtudes cristianas se han plantado; la nigromancia diabólica desapareció, no hay más caníbales; el signo glorioso de la santa cruz ha triunfado sobre la vergonzosa idolatría.

permite ver, nessa larga trajetória em que se fincou uma nova civilização, os seus traços, os seus legados, os seus gestos, as suas glórias e as suas ações. Dos seus catecúmenos, estes participaram na formação das populações brasileiras do extremo sul meridional e isto por si só já bastaria.

Sem embargo, os textos sobre as matemáticas têm um mérito, por suas discussões, tanto filosóficas, conceituais e educacionais, quanto históricas, políticas e epistemológicas que interessam à Etnomatemática. Esse programa de pesquisa se preocupa com as discussões, opiniões e personagens que aparecem no horizonte e representam uma descrição de uma história viva e elegantemente apresentada de uma realidade da qual somente restam as ruínas, quando restam; uma experiência memorável que serve ao futuro, à Educação Matemática, à justiça e à paz.

A guisa de crítica, que serve de exemplo em todos os ramos de construção na vida, é que não se deve colocar um alicerce sobre um terreno argiloso, pois a construção pode submergir. A saber, as sucessivas gerações que nasceram e cresceram nas reduções sob a égide dos Jesuítas num regime paternal, onipresente e onipotente, de inspiração e dedicação à maior glória de Deus, moldou-se num grupo social que funcionava sob o comando *loyolista*.

Os padres faziam parte da vida do Guarani missioneiro, de tal modo que, afastados os soldados de Cristo, este perdeu a sua identidade. Sem a força eclesiástica que fazia movimentar e dinamizar a estrutura iniciou-se o enfraquecimento do corpo missioneiro, que não sobreviveu para romper este condicionamento. Essa situação não fora pensada pelos padres e passou despercebida.

Com a expulsão dos Jesuítas do continente espanhol e pelas trocas territoriais hispano-portuguesas, as reduções perdiam a sua personalidade e adquiriram uma vida vegetativa. Assim,

destituídos dos meios para evitar o pior e que não representasse uma quebra nos princípios da Companhia, as reduções prosseguiram indiferentes ao seu destino, na espera de que um milagre as salvassem. Esta asfixia cefálica anulou o crescimento das reduções como organismo vivo, para transformar-se do projeto de um vigoroso gigante, numa enorme estátua esculpida na areia que, se não fora o brinquedo dos meninos de Espanha e Portugal terem desmanchado rapidamente, o próprio vento logo se encarregaria de assim o fazer. (MALLMANN, 1986, p. 357).

Experiências de tal tipo abundam a história. Um caso é o próprio sistema de ensino, que não é capaz de promover a educação, tratando todos indistintamente à semelhança de uma lei universal, criando arquétipos, que não contam com a herança social e cultural. A Etnomatemática busca evitar esse trucidamento lento e continuado, de maneira que, se não se

agir em prol de uma educação matemática, será espantoso o desaparecimento da diversidade, da singularidade e da alteridade, assim como foi, sem deixar além de ruínas de pedras e qualquer herança viva, os Sete Povos das Missões.

4.3.1. A relevância destas Matemáticas

As matemáticas nas reduções jesuíticas dos Sete Povos das Missões foram pragmáticas, feitas dia a dia, para as quais confluíram mais deliberações práticas do que idéias teóricas. A base estava ante tudo em princípios de que os fins justificavam os meios, por um sentido evangélico de bem comum, cercado do que hoje se chamaria, à olhos desatentos, de inculturação. Porém, as referências apresentam produções matemáticas, tanto por parte do Jesuíta quanto do Guarani que refutam ingenuidades sobre a inexistência de conhecimentos de qualquer que seja a área.

Deste modo, seguindo o que foi objetivado pelas descrições anteriores, tratando das importantes contribuições dos Jesuítas nos aspectos matemáticos na região das missões, segue uma palavra final sobre as suas relevâncias a título de arremate. Ainda que a determinação desta autoria tenha sido proceder a um exame da evolução do ponto de vista de ver as matemáticas por um olhar cultural e etnomatemático, comparativamente limitado pelo espaço e pelo tempo, resultou necessário considerar as diferentes formas das atividades jesuíticas no torrão platino dos séculos XVII e XVIII para obter algo semelhante a uma síntese.

Então se descobriu que os Jesuítas constituíam elementos essenciais em certos acontecimentos e se observou como suas diversas esferas de atividades matemáticas contrastam ou harmonizam às vezes de maneira muito estranha, na vida dos Sete Povos Missioneiros. Os Jesuítas protegiam o Guarani com todos os meios de que dispunham ao mesmo tempo em que condenavam e contribuía para exterminar as tribos nômades amantes da liberdade.

Sua atitude respectiva aos misteres pessoais os convertia em extremamente dependentes para o trabalho em seus colégios, oficinas, indústrias, etc., não obstante ao qual proviam aos governadores, quando era necessário, de grande contingente de obreiros indígenas das reduções para prestação de serviços.

Os Jesuítas foram também os principais instrutores da gente jovem, onde, mediante seus eloqüentes sermões, orientavam a opinião. A citação seguinte do Padre Sepp vem a calhar:

Sobre tudo nos preocupa a catequização diária, pois do ensino cristão da juventude depende a bem-aventurança de toda a nova comunidade cristã. Temos, por tanto, cuidado de que os pequenos retenham os artigos principais da verdadeira fé firmemente na memória e, sobre tudo, as orações correntes. Quatro vezes por dia rezam na igreja ou diante da sua porta, de joelhos, suas orações em voz ressoante e terminam com uma canção sagrada em seu idioma. Eu mesmo coloquei música a alguns quantos cânticos para os dias comemorativos²⁸ [...]. (SEPP, 1974, p. 197, tradução desta autoria).

Nota-se que o ensino da juventude na vida cristã era o meio mais fácil e seguro de atingir os adultos, e dessa forma, cultivar lideranças.

Em matéria de estética, exerceram uma forte influência. Por outra parte, a grande maioria dos pioneiros das artes, das técnicas e das ciências no delta missioneiro estava composta por Jesuítas.

Ora, pois, não é de difícil percepção que o caminhar das *ticas* de *matema* foi o resultado de um movimento de lidar com a realidade, intuindo sobreviver e transcender, entendendo, explicando, criando e inovando no seu meio. Essa era uma ação que combinava um projeto expansionista, civilizatório e cristão, com base imperial europeu Católico.

À mercê de suas crônicas foram os soldados de Loyola, praticamente os únicos capazes de rememorar e transmitir feitos históricos e acontecimentos que haviam sido desaparecidos já do âmbito da tradição e da oralidade. Mediante seus ideais espirituais de castidade, pobreza e obediência, de acordo com os quais procuraram viver, através de suas tarefas, exerceram uma influência, se bem que é difícil de medir, de nenhuma maneira exclusivamente imaterial.

Em tais circunstâncias, naturalmente, resulta quase que impossível determinar se suas atividades matemáticas, as suas *ticas* de *matema*, constituíram uma contribuição positiva maior do que negativa para o desenvolvimento das províncias, das populações, enfim, do ser durante os séculos em questão. Para o bem ou para o mal, este desenvolvimento não pode ser considerado de modo algum sem incluir os Jesuítas, já que se corre o risco de concluir um juízo anacrônico, errôneo e falho.

Mesmo assim, se estima que, desde o ponto de vista de sua própria época e a luz da evolução posterior, predominam os aspectos positivos, o valor de tais conclusões não pode ser senão limitado já que estão, necessariamente, influídas por apreciações pessoais e

²⁸ Sobre todo nos preocupa la catequización diaria, pues de la enseñanza cristiana de la juventud depende la bienaventuranza de toda la nueva comunidad cristiana. Tenemos, por lo tanto, cuidado de que los chicos retengan los artículos principales de la verdadera fe firmemente en la memoria y, sobre todo, las oraciones corrientes. Cuatro veces por día rezan en la iglesia o delante de su puerta, de rodillas, sus oraciones en voz resonante y terminan con una canción sagrada en su idioma. Yo mismo puse música a unos cuantos cánticos para los días conmemorativos [...].

condicionadas ao tempo e espaço. Resulta muito mais necessário, como já se há intentado estabelecer, a medida e as razões de suas influências.

Nestes termos, tem-se o exemplo da descoberta do Padre Antônio, do ferro e aço. Ele terá dito por que não encontrar ouro e prata:

Mas não é ouro ou prata o que precisam nossos pobres índios nudípedes: é ferro e aço com que derrubem os matos, cortem a madeira, afiem as flechas, fabriquem ferramentas de toda espécie. Disto careciam até agora os pobres silvícolas e isto os livrará para o futuro da miséria. Pois quem não te chamaria de miserável em extremo a ti, se não possuísses nem mesmo uma agulha para remendar a camisa rasgada? Ou uma faca para cortar a carne? Um machado para rachar lenha de cozinha? Uma chave para fechar tua casa? Uma foice para ceifar o trigo? (SEPP, 1980, p. 229-230).



Ilustração 23: Ferramentas missioneiras: enxadão, picão e cunha, todas de ferro.

As causas da influência das *ticas* de *matema* dos Jesuítas, segundo quisera demonstrado enquanto se refere à província paraguaia em geral e às sete missões particularmente, podem ser remontadas, sem demasiados estados intermediários, as características práticas e teóricas da organização dos membros da Companhia de Jesus, que a sua vez foi concebida com uma mentalidade espanhola medieval.

A considerável riqueza material e espiritual dos Jesuítas destas províncias pode ser atribuída, principalmente, a eficaz administração de seus recursos, tanto materiais como humanos, segundo o que estabeleciam os estatutos da Ordem. Talvez pareça uma redundância, porém não há razão para deixar de sublinhar que pelas condições de sua corporação, por sua intensa educação, pelo excepcional sentido religioso, ativo e concreto, que inspirava a seus membros, por sua cuidadosa e controlada disciplina quase militar, por sua organização hierárquica e centralizada, os Jesuítas estavam destinados, mesmo comparados a outras ordens, a desempenhar esse impressionante e único papel histórico.

É inolvidável e indubitável que a relevância dos Jesuítas nestas regiões foi, em comparação com outras áreas do império colonial, particularmente grande, feito que obedeceu a diversas razões muito concretas, que já foram examinadas. Mesmo assim, pode-se resumilas assegurando que, no momento em que os Jesuítas foram autorizados a iniciar suas atividades na América hispânica, tardiamente colonizada e depreciada pela Igreja e o Estado,

esta oferecia um campo singularmente propício para o empenho de suas energias.

Envolvendo aí muita história das ciências, artes e religião, bem como antropologia, é possível ver o que se passava na cultura missioneira. Indubitavelmente, tudo isso está subordinado a um projeto delineado pela estrutura do poder vigente e pelas condições sociais, culturais, políticas, econômicas, históricas, temporais e espaciais.

A criatividade nos modos de agir/reagir frente aos problemas apontou para características de sobrevivência e transcendência. Essa criatividade humana distinguiu o ser entre o seu saber/fazer, manifestando a manutenção e a continuidade da vida, no convívio reducional. Aí se reconhece a contribuição dos Jesuítas na construção do conhecimento científico durante seu apostolado.

É bom lembrar que o cenário natural, cultural e social foi imprescindível para o imaginário que embasou essa construção. Entretanto, cabe distinguir um notório esforço de busca por parte dos estudiosos das ciências matemáticas na recuperação desses conhecimentos, valores e ações que indicam um caminho que evita episódios de genocídios e etnocídios.

A relevância dessas matemáticas para a época até os dias de hoje, além do que foi anunciado, ainda abre caminho para uma discussão sobre o que se concebe por ciências, em especial matemáticas. É uma possibilidade de perfilar pelo prisma de uma historiografia holística uma epistemologia que pode desconcertar a noção de disciplinas compartimentadas.

Dentro desse espírito, reconhecer pela Etnomatemática o desenvolvimento das matemáticas e seus métodos na história das missões Jesuítico-Guarani é cobrir por este programa de pesquisa a generalidade das idéias e o exame das práticas. Com efeito, é entendida então, a geração, transmissão e difusão do conhecimento, seu processo de concepção e sociabilização.

Para a Educação Matemática este entendimento é importante, pois atesta para os pensamentos matemáticos das diferentes culturas. Esse enfoque antropológico, sociológico e histórico que aparece nos trabalhos dos Jesuítas vislumbra para a dinâmica cultural que existe em qualquer grupo social.

A percepção do ser no ambiente multidimensional dos Sete Povos, o seu saber/fazer e a sua convivência apontam para uma explicação, a saber: o *matema* denota o potencial do ser humano ao longo da sua presença na redução, sua ânsia de sobreviver e transcender, entender, explicar, conhecer, criar e inovar; as *ticas* são os distintos artifícios, as artes ou técnicas, habilidades desenvolvidas na evolução cultural dentro das características próprias do grupo; o *etno* é a congregação religiosa, os Jesuítas missioneiros.

Essa idéia sobre as *tics* de *matema* nas atividades dos Jesuítas fornece instrumentos intelectuais para lidar com novas situações e novas ações na Educação Matemática. Essas ações geram conhecimento, que por sua vez gera o saber, que é decisivo para o fazer, constituindo assim o ser, aclimatando-se num meio, num sentido espiral e de várias dimensões. Essa é uma busca por uma nova história e uma nova educação das ciências e matemáticas, transdisciplinar e transcultural, com implicação pedagógica inclusiva, holística e crítica.

V

Considerações Finais

*E assim consternado contemplo o recinto
no qual dalguma vez uma geração serviu a Deus.
Assustado, parece-me de estar eu amaldiçoado pela sorte;
tudo que vejo dir-se-ia hostil fantasma,
última fantasia de quem destinado à morte está.
(...)*

5.1 Epílogo

Um estudo do passado colonial missioneiro desvela uma sociedade com particularidades muito singulares contrastadas com outras coletividades. As relações diferem, sobretudo, quando comparadas às práticas cotidianas. É possível que resida aí o descaso da historiografia, pois esta se preocupou em justificar e exaltar as nações emergentes e a história dos vencedores.

Quando se abordou este tema e seus atores, tentou-se demonstrar como as suas ações foram determinantes para a manutenção de uma sociedade em (trans)formação. O fator que mais colaborou ao estudo dos Sete Povos das Missões foi a necessidade de entendimento ou justificativa sobre a conduta dos Jesuítas ali presentes, segundo as suas *ticas de matema*.

No final da apreciação, os acontecimentos mostram que os abnegados padres missionários conseguiram formar um notável empreendimento, juntando mais de cem mil indivíduos Guarani sob o mesmo sistema, com uma potencialidade extremamente maior do que possuíam as frágeis colônias espanholas e portuguesas da região. A supressão deste objeto tornou-se a causa de um intolerável desprezo mundial que culminou com a expulsão dos Jesuítas dos territórios ibéricos e de seus domínios em 1767, para a desgraça da Companhia de Jesus e da etnia Guarani. Parece que os Jesuítas foram condenados por aquilo que constituía um dos seus méritos, à saber, sua tenacidade, sua luta, seus meios, sua formação intelectual e seu trato com os indígenas, e quanto aos últimos, estes nem se contavam como sendo gente aos bárbaros europeus.

À sombra terrível lançada sobre seu empreendimento pela longa fúria dos conquistadores, os Jesuítas se comportam como pioneiros de um humanismo, que deu asas ao utopismo clássico, renascentista e iluminista, definido referente ao encontro com o outro. Não foram seus erros nem seus excessos, nem a incapacidade de formar um clero autóctone, nem mesmo sua lúgubre submissão aos poderes europeus, no tocante a uma empresa que não dizia respeito apenas à Companhia ou à espiritualidade, mas à sobrevivência de um povo por eles envolvido numa imensa aventura, que os condenou ao martírio, e sim o execrável exemplo de um outro modo de tratar as culturas diferentes que eles davam às monarquias européias.

Depois de 1750, os campos verdejantes missioneiros ganham um tom rubro que não mais saiu da alma dos herdeiros da pampa pobre das Sete Reduções. O encarnado figura ainda no pensamento de quem relê as páginas da história dos derrotados. Homens, mulheres e crianças morreram em defesa do santo sacramento pedindo socorro a um Deus, Maria e São

Miguel que nada puderam fazer frente à devastação desalmada dos invasores. O vento minuano que hoje sopra nos dias de frio ou a leve brisa do sul em noites de verão parecem que fazem ecoar a frase que se tornou brasão de todo gaúcho... *Esta terra tem dono!*..., nos descampados dos Rio Grande do Sul.

Esse resgate das origens e da identidade de um povo faz parte da Educação contemporânea. A justiça e a paz só podem reinar se existir respeito, solidariedade e cooperação entre as pessoas. Nada melhor então do que começar a modificar as noções de senso comum sobre a homogeneização social e cultural dos grupos humanos diferenciados.



Ilustração 24: Cruz Missioneira no sítio de São Miguel das Missões/RS. Elemento-símbolo da região das missões no Rio Grande do Sul.

Eis que a Etnomatemática

cumpra a sua parte, experimentando por incomuns e novos rumos prover a importante tarefa que é o entendimento do outro e de sua cultura, sob diferentes formas de atuação, pois ela é ampla e dinâmica. Suas concepções, práticas, crenças e perspectivas mostram que não se pode a ela fechar, conter, fixar, reprimir e colonizar facilmente, pois ela irrompe, transborda, excede, rebela e resiste. Destarte, pela Etnomatemática, a Educação Matemática incorpora uma atitude de mudança de postura, que produz diferença na vida das pessoas.

Não parece necessário trazer à baila os objetivos desta pesquisa novamente, mas sim entrever os novos passos que se almeja trilhar no porvir. Das *ticas* de *matema* suscitadas, quer-se deixar claro que estas certamente não contemplam o todo, pois são excertos e recortes que tentam dar uma visão do geral. Ademais, o todo se limita talvez a questões de formas e de pontos de encontro, de sensibilidade e de lugares de convergência. O contexto, os atores, enfim, todo o enredo tomado nesta investigação mostra um espelho de uma época o qual traz refletido um momento, uma imagem de um tempo e de um espaço elucidado pelos desígnios da pesquisa.

Porém, essa interpelação garante que se faz parte de um todo maior que se procura elucidar. Este esclarecer é um tipo de desafio que a Etnomatemática e a Educação Matemática parecem cada vez mais destinadas a enfrentar. Assim, reconhecer os méritos e também os defeitos da presença dos Jesuítas que marcaram a heterogeneidade cultural na história do

Brasil é agir com um verdadeiro espírito científico. De fato, o tempo permite decantar as asperezas e os conceitos se fazem mais serenos quando com empenho se estuda as realidades passadas.

Por fim, os países herdeiros desse patrimônio têm uma enorme responsabilidade com as futuras gerações no sentido da valorização da população Guarani, hoje ainda marginalizada, e dos remanescentes missioneiros, importantes fontes de uma cultura híbrida. Estes são motivos de estudos futuros, bem como a relação entre educação e ensino ocorrido no tempo das missões, seus colégios, as práticas de instrução do Jesuíta e do Guarani, a relação entre as *ticas* de *matema* de ambos, enfim, é por essa via que se intentará construir novos entendimentos sobre a produção, organização e difusão do conhecimento.

Às margens da globalização, o isolamento das civilizações não é mais possível devido à comunicabilidade. Torna-se fundamental então, a consideração e a valorização do outro e de seus valores passados e presentes pelos mais diligentes e avançados



Ilustração 25: Crianças Guarani vendendo artesanatos no sítio das Ruínas de São Miguel das Missões/RS como forma de sustento para a família.

caminhos. Essa postura inclusiva de sociabilidade e diálogo gerada pela Etnomatemática parece reconduzir à

entendimentos sobre o ser/saber/fazer/conviver numa busca constante de paz e amor.

VI

Referências

*Desapareceram os vestes negras, há muito também
se foi a multidão bronzada de cristãos,
dispersou-os a espada sem comiseração...
Levou de volta a mata-virgem o que lhe roubaram.
E somente a poucos confia os seus segredos...*

(Anônimo).

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A.; GEWANDSNADJER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- AVIGHI, C. M. O livro do padre Sepp. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, ano 6, n. 54, p. 54-59, fev., 2003.
- BALDUS, H. **Ensaio de etnologia brasileira**. Prefácio de Affonso E. Taunay. Edição Ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. p. 17-28, 276-321. (Brasiliense, 101).
- BERNARDI, B. **Introdução aos estudos etno-antropológicos**. Tradução de A.C. Mota da Silva. Lisboa: Edições 70, 1997. (Perspectivas do Homem, 6).
- BERNARDI, M. **Missões, índios e jesuítas**. Apresentação e notas de Itálico Marcon. Porto Alegre: EST/Sulina, 1982. (Obras completas de Mansueto Bernardi, 7).
- _____. **O primeiro caudilho rio-grandense: fisionomia do herói missionário Sepé Tiaraju**. Prefácio de Itálico Marcon. Porto Alegre: EST/Sulina, 1980. (Obras completas de Mansueto Bernardi, 3).
- BERGUIRIZTAIN, J. Una versión portuguesa de las obras del P. Sepp, S. J. **Estudios: revista de la Academia Literaria del Plata**, Buenos Aires, ano 34, n. LXXI, p. 427-441, ene.-jul., 1944.
- _____. Una versión portuguesa de las obras del P. Sepp, S. J. (conclusión). **Estudios: revista de la Academia Literaria del Plata**, Buenos Aires, ano 34, n. LXXII, p. 434-453, ago.-dec., 1944.
- BETSCHON, A. Carta al reverendo padre Javier Am-Rhin. In: DUVIOLS, J. P.; SAGUIER, R. B. (Ed.). **Tentación de la utopía: las misiones jesuíticas del Paraguay**. Prologo de Augusto Roa Bastos. Barcelona: Tusquest/Círculo, 1991. p. 127-130.
- BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. (Org.). **Educação matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução de André Telles, prefácio de Jacques Le Goff. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria J. Alvarez, Sara B. Santos e Telmo M. Baptista. Porto: Porto, 1994. (Ciências da Educação, 12).
- BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Tendências em Educação Matemática, 9)

BOUDON, R. et al. **Dicionário de sociologia**. Tradução de Antônio J. P. Ribeiro. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

BRAUMANN, F. **3000 guaraníes y un tiroles**: misioneros que hicieron historia – Sepp von Rainegg. Tradução de José Gallinger e Carlos A. Merlino. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1980.

BRUXEL, A. **Os trinta povos guaranis**. 2. ed. Porto Alegre: EST/Nova Dimensão, 1987.

CAMINHA, P. V. **Carta a el rei D. Manuel**. Introdução, organização de texto, glossário, bibliografia e índices de Leonardo Arroyo. São Paulo: Dominus, 1963.

CAMPOS, M. D. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: MOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, M. P. **Métodos de coleta e análise de dados em etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP, 2002. p. 47-92.

CARDOZO, E. **Historiografía paraguaya**: Paraguay indígena, español y jesuitas. Cidade do México: Instituto Panamericano de Geografia e Historia, 1959. p. 263-270. (Historiografias, 5).

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszly. Campinas: Papirus, 1995. (Travessia do Século).

_____. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Fazer com: usos e táticas. In: _____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim F. Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 91-106.

CLASTRES, P. **Arqueologia da violência**: ensaio de antropologia política. Nota preliminar de Bento Prado Jr., tradução de Carlos E. M. Moura. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Centenário de Monteiro Lobato).

CORTESÃO, J. **Antecedentes do tratado de Madri**: jesuítas e bandeirantes no Paraguai (1703-1751). Introdução, notas e sumário por Jaime Cortesão. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional – Divisão de Obras Raras e Publicações, 1955. p. 257-258. (Manuscrito da Coleção de Angelis, 6)

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: arte ou técnica de explicar e conhecer. São Paulo: Ática, 1990. (Série Fundamentos, 74).

_____. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Tendências em Educação Matemática, 1).

_____. Gaiolas epistemológicas: habitat da ciência moderna. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 2., 2004, Natal. **Anais...** Natal: EDUFRRN, 2004a. p. 136-140.

_____. Paz, educação matemática e etnomatemática. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 4, n. 8, p. 15-33, mar., 2001.

_____. Prefácio. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. p. 11-23.

_____. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

_____. Um enfoque transdisciplinar à educação e a história da matemática. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. **Educação matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004c. p. 13-29.

DICIONÁRIO de sociologia. Porto Alegre: Globo, 1967.

DUVIOLS, J. P.; SAGUIER, R. B. (Ed.). **Tentación de la utopía: las misiones jesuíticas del Paraguay**. Prologo de Augusto Roa Bastos. Barcelona: Tusquest/Círculo, 1991.

ENCICLOPEDIA Mirador internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1975. Verbetes: história; antropologia.

ENCICLOPEDIA universal ilustrada europeo-americana. Tomo XXII. Madrid: Espasa-Calpe, 1924. Verbetes: étnico; etno; etnografia; etnologia.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio**. Dicionário eletrônico, versão 5.0. Edição revista e atualizada. [S.l.]: Positivo Informática, 2004. CD-ROM.

FLORES, M. **Dicionário de história do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (História, 8).

FURLONG CARDIFF, G. **Antonio Sepp S. J. y su “gobierno temporal” (1732)**. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962a. (Escritores Coloniales Rioplatenses, 12).

_____. **Arquitectos argentinos durante la dominación hispánica**. Prólogo de Mario J. Buschiazzo. Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1946a. p. 123-126; 396-397. (Cultura Colonial Argentina, 4).

_____. **Artesanos argentinos durante la dominación hispánica**. Prólogo de Vicente Nadal Mora. Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1946b. p. 102-106; 249-254; 276-283; 434-440. (Cultura Colonial Argentina, 5).

_____. El primer astrónomo argentino: Buenaventura Suárez, S. J. - 1678-1750. **Estudios**: revista de la Academia Literaria del Plata, Buenos Aires, ano 9, n. XVII, p. 102-117; 172-185, jul.-dec. 1919.

_____. **Cartografía jesuítica del río de la Plata**. Buenos Aires: Talleres S. A./Casa Jacobo Peuser Ltda., 1936. Tomo I. p. 115-117.

_____. **Glorias Santafesinas**: Buenaventura Suárez, Francisco Javier Iturri, Cristóbal Altamirano. Buenos Aires: Editorial Surgo, 1929. p. 79-140.

_____. **Historia social y cultural del río de la Plata – 1536-1810**: el transplante cultural: arte. Buenos Aires: Tipografía Editora Argentina, 1969a. p. 632-646.

_____. **Historia social y cultural del río de la Plata – 1536-1810:** el transplante cultural: ciencia. Buenos Aires: Tipografía Editora Argentina, 1969b. p. 136-157; 421-444.

_____. Los grandes maestros de la música colonial rioplatense. **Estudios:** revista de la Academia Literaria del Plata, Buenos Aires, año 32, n. LXVII, p. 408-429, ene.-jul., 1942.

_____. **Los jesuitas y la cultura rioplatense.** Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 1984.

_____. **Los jesuitas y la cultura rioplatense.** Prólogo de Fernando Storni. 1. ed. Buenos Aires: Biblos/Secretaría de Cultura de la Nación, 1994. 208 p. (Identidad Nacional).

_____. **Matemáticos argentinos durante la dominación hispánica.** Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1945a. (Cultura Colonial Argentina, 3).

_____. **Médicos argentinos durante la dominación hispánica.** Prólogo de Anibal Ruiz Moreno. Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1947. p. 81-93; 282-285. (Cultura Colonial Argentina, 6).

_____. **Músicos argentinos durante la dominación hispánica.** Introducción de Lauro Ayestaran. Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1945b. p. 43-53; 73-79; 177-181. (Cultura Colonial Argentina, 2).

_____. **Misiones y sus pueblos de guaraníes.** Prólogo de Cesar Napoleon Ayrault. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962b. p. 449-616.

_____. **Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica.** Prologo de Gregorio Williner. Buenos Aires: Editorial Huarpes, 1948. p. 72-93; 420-423. (Cultura Colonial Argentina, 7).

_____. Una estimación del desarrollo de las ciencias matemáticas, físicas y naturales en el río de la Plata, entre 1536 y 1810. **Boletín de la Academia Nacional de Ciencias,** Córdoba, n. 48, p. 69-80, 1970.

GADELHA, R. M. A. F. **As missões jesuíticas do Itatim:** um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais da Paraguai, séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Estudos latino-americanos, 15).

GÁLVEZ, L. **Guaraníes y jesuitas:** de la tierra sin mal al paraíso. Ilustraciones de Oscar Rojas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

GEERTZ, C. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: _____. **O Saber Local.** Tradução de Vera M. Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 85-107.

GERDES, P. **Etnomatemática:** cultura, matemática, educação. Maputo: Instituto Superior Pedagógico, 1991. (Coletânea de textos).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GRANDE enciclopédia portuguesa e brasileira. Volumes II e X. Lisboa: Enciclopédia, [19--]. Verbetes: antropologia; etnia; étnico; etnografia; etnologia.

GROUSSAC, P. **Los jesuítas em Tucuman**. Montevideo: Claudio Garcia & Cia., 1946.

GUTIERREZ, R. **As missões jesuíticas dos guaranis**: las misiones jesuíticas de los guaraníes. Rio de Janeiro: Unesco, 1987.

HANSEL, J. **A pérola das reduções jesuíticas**: monografia de São Miguel. 3. ed. Porto Alegre: EST/Martins Livreiro, 1983.

HARNISCH, W. H. Introdução. In: SEPP, A. **Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Introdução de Wolfgang Hoffmann Harnisch, tradução de A. Raymundo Schneider, notas de Rubens Borba de Moraes. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. p. 17-62. (Reconquista do Brasil, nova série, 21).

HAUBERT, M. **Índios e jesuítas no tempo das missões**: séculos VXII-XVIII. Tradução de Marina Appenzeller, prefácio de Jacques Soustelle. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990. (A vida cotidiana).

HOFFMANN, W. Introducción. In: SEPP, A. **Continuación de las labores apostólicas**. Edición crítica de las obras del Padre Antonio Sepp S. J., misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733 a cargo de Werner Hoffmann. Buenos Aires: Eudeba, 1973. Tomo II. p. 9-89.

_____. In: SEPP, A. **Jardín de flores paracuário**. Edición crítica de las obras del Padre Antonio Sepp S. J., misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733 a cargo de Werner Hoffmann. Tomo III. Buenos Aires: Eudeba, 1974. Tomo III. p. 9-67.

_____. In: SEPP, A. **Relación de viaje a las misiones jesuíticas**. Edición crítica de las obras del Padre Antonio Sepp S. J., misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733 a cargo de Werner Hoffmann. Buenos Aires: Eudeba, 1971. Tomo I. p. 9-111.

KNIJNIK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, C. J. **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

LABURTHE-TOLRA, P.; WARNIER, J. P. **Etnologia – antropologia**. Tradução de Anna H. Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1999.

LACOUTURE, J. **Os jesuítas**: os conquistadores. Tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1994.

LEITE, B. **Generalidades das missões jesuíticas**. 7. ed. Santo Ângelo: Gráfica Jornal das Missões, 2002.

LEITE, S. Diferença entre as aldeias do Paraguai e do Brasil. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, ano 35, n. 189, p. 215-218, abr.-jun., 2003. (Texto publicado anteriormente no Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 8-11-1943).

_____. **História da companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Porto: Tipografia Porto Médico, 1938-1950. 10 v.

LEONHARDT, C. El Padre Antonio Sepp, S. J.: insigne misionero de las reducciones guaraníicas del Paraguay – 1691-1733. Sección Histórica. **Estudios**: revista de la Academia Literaria del Plata, Buenos Aires, ano 14, n. XXXVIII, p. 54-58, 127-131, 227-228, 387-388, ene.-jul., 1925.

_____. La música y el teatro en el tiempo de los antiguos jesuitas de la provincia de la compañía de Jesús del Paraguay. Sección Histórica. **Estudios**: revista de la Academia Literaria del Plata, Buenos Aires, ano 13, n. XXVI, p. 128-133, 1924.

LESSA, L. C. B. **São Miguel da humanidade**: uma proposição antropológica. Porto Alegre: SAMRIG, 1984.

LEVINTON, N. **La arquitectura del pueblo de San Juan Bautista**: topología y regionalismo. Buenos Aires: Faro Editorial, 1998. (Misiones Jesuíticas).

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Tradução de Chaim S. Katz e Eginardo Pires. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. (Biblioteca Tempo Universitário, 7).

_____. **O pensamento selvagem**. Tradução de Maria C. C. Souza e Almir O. Aguiar. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976. (Biblioteca Universitária, 31).

LUGON, C. **A república “comunista” cristã dos guaranis**: 1610-1768. Tradução de Álvaro Cabral, prefácio de Henri-Charles Desroches. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Ecumenismo e humanismo, 12).

LÜBECK, M. A etnografia na pesquisa etnomatemática sobre documentos históricos: um ensaio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 2., 2004, Natal. **Anais...** Natal: EDUFRN, 2004a. p. 233-234

_____. Fundir idéias ao forjar instrumentos numa pesquisa etnomatemática. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 8., 2004b, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2004. CD-ROM.

_____. Retrato de uma história das matemáticas nas reduções jesuíticas dos sete povos das missões. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, 6., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: UNB, 2005. (No prelo).

MAGALHÃES, J. R. Ao sabor das ondas: tomando posição numa velha polêmica que apaixonou os estudiosos, historiador português sustenta que Cabral descobriu o Brasil por puro acaso. **Nossa História**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, p. 32-36, abr., 2005.

MALINOWSKY, B. Condições adequadas para um trabalho etnográfico. In: JUNKER, B. H. **A importância do trabalho de campo: introdução às ciências sociais**. Tradução de José G. Neto e introdução de Everett C. Hughes. [S.l.]: Lidor, [19--]. p. 64-74. (Societas, 9).

MALLMANN, A. N. **Retrato sem retoques das missões guaranis**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodología científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEGALE, N. B. As virgens negras. **Notícia Bibliográfica e Histórica**, Campinas, ano 35, n. 189, p. 213-214, abr.-jun., 2003.

MELIÀ, B.; NAGEL, L. M. **Guaraníes y jesuitas en tiempo de las misiones: una bibliografía didáctica**. Santo Ângelo: URI, 1995.

MELIÀ, B.; SAUL, M. V. A.; MURARO, V. F. **O guarani: uma bibliografia etnológica**. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987.

MELIÀ, B. **El guaraní conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria**. Asunción: CEADUC, 1993. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, 5).

MONTEIRO, P. (Coord.). **Entre o mito e a história: o V centenário do descobrimento da América**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MÖRNER, M. **Actividades políticas y económicas de los jesuitas en el río de la Plata**. Traducción de Dora D. de Halperin. Buenos Aires: Hyspamerica, 1985. (Biblioteca Argentina de Historia y Política).

NEUMANN, E. **O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial: 1640-1750**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

OLIVEIRA, A. J. **Dicionário gaúcho**. Porto Alegre: AGE, 2002.

O'NEILL, C.; DOMÍNGUEZ, J. M. (Ed.). **Diccionario histórico de la compañía de Jesús: biográfico-temático**. Roma/Madrid: Institutum Historicum, S.I./Universidad Pontificia Comillas, 2001. Tomo IV. p. 3555-3556; 3653.

OSANN, B. **Tratado de la fundición del hierro y del acero**. Barcelona: Gustavo Pili, 1926.

PERAMÀS, J. M. **Platón y los guaraníes**. Nova versão do original latino por Francisco F. Pertíñez e Bartomeu Melià. Prólogo e notas de Bartomeu Melià. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2004.

PORTO, A. **História das missões orientais do Uruguai** 2. ed. Revista e melhorada por P. Luis Gonzaga Jaeger, S. J. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. v. 1(Jesuítas no sul do Brasil, 3).

_____. **História das missões orientais do Uruguai** 2. ed. Revista e melhorada por P. Luis Gonzaga Jaeger, S. J. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954. v. 2(Jesuítas no sul do Brasil, 4).

PREISS, J. H. **A música nas missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.

RABUSKE, A. **Pe. Antônio Sepp, SJ: o gênio das reduções guaranis**. 3. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

RAHMEIER, C. S. **Cultura missioneira: interpretações a partir da cerâmica**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2003.

RETRATO de los jesuítas. Tradução de E. Barriobero y Herrán. Madrid: Mundo Latino, 1934. Tomo I. (Colección Quevedo, XX).

RIBEIRO, J. P. M.; DOMITE, M. C. S.; FERREIRA, R. (Org.). **Etnomatemática: papel, valor e significado**. São Paulo: Zouk, 2004.

ROCKWELL, E. Reflexiones sobre el proceso etnográfico (1982-1985). In: ROCKWELL, E.; EZPELETA, J. (Coord.). **La práctica docente y su contextos institucional y social**. México: DIE, 1987. p. 1-56.

SANTOS, P. Marques. **São João Batista: 1697-1986**. Porto Alegre: Pallotti, 1986. (Série Missões, 3).

_____. **São Miguel Arcanjo: 1632-1990**. 3. ed. Porto Alegre: Pallotti, [199-]. (Série Missões, 4).

SCANDIUZZI, P. P. **A dinâmica de contagem de Lahatua Otomo e suas implicações educacionais: uma pesquisa em etnomatemática**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

_____. Educação matemática indígena: a constituição do ser entre os saberes e fazeres. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. **Educação matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 2004a. p. 186-197.

_____. **Etnomatemática: vento soprando em direções contrárias às usuais**. 2005. (Texto digitado).

_____. Formação de professores indígenas x etnomatemática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 1., 2000, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEUSP, 2000. p. 49-53.

_____. O ensino de matemática na Transamazônica e a velhice Kayabi: duas experiências de trabalho etnomatemático. In: KNIJNIK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, C. J. (Org.). **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004d. p. 364-376.

_____. O etnocídio, a etnomatemática e a perda científica. In: RIBEIRO, J. P. M.; DOMITE, M. C. S.; FERREIRA, R. **Etnomatemática: papel, valor e significado**. São Paulo: Zouk, 2004b. p. 161-168.

_____. Os desencontros de um educador matemático em busca da teoria em sua pesquisa etnográfica. **Revista Educação**, Porto Alegre, ano 22, n. 39, p. 161-171, set., 1999.

_____. Os questionamentos teóricos que estão surgindo no campo da pesquisa da Etnomatemática. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ETNOMATEMÁTICA, 2., 2004, Natal. **Anais...** Natal: EDUFRN, 2004c. p. 121-127.

SCHADEN, E. A tribo Guarani e seus representantes em território brasileiro. In: _____. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: EDUSP/EPU, 1974. Cap. 1, p. 1-7.

SEPP, A. Algunas advertencias tocantes al gobierno temporal de los pueblos en sus fabricas, sementeras, estancias y otras faenas. In: BERNARDI, M. **Missões, índios e jesuítas**. Apresentação e notas de Itálico Marcon. Porto Alegre: EST/Sulina, 1982. p. 29-57. (Obras completas de Mansueto Bernardi, 7).

_____. **Continuación de las labores apostólicas**. Edición crítica de las obras del Padre Antonio Sepp S. J., misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733 a cargo de Werner Hoffmann. Buenos Aires: Eudeba, 1973. Tomo II.

_____. **Jardín de flores paracuário**. Edición crítica de las obras del Padre Antonio Sepp S. J., misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733 a cargo de Werner Hoffmann. Buenos Aires: Eudeba, 1974. Tomo III.

_____. **Relación de viaje a las misiones jesuíticas**. Edición crítica de las obras del Padre Antonio Sepp S. J., misionero en la Argentina desde 1691 hasta 1733 a cargo de Werner Hoffmann. Buenos Aires: Eudeba, 1971. Tomo I.

_____. **Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Introdução de Wolfgang Hoffmann Harnisch, tradução de A. Raymundo Schneider, nota de Rubens Borba de Moraes. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980. (Reconquista do Brasil, nova série, 21).

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, B. (Coord.). **Dicionário de ciências sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

SILVEIRA, H. J. V. **As missões orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre: Livraria Universal, 1909.

SIMON, M. **Os sete povos das missões**: trágica experiência. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

STENGEL, S. **Padre Anton Sepp**: un tirolés entre los guaraníes. Rosario: Escuela de Artes Gráficas del Colegio Salesiano San José, [198-]. (Las Misiones Jesuíticas, 7).

TAVARES, E. **Missões jesuítico-guaranis**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

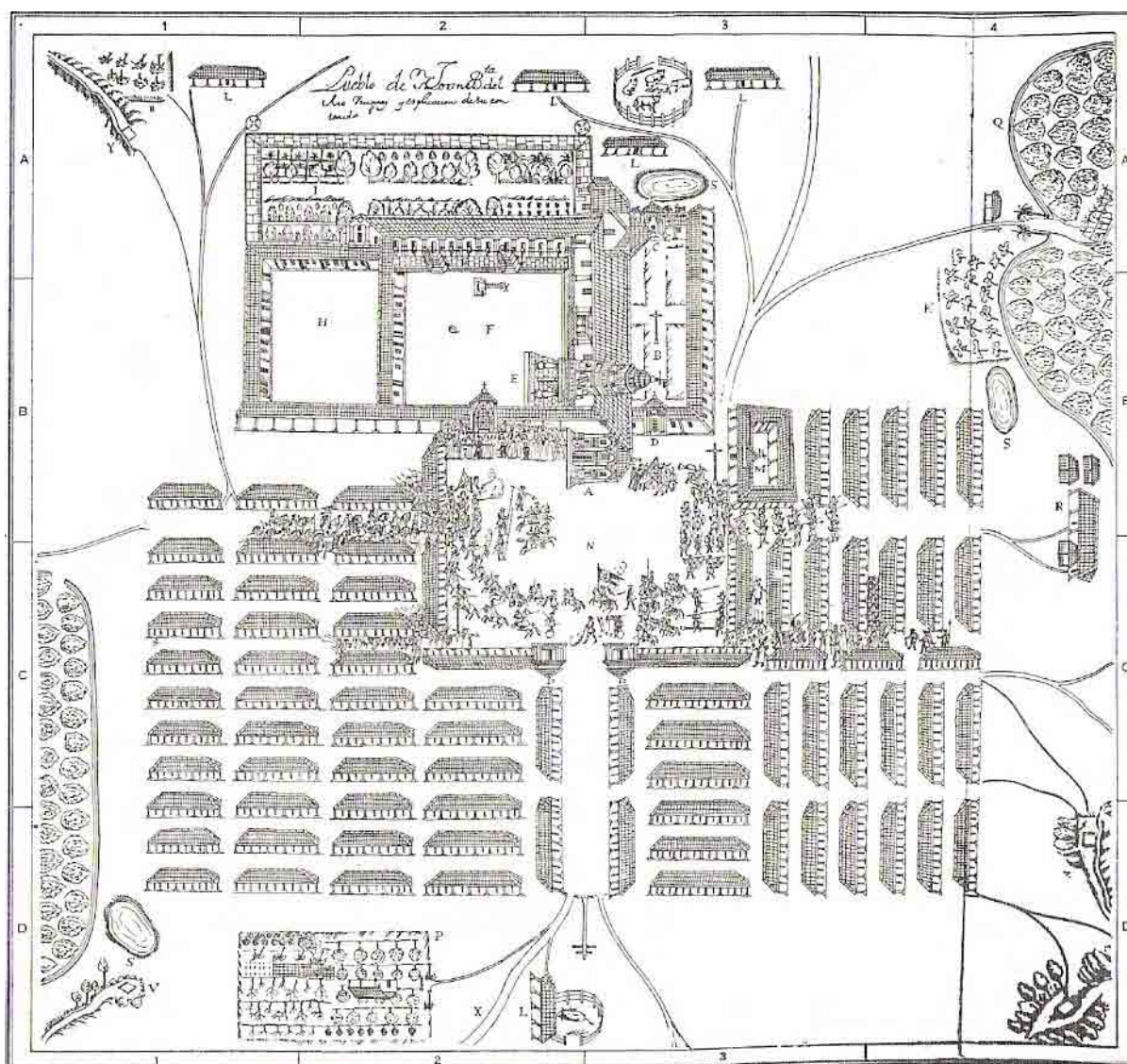
TESCHAUER, C. **História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos**. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1918. v. 1.

_____. **História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos.** Porto Alegre: Livraria Selbach, 1921. v. 2.

WERNICKE, E. El padre tirolés Antonio Sepp, misionero jesuita en Yapeyú, 1691. **La Prensa**, Buenos Aires, 24 mar., 1940. Sección Especial.

_____. La soledad del escritor religioso jesuita Antonio Sepp en misiones (1691-1732). **La Prensa**, Buenos Aires, 14 sep., 1941. Sección Especial.

ANEXO A — Planta estilizada da Redução de São João Batista/RS.



Eis uma explicação dos diversos prédios apresentada por Mallmann (1986, p. 276):

A - Igreja

B - Cemitério

C - Capela das almas (dos defuntos)

D - Pórtico do cemitério

E - Torre

F - Pátio da casa dos Padres (está no desenho o poço de água)

G - Casa dos Padres e Colégio e o relógio de sol mostrando a calçada e as escadarias que davam acesso ao pátio.

H - Pátio das oficinas

I - Horta e pomar dos Padres

K - Plantação de pessegueiros

L - Estrebarias

M - Casa das órfãs e viúvas

N - Praça (assinaladas as cruzes que havia em geral nos quatro cantos das praças dos povoados. A Igreja se destaca dos demais prédios, dois iguais e que no meu entender serviriam ao *Cabildo*, porém aqui atribuídos a capelas destinadas a velar: uma aos defuntos adultos (J) e a outra (O) as crianças).

P - Horta e capela de Santo Isidro

Q - Erval de Santo Augustinho

R - Depósito

S - Lagoas

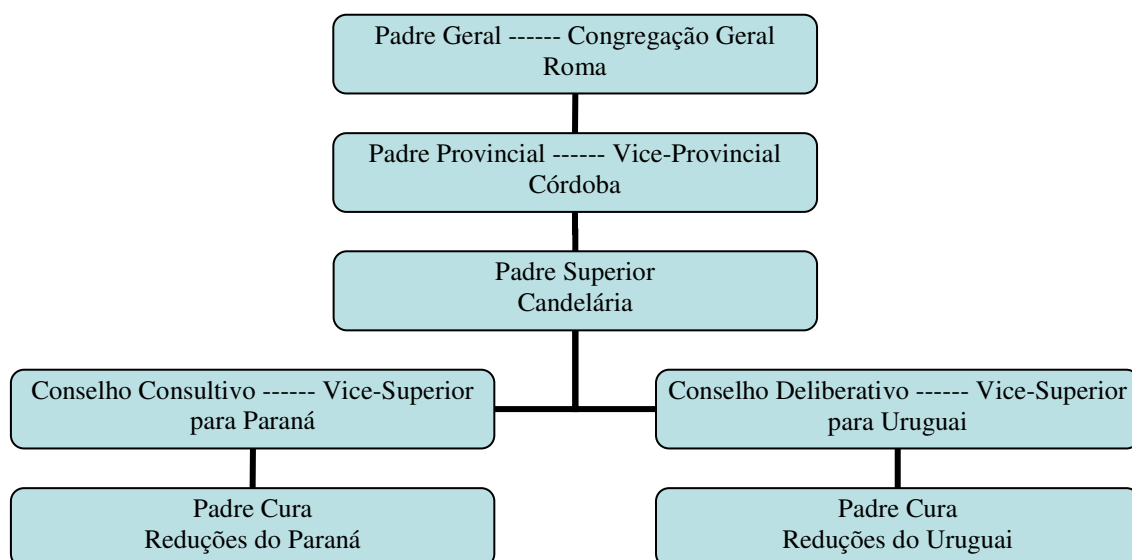
T - Estrada para o povo de São Miguel

X - Estrada para o povo de Santo Ângelo

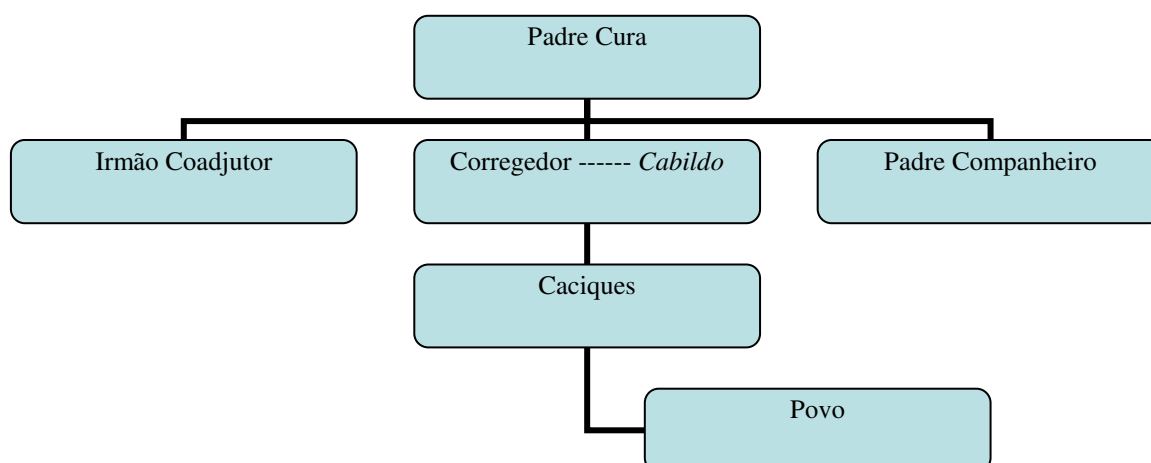
V - Y - Z - Fontes de São Cipriano, Santa Rosa e São Lázaro respectivamente.

ANEXO B — Organização Administrativa – hierarquia da Companhia de Jesus

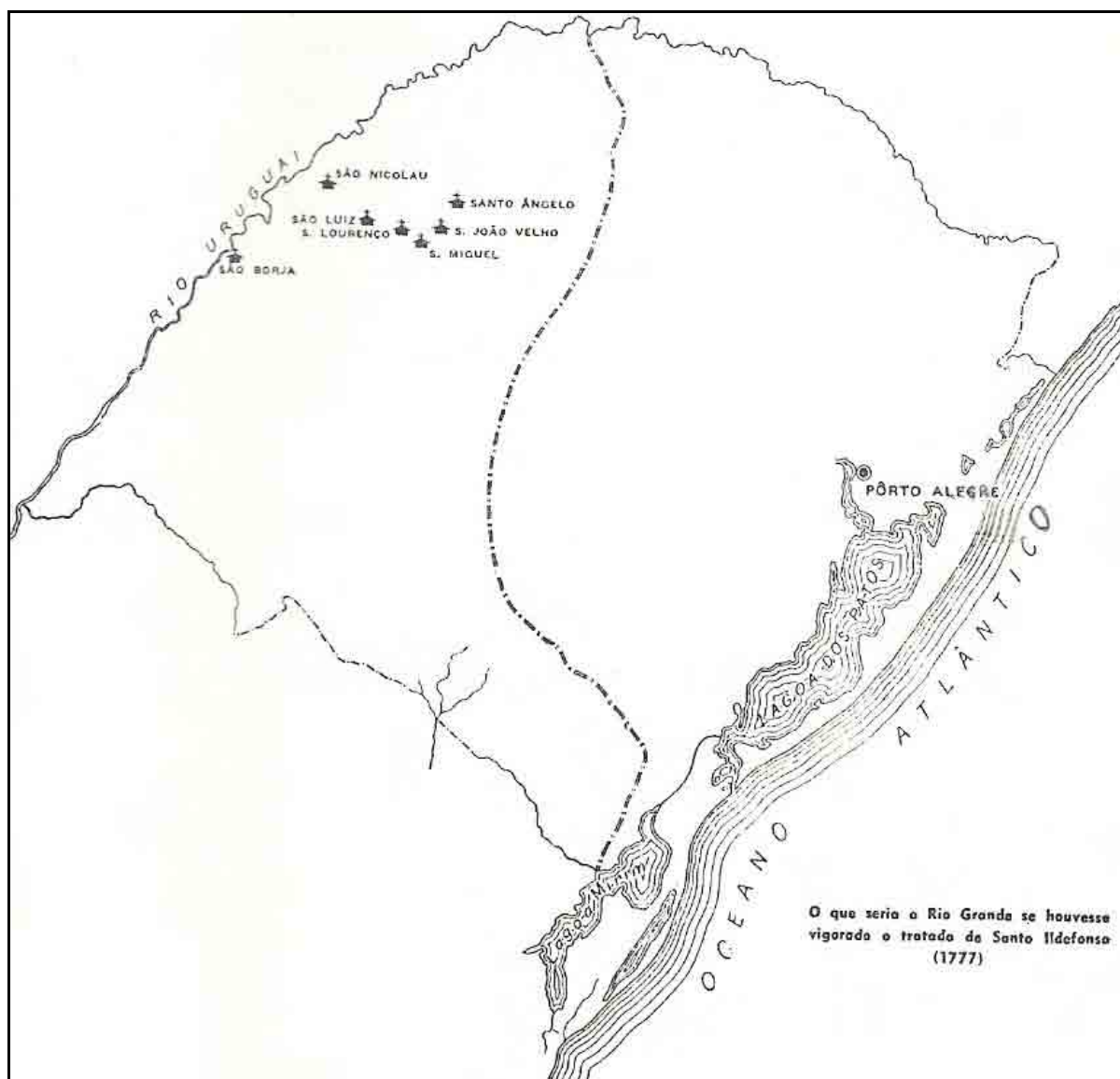
acima das Reduções:



Organização Administrativa – hierarquia em cada Redução:



ANEXO E — Mapa do atual Rio Grande do Sul pelo Tratado de Santo Ildefonso.



ANEXO F — Mapa estatístico das populações dos Sete Povos das Missões compilado por Porto (1954, vol. 2).

A N O S		TOTAL DOS 7 POVOS		S. BORJA		S. NICOLAU		S. LUIS		S. LOURENÇO		S. MIGUEL		S. JOÃO BATISTA		SANTO ANGELO	
		Famílias	Almas	Famílias	Almas	Famílias	Almas	Famílias	Almas	Famílias	Almas	Famílias	Almas	Famílias	Almas	Famílias	Almas
1690	4.248	16.673	658	2.396	3.648	870	2.922	823	3.512	1.057	4.195	—	—	—	—	—	
1694	4.813	19.844	701	2.888	5.315	886	3.280	896	3.769	1.200	4.592	—	—	—	—	—	
1698	5.031	20.946	697	2.688	5.890	920	3.582	953	4.140	630	1.885	705	2.832	724	3.100	2.479	
1702	5.289	20.086	780	2.600	4.699	943	3.473	990	4.427	636	2.197	724	2.690	724	3.100	2.479	
1707	6.286	26.126	757	2.884	5.366	1.017	3.997	1.022	4.519	715	3.100	775	3.361	775	3.361	3.100	
1711	5.810	27.365	771	4.284	5.969	787	3.339	992	4.271	673	3.254	589	3.088	632	3.100	3.100	
1715	6.596	28.338	834	3.391	6.658	900	3.830	1.085	4.760	697	3.823	825	3.850	732	3.479	3.479	
1719	6.448	28.407	524	2.673	5.729	1.013	4.332	1.045	4.880	835	3.441	892	3.722	881	3.479	3.479	
1724	7.200	32.495	574	2.906	6.667	1.144	5.045	1.246	5.224	890	3.972	967	4.629	924	4.603	4.603	
1729	7.583	35.287	609	3.297	5.984	1.380	6.215	1.388	6.225	993	4.710	965	4.111	938	4.710	4.710	
1732	9.835	39.343	919	3.679	7.751	1.545	6.182	1.628	6.513	1.214	4.859	1.319	5.274	1.272	5.085	5.085	
1735	6.538	32.867	549	3.277	6.394	1.010	4.689	939	4.548	940	4.073	1.042	5.129	945	4.537	4.537	
1740	4.736	21.106	579	3.291	2.194	504	2.300	242	1.173	1.122	4.740	484	2.171	1.268	5.229	5.229	
1745	5.947	26.403	728	3.924	3.530	738	2.968	404	1.563	1.314	6.675	688	2.925	1.099	4.818	4.818	
1749	6.129	27.254	630	3.541	3.913	812	3.354	486	1.642	1.335	6.695	803	3.271	1.122	4.838	4.838	
1753	6.566	29.305	622	3.232	4.724	814	3.783	510	2.091	1.372	6.229	900	3.892	1.180	5.417	5.417	
1757	3.512	20.350	160	1.934	2.542	832	3.802	387	1.852	444	2.972	796	3.880	351	3.363	3.363	
1762	4.530	25.083	298	2.714	4.429	839	4.239	344	1.782	1.020	4.038	940	4.017	445	3.903	3.903	
1766	4.747	20.417	499	2.546	3.939	843	3.177	276	1.205	716	3.011	912	3.829	638	2.710	2.710	
1808	4.766	22.349	420	2.761	4.194	828	3.500	324	1.412	786	3.566	930	4.106	710	4.820	4.820	
1784	4.183	16.731	485	1.942	3.667	877	3.500	318	1.275	493	1.973	597	2.388	496	1.990	1.990	
1791	3.968	15.421	649	2.154	2.984	791	3.312	324	1.171	585	2.334	481	2.018	341	1.446	1.446	
1801	3.477	14.010	325	1.300	3.940	587	2.350	240	980	500	1.900	400	1.000	400	1.000	1.000	
1814	1.614	6.395	356	1.424	1.545	370	1.412	108	434	176	706	138	554	80	220	220	
1822	586	2.350	100	400	250	50	290	62	250	150	600	75	300	50	350	350	
1827	467	1.874	45	180	404	111	446	64	258	68	271	53	212	25	161	161	

25) Esta população consta de Teschauer, *Hist. II*, 14, que dá só o número de almas, sendo o das famílias calculado pelo índice da média geral. Outros dados encontram-se na Col. de Apollida, B. N. Mss. I, 29, I, 119.

26) *Estado das Povos* 1768. Quadro estatístico. B. N. Mss. I, 29, 5, 42.

27) Azara. *Geograf. física*, cit. Cálculo médio quanto às famílias.

28) *Estados dos Povos*. Mss. I, 29, I, 119.

29) Gonçalves Chaves. *Memórias econômico-políticas*. Rev. Ins. R. G. S. 1932. 100.

30) S. Leopoldo. *Anais*. 2.ª ed. 262.

31) G. Chaves. *Mem. cit.* Esta é a lista de famílias, de 1801, calculadas pela média conhecida de 4 pessoas por família.

32) Mapa geral dos bens dos Povos, em 26-VII-1827. Última estatística conhecida da Administração Geral das Missões. Rev. Arquivo Público R. G. S. 1.ª pag. 76. Porto Alegre, 1931.

- 25) Esta população consta de Teschauer, *Hist. II*, 14, que dá só o número de almas, sendo o das famílias calculado pelo índice da média geral. Outros dados encontram-se na Col. de Angello, B. N. Mss. I, 29, I, 119.
- 26) *Estado dos Povos*, 1768. Quadro estatístico. B. N. Mss. I, 29, 5, 42.
- 27) Azara, *Geograf. Hist.*, cit. Cálculo médio quanto as famílias.
- 28) *Estados dos Povos*, Mss. I, 29, I, 119.
- 29) Gonçalves Chaves, *Memórias econômico-políticas*. Rev. Ins. R. G. S. 1932. 100.
- 30) S. Leopoldo, *Anais*, 2ª ed. 282.
- 31) G. Chaves, *Mem. cit.* Esta é a lista de famílias, de 1801, calculadas pela média conhecida de 4 pessoas por família.
- 32) Mapa geral dos bens dos Povos, em 26-VII-1827. Última estatística conhecida da Administração Geral das Missões. Rev. Arquivo Público R. G. S. d. I, pag. 76. Porto Alegre, 1971.